UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL

THIAGO DE SOUSA AMORIM

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO EM UMA COMUNIDADE RURAL NEGRA TIMONENSE: uma etnografia do Povoado Monteiro

TERESINA
2023

THIAGO DE SOUSA AMORIM

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO EM UMA COMUNIDADE RURAL NEGRA TIMONENSE: uma etnografia do Povoado Monteiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL), área de concentração em Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

TERESINA
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

A524e Amorim, Thiago de Sousa.
Estratégias de comunicação em uma comunidade rural negra timonense : uma etnografia do Povoado Monteiro / Thiago de Sousa Amorim. -- 2023.
174 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2023.
"Orientadora: Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa".

1. Evento comunicativo. 2. Interação comunicativa. 3. Povoado Monteiro de Timon (MA). 4. Etnografia da comunicação. 5. Estratégia de polidez. I. Costa, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. II. Título.

CDD 401.4

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

THIAGO DE SOUSA AMORIM

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO EM UMA COMUNIDADE RURAL NEGRA TIMONENSE: uma etnografia do Povoado Monteiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL), área de concentração em Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

Aprovada em: 30/03/2023

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa (Presidente)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

_____

Profa. Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima (Avaliadora externa)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

_____

Profa. Dra. Antônia Edna Brito (Avaliadora externa)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

_____

Profa. Dra. Iveuta de Abreu Lopes (Avaliadora interna)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

_____

Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (Avaliador interno)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

_____

Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho (Suplente)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

A meus avós, Leonarda Cavalcante (*In memoriam*) e Marcelo Alves Amorim, eternamente queridos, por sempre me apoiarem nos estudos.

Aos moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, pois sem eles esta pesquisa não seria possível de ser realizada.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos Orixás, por terem me permitido percorrer este caminho de pesquisa.

À Profa. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa, minha orientadora, pela sabedoria, compreensão e dedicação dispensadas ao meu trabalho. Agradeço pela oportunidade de me colocar nas tramas da etnografia.

Aos professores avaliadores que sempre estiveram à disposição para contribuir com o meu trabalho, Profa. Iveuta de Abreu Lopes, Profa. Stella Maris Bortoni-Ricardo, Prof. Juscelino Francisco do Nascimento, muito obrigado pelos encaminhamentos enriquecedores.

Ao Prof. Luizir de Oliveira, o nosso coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), muito obrigado pelo apoio e compreensão.

À Universidade Federal do Piauí (UFPI) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), por abrirem portas para a pesquisa científica na área de Letras.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo à pesquisa, através de bolsa de estudo, sem a qual não seria viável a realização desta tese.

À minha querida amiga, Profa. Laiane Gois, por me apresentar a Comunidade Quilombola Monteiro e por toda a ajuda dispensada ao longo desta caminhada.

Ao Senhor Reginaldo Silva, Presidente da Associação de Moradores do Povoado Monteiro, muito obrigado pela recepção e acolhimento na comunidade. Suas ajudas foram cruciais para a realização desta pesquisa.

À minha família, em especial minha avó, Maria Luísa de Sousa Araújo, meus pais, Leila Maria de Sousa Araújo e Reginaldo Alves de Amorim, meus irmãos, Marcela Letícia de Sousa Amorim, José Ribamar Pereira de Araújo Neto e Francisco Reginaldo Alves de Amorim Júnior, pelo incentivo e por sempre acreditarem no meu trabalho.

Ao meu primo, Jorge Luís Vieira de Araújo, pelo auxílio e companhia em algumas viagens ao campo.

Ao meu tio, José Ribamar Pereira de Araújo Júnior, pela disponibilidade em colaborar, para que eu pudesse chegar ao campo algumas vezes.

Ao meu amigo, Thyago Gutemberg Rodrigues de Souza, pelo companheirismo e pelo apoio neste momento delicado.

Ao meu amigo, Lueldo Teixeira Bezerra, pelo apoio e incentivo em alguns períodos difíceis da pesquisa.

A todos os familiares e amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Manifesto a todos, os meus sinceros agradecimentos!

Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro (MIKHAIL BAKHTIN).

RESUMO

Esta tese segue os pressupostos epistemológicos e metodológicos da etnografia da comunicação, apoiados pela sociolinguística interacional e teoria da polidez. Para tanto, O objetivo geral é investigar estratégias de comunicação no contexto sociocultural do Povoado Monteiro, em Timon (MA), de modo a considerar fenômenos da interação comunicativa inerentes a seus habitantes. Para se alcançar essa finalidade, delinearam-se os seguintes objetivos específicos: a) descrever eventos comunicativos pertinentes aos moradores do Povoado Monteiro, constituídos na interação verbal, por intermédio de componentes etnográficos previstos por Saville-Troike (2005); b) identificar e analisar as estratégias de polidez nas interações verbais entre os moradores da comunidade, a partir do modelo analítico previsto por Cunha (2009), que preconiza a descrição de três categorias: atos de fala profiláticos, atos de fala não profiláticos e máximas da interação; c) descrever e analisar estratégias comunicativas de polidez que ainda não foram previstas, bem como evidenciar aquelas que são mais e menos produtivas no *corpus*. Para o estudo dos padrões de comportamento comunicativo dos falantes enquadrados em uma cultura, a pesquisa tem como base a etnografia da comunicação, a qual orienta a descrição e análise de eventos comunicativos, de forma a destacar elementos materializados na interação entre os interlocutores, por intermédio das contribuições de Hymes e Gumperz (1972), Hymes (1976), Bortoni-Ricardo (2014), Saville-Troike (2005). Na perspectiva da sociolinguística interacional, a qual preconiza a constituição de significados por meio da interação social entre os utentes da língua, o estudo segue as conjecturas epistemológicas de autores relevantes, tal como: Goffman (1970). As noções sobre as estratégias de polidez têm como fonte as contribuições de Cunha (2009), Kerbrat-Orecchioni (2017) e Seara (2017). Por se tratar de uma investigação etnográfica, são importantes para o percurso metodológico da produção de dados, os quais são produzidos por meio de observação participante e entrevistas, os aportes de Frederick Erickson (2004a; 2004b; 2004c; 2004d), Bortoni-Ricardo (2008), Fritzen (2012), Santos (2012), Saville-Troike (2005), Costa (1988, 2020), dentre outros autores. Os dados da pesquisa revelam que a produção de estratégias de polidez e preservação da face diante do outro configuram sistematiza a constituição de um discurso relativo à situação de comunicação e papéis sociais relativos aos interlocutores. Nesse sentido e como resultado, foi possíviel evidenciar novas estratégias de polidez, ainda não registradas na literatura, enquanto dado observável, apenas como possibilidade teórica, as quais são descritas ao longo da análise, e que reverberam as estratégias de atos não-profiláticos, são elas: *realização de um questionamento*, com um percentual de 30,06% de ocorrência; *expressão de espanto, surpresa*, com 26,38%; *prospecção*, com 12,27%; *resposta ao questionamento*, com 10,43%; *realização de pergunta retórica*, com 9,20%; *resposta à pergunta retórica*, com 4,29%; *chamado*, com 3,07%; *confirmação de uma ideia*, com 2,45%; *aceitação de uma sugestão, comparação* e *apresentação de uma dúvida*, com um total de 0,61%. E, em relação às máximas interacionais, sugerimos a despeito do referencial teórico não contemplar: *descrever um fato*, com um percentual de 97,06% de ocorrência; e *negar um fato*, com um total de produção de 2,94%. São, portanto, estas estratégias as conclusões mais pertinentes da tese.

Palavras-chave: evento comunicativo; interação comunicativa; Povoado Monteiro, em Timon (MA); etnografia da comunicação; estratégias de polidez.

ABSTRACT

This thesis follows the epistemological and methodological assumptions of the ethnography of communication, supported by interactional sociolinguistics and politeness theory. Therefore, the general objective is to investigate communication strategies in the sociocultural context of Monteiro village in Timon (MA), in order to consider the phenomena of communicative interaction inherent to its inhabitants. To achieve this purpose, the following specific objectives were outlined: a) to describe communicative events relevant to the residents of Monteiro village, constituted in verbal interaction, through ethnographic components predicted by Saville-Troike (2005); b) to identify and analyze politeness strategies in verbal interactions among community residents, based on the analytical model provided by Cunha (2009), which advocates the description of three categories: prophylactic speech acts, non-prophylactic speech acts, and maxims of interaction; c) describe and analyze communicative politeness strategies that have not yet been foreseen, as well as highlight those that are more and less productive in the corpus. For the study of communicative behavior patterns of speakers framed in a culture, the research is based on the ethnography of communication, which guides the description and analysis of communicative events, in order to highlight elements materialized in the interaction between the interlocutors, for through the contributions of Hymes (1976), Bortoni-Ricardo (2014), Saville-Troike (2005). From the perspective of interactional sociolinguistics, which advocates the constitution of meanings through social interaction among language users, the study follows the epistemological conjectures of relevant authors, such as: Goffman (1970). Notions about politeness strategies are based on the contributions of Cunha (2009), Kerbrat-Orecchioni (2017) and Seara (2017). As it is an ethnographic investigation, the contributions of Frederick Erickson (2004a; 2004b; 2004c; 2004d), Bortoni-Ricardo (2008), Fritzen (2012), Santos (2012), Saville-Troike (2005), Costa (1988, 2020), among other necessary authors. The research data reveal that the production of politeness strategies and preservation of the face in front of the other configure the constitution of a speech related to the communication situation and social roles related to the interlocutors. In this sense and as a result, it was possible to highlight new politeness strategies, not yet registered in the literature, as observable data, only as a theoretical possibility, which are described throughout the analysis, and which reverberate the strategies of non-prophylactic acts, they are: *carrying out a questioning*, with a percentage of 30.06% of occurrence; *expression of astonishment, surprise*, with 26.38%; *prospecting*, with 12.27%; *response to questioning*, with 10.43%; *performing a rhetorical question*, with 9.20%; *answer to the rhetorical question*, with 4.29%; *called*, with 3.07%; *confirmation of an idea*, with 2.45%; *acceptance of a suggestion*, *comparison* and *presentation of a doubt*, with a total of 0.61%. And, in relation to interactional maxims, despite the theoretical framework, we suggest not contemplating: *describing a fact*, with a percentage of 97.06% of occurrence; and *deny a fact*, with a total production of 2.94%. Therefore, these strategies are the most pertinent conclusions of the thesis.

Key words: communicative event; communicative interaction; Monteiro de Timon village (MA); Ethnography of communication; Politeness strategies.

RESUMEN

Esta tesis sigue los presupuestos epistemológicos y metodológicos de la etnografía de la comunicación, sustentada en la sociolingüística interaccional y la teoría de la cortesía. Por lo tanto, el objetivo general es investigar las estrategias de comunicación en el contexto sociocultural de Povoado Monteiro de Timon (MA), para considerar fenómenos de interacción comunicativa inherentes a sus habitantes. Para lograr este propósito, se trazaron los siguientes objetivos específicos: a) describir eventos comunicativos relevantes para los habitantes de Povoado Monteiro, constituidos en interacción verbal, a través de componentes etnográficos predichos por Saville-Troike (2005); b) identificar y analizar las estrategias de cortesía en las interacciones verbales entre los habitantes de la comunidad, con base en el modelo analítico proporcionado por Cunha (2009), que aboga por la descripción de tres categorías: actos de habla profilácticos, actos de habla no profilácticos y máximas de interacción; c) describir y analizar estrategias de cortesía comunicativa que aún no han sido previstas, así como destacar aquellas que son más y menos productivas en el *corpus*. Para el estudio de los patrones de comportamiento comunicativo de los hablantes enmarcados en una cultura, la investigación se basa en la etnografía de la comunicación, que orienta la descripción y análisis de los eventos comunicativos, con el fin de resaltar elementos materializados en la interacción entre los interlocutores, pues a través de la contribuciones de Hymes (1976), Bortoni-Ricardo (2014), Saville-Troike (2005). Desde la perspectiva de la sociolingüística interaccional, que aboga por la constitución de significados a través de la interacción social entre usuarios de la lengua, el estudio sigue las conjeturas epistemológicas de autores relevantes, como: Goffman (1970). Las nociones sobre estrategias de cortesía se basan en las contribuciones de Cunha (2009), Kerbrat-Orecchioni (2017) y Seara (2017). Como se trata de una investigación etnográfica, los aportes de Frederick Erickson (2004a; 2004b; 2004c; 2004d), Bortoni-Ricardo (2008), Fritzen (2012), Santos (2012), Saville-Troike (2005), Costa (1988, 2020), entre otros autores necesarios. Los datos de la investigación revelan que la producción de estrategias de cortesía y preservación del rostro frente al otro sistematiza la constitución de un discurso relacionado con la situación comunicativa y los roles sociales relacionados con los interlocutores. En este sentido y como resultado, fue posible destacar nuevas estrategias de cortesía, aún no registradas en la literatura, como datos observables, sólo como posibilidad teórica, que se describen a lo largo del análisis, y que repercuten en las estrategias de comunicación no profiláctica. actos, son: *la realización de un interrogatorio*, con un porcentaje del 30,06% de ocurrencia; *expresión de asombro, sorpresa*, con 26,38%; *prospección*, con 12,27%; *respuesta al cuestionamiento*, con 10,43%; *realización de una pregunta retórica*, con 9,20%; *respuesta a la pregunta retórica*, con 4,29%; *llamado*, con 3,07%; *confirmación de una idea*, con un 2,45%; *aceptación de una sugerencia, comparación* y *presentación de una duda*, con un total de 0,61%. Y, en relación a las máximas interaccionales, a pesar del marco teórico no contemplar, sugerimos: *describir un hecho*, con un porcentaje del 97,06% de ocurrencia; y *negar un hecho*, con una producción total del 2,94%. Por lo tanto, estas estrategias son las conclusiones más pertinentes de la tesis.

Palabras claves: evento comunicativo; interacción comunicativa; Pueblo Monteiro de Timon (MA); etnografía de la comunicación; estrategias de cortesía.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comunidades quilombolas no território brasileiro 76
Figura 2 – Mapa da comunidade Monteiro 79
Figura 3 – Uma das moradas mais antigas da comunidade 82
Figura 4 – A quebra de coco 83
Figura 5 – Roça Multisseriada 83
Figura 6 – Colheita de arroz 85
Figura 7 – Barracão onde funciona a Igreja Católica do Povoado Monteiro 87
Figura 8 – Congregação Batista Vida Nova 88

LISTA DE QUADROS E GRÁFICO

Quadro 1 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Ouvinte 52
Quadro 2 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Falante..... 53
Quadro 3 – Estratégias de Polidez Positiva de Brown e Levinson..... 56
Quadro 4 – Estratégias de Polidez Negativa de Brown e Levinson 60
Quadro 5 – Estratégias *Off record* de Brown e Levinson 64
Quadro 6 – Máximas do modelo de Leech..... 67
Quadro 7 – Atos de Fala Profiláticos..... 69
Quadro 8 – Atos de Fala Não-Profiláticos..... 69
Quadro 9 – Máximas da Interação..... 72
Quadro 10 – Atos profiláticos: aparato de análise..... 121
Quadro 11 – Atos não-profiláticos: aparato de análise..... 127
Quadro 12 – Máximas da Interação: apato de análise..... 142
Gráfico 1 – Total estimado de localidades quilombolas em 2019..... 77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Ouvinte..... 120
Tabela 2 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Falante..... 124
Tabela 3 – Máximas da interação..... 140

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16
2 TECENDO AS TRAMAS DA ETNOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO 21
2.1 Antecedentes históricos 23
2.2 Alguns conceitos essenciais 24
2.3 Revisitando a noção de repertório comunicativo com vistas às variedades da língua ..31
2.3.1 Atitudes acerca da comunicação e sua relação com as variedades da língua.....37
2.1 Componentes constitutivos da organização de dados etnográficos.....41
3 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO: aporte teóricas sobre a polidez 44
3.1 O fenômeno da preservação da face por intermédio de estratégias de polidez 46
3.2 As categorias de análise em questão: atos de fala profiláticos, atos de fala não-profiláticos e máximas interacionais 49
4 PERCURSO METODOLÓGICO: caminhos possíveis para "estar lá" 74
4.1 Aspectos históricos, socioculturais e econômicos da Comunidade Quilombola Monteiro 78
4.1.1 O ambiente físico.....78
4.1.1 População 78
4.1.2 Atividades socioeconômicas.....82
4.1.3 Atividades socioculturais.....86
4.1.4 Atividades de lazer 89
4.2 O ingresso na comunidade.....89
4.3 Os sujeitos da investigação.....91
4.4 Classificação da pesquisa 92
4.5 Procedimentos técnicos de produção e análise dos dados.....96
4.5.1 Observação participante 96
4.5.2 Entrevistas 98
4.5.3 Instrumentos utilizados para a produção dos dados 100
4.5.4 Procedimentos de análise dos dados.....101
4.5 Questões éticas referentes à pesquisa 102
5 ANÁLISE DOS DADOS.....104
5.1 Descrição etnográfica dos eventos comunicativos 104
5.1.1 Evento Comunicativo 1 – Reunião da Associação dos Moradores 104

5.1.2 Evento Comunicativo 2 – Colheita manual de arroz na roça 108
5.1.3 Evento Comucativo 3 – Almoço dos trabalhadores de roça.....112
5.1.4 Evento Comunicativo 4 – Cobertura do rancho na roça 116
5.2 Análise das estratégias de polidez 120
5.3 Amalgamento entre estratégias comunicativas.....149
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....155
REFERÊNCIAS 162
ANEXOS 166

1 INTRODUÇÃO

Na comunidade rural negra, conhecida como Povoado Monteiro, localizada no município de Timon (MA), os moradores vivem em casas simples, cujas atividades lhes garantem a sobrevivência, dependem da criação, e, principalmente, da agricultura, do cultivo de mandioca, arroz, feijão e milho. Há, também, grande atividade de quebra de coco babaçu, em que as quebradeiras utilizam o coco para tirar azeite e com ele temperar a comida, fazer sabão, vender e utilizar a casca do coco para a produção de carvão, o qual é utilizado para cozinhar em fogareiros. Com a venda do azeite, as mulheres conseguem ajudar no sustento da casa. Tais atividades são realizadas por pequenos proprietários, de modo que a mão de obra é essencialmente pertencente ao núcleo familiar. Todas essas práticas são de subsistência, isto é, exclusivamente para o sustento da família e da comunidade. São formas de trabalho que não visam ao lucro e sequer fazem uso da tecnologia para executar as atividades diárias. Os instrumentos utilizáveis e acessíveis a eles são o machado, a foice, a enxada, o facão, dentre outros que são essenciais.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012) argumenta que muitos dos migrantes africanos foram trazidos para o continente americano, exclusivamente como mão de obra forçada. A partir de então, eles procuraram meios de resistência à escravidão da época e com o intuito de fugir do sistema opressor, fundaram quilombos espalhados pelo território brasileiro. Para tanto, essas comunidades remanescentes, dentre as quais destaca-se a comunidade rural Monteiro de Timon (MA), compreende fortes influências linguísticas que merecem destaque na descrição do português. Ademais, abrange relevância na garantia de direitos e respeito às diversidades identitárias que contribuem para o respeito à diversidade sociocultural dos países americanos, com o apoio de avanços legais propiciados pela Constituição Federal de 1988.

A motivação central para este pesquisador é resultado de suas experiências pessoais ainda criança e adolescente, em uma comunidade rural negra maranhense, onde habitavam os seus avós. Historicamente, havia sido formada por negros na época da escravidão, mas que a sua identificação nunca fora constituída como comunidade quilombola, sobretudo porque os próprios moradores escondiam tal identidade. Não sendo possível realizar pesquisas lá, aproveitamos esta oportunidade acadêmica para, então, empreendermos um estudo em uma comunidade quilombola mais próxima, qual seja: Povoado Monteiro, única comunidade timonense certificada como quilombola.

Por conseguinte, a escolha pelo Povoado Monteiro se justifica por três razões: primeiro, abrange um número expressivo de nativos, interlocutores que nasceram em Timon (MA) ou na própria comunidade e que têm como herança aspectos histórico-culturais, embora muitas marcas identitárias, a incluir língua e cultura, tenham sofrido ressignificações ao longo do tempo na memória histórica dos habitantes do povoado, a qual envolve crenças e costumes de seus antepassados. Segundo, abarca um número comprimido de migrantes, que por motivos diversos instalaram-se no núcleo da referida população. E, por último, é considerada, atualmente, a mais antiga e tradicionalista da região, sendo a única comunidade da região possuidora de certidão emitida pela Fundação Cultura Palmares[1], bem como certificação municipal e estadual.

Escolhemos estudar estratégias de comunicação da comunidade monteirense porque nos chamaram muito a atenção relatos de pessoas que conhecem os moradores de lá, a respeito do modo como eles falam, a destacar diferenças no que tange a aspectos fonético-fonológicos e prosódicos. Para tanto, fomos levados a realizar observações sobre a língua falada e suas variações linguísticas percebidas na comunidade, através do contato com pessoas nativas, durante visitas frequentes para tal fim. A partir disso, resolvemos realizar uma investigação sistemática sobre o comportamento linguístico dos falantes do Povoado Monteiro, em situações interacionais rotineiras de comunicação. Desse modo, é importante ressaltar que, incialmente, a nossa pesquisa tinha como viés o estudo de variáveis (extra)linguísticas a partir da ótica laboviana, a fim de buscar levantar os casos de variação fonológica e atitudes dos falantes nativos em relação a sua fala e a fala do outro. Contudo, esse delineamento não foi possível, uma vez que passamos a observar outros aspectos relativos às interações de comunicação entre os interactantes da comunidade, os quais serão melhor detalhados ao longo do trabalho, de modo que as escolhas epistemológicas e metodológicas recaíram sobre a etnografia da comunicação, sociolinguística interacional e teoria da polidez.

A comunidade rural Monteiro, em Timon (MA), é um povoado pouco visitado hodiernamente por representantes de movimentos negros e estudiosos de diversas áreas – nutricionistas, enfermeiros, historiadores e antropólogos –, interessados por pesquisar peculiaridades de comunidades negras rurais na referida localidade. Nossa proposta reside em

[1] A Fundação Cultural Palmares tem a competência de certificar comunidades quilombolas, de forma que sejam respeitados os direitos de autodefinição preconizados pela Convenção n. 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), levando em consideração aspectos históricos e geográficos, manifestações culturais (festejos, religiões), atividades produtivas de subsistência, dentre outras questões importantes à tradição da comunidade.

observar, descrever e analisar aspectos comunicativos dessa comunidade, em situações cotidianas diversas.

Neste sentido, é evidente a presença de lacunas de pesquisas, sobretudo no campo da linguagem, uma vez que não foram encontrados trabalhos que tratassem sobre a temática aqui elencada. Para que se chegasse a tal suposição, foi realizada uma busca criteriosa de artigos, monografias, dissertações e teses em diversas plataformas digitais e repositórios institucionais. Pela falta de estudos na área, desenvolvidos na comunidade em questão, é cabível salientar a necessidade de pesquisas que visem à descrição etnográfica de aspectos comunicativos pertinentes às diversas situações comunicativas da localidade, partindo da premissa de se estudar a relação entre linguagem e sociedade, ou melhor, entre língua, cultura e sociedade.

Assim, o objetivo geral da tese é investigar estratégias de comunicação no contexto sociocultural do Povoado Monteiro, de Timon (MA), de modo a considerar fenômenos da interação comunicativa inerentes a seus habitantes. Para cumprir tal desiderato, elencamos objetivos específicos, quais sejam:

i. Descrever eventos comunicativos pertinentes aos moradores do Povoado Monteiro, constituídos na interação verbal, por intermédio de componentes etnográficos previstos por Saville-Troike (2005);
ii. Identificar e analisar as estratégias de polidez nas interações verbais entre os moradores da comunidade, a partir do modelo analítico previsto por Cunha (2009), que preconiza a descrição de três categorias: atos de fala profiláticos, atos de fala não profiláticos e máximas da interação;
iii. Descrever e analisar estratégias comunicativas de polidez, inclusive que ainda não foram previstas pelo referencial teórico, em pesquisas anteriores, embora possíveis de se constituir em conformidade com as prescrições teóricas.

Considerando tais objetivos e a lacuna apresentada, propomos uma pesquisa cuja base teórica é ancorada nos pressupostos da sociolinguística interacional, a qual preconiza a constituição de significados por meio da interação social entre os utentes da língua, seguindo as conjecturas epistemológicas de autores tais como: Goffman (1970). Pelo fato de estudarmos os padrões de comportamento comunicativo dos falantes enquadrados em uma cultura, adotamos a linha teórica e metodológica da etnografia da comunicação, que orienta a descrição e análise de eventos comunicativos, de modo a destacar elementos materializados na interação entre os interlocutores, por intermédio das contribuições de Hymes (1976), Bortoni-Ricardo (2014) e Saville-Troike (2005). Por se tratar de uma investigação etnográfica, são importantes para o percurso metodológico da produção de dados, as contribuições de Frederick Erickson

(2004a; 2004b; 2004c; 2004d), Bortoni-Ricardo (2008), Fritzen (2012), Santos (2012) e Costa (1988, 2020).

O desdobramento desta pesquisa poderá trazer contribuições a estudos da área a serem realizados, visto que fazemos uma análise de estratégias de comunicação no tocante à polidez em interações verbais constituídas em práticas cotidianas da comunidade em questão, de forma a buscar compreender como os interactantes usam tais estratégias em relação à preservação da face. Nesse sentido, é possível trazer contribuições teórico-práticas para o estudo de estratégias comunicativas em comunidades específicas e para as relações significativas entre os sujeitos envolvidos em eventos comunicativos, fazendo uso de estratégias de polidez e preservação da face em situações socioculturais diversas. Desse modo, vemos como relevância acadêmica os alinhamentos teórico e metodológico, por estarem ancorados nas perspectivas da etnografia da comunicação, sociolinguística interacional e teoria da polidez, as quais fornecem subsídios significativos para a análise.

Inferimos que a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social torna-se o objeto de estudo da Sociolinguística, tendo, como ponto de partida, uma comunidade de fala que, nas palavras de Tânia Alkmim (2012, p. 33), é "um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos". A autora esclarece, ainda, que toda comunidade de fala se caracteriza por diferentes modos de falar, a considerar o nível fonético-fonológico, morfossintático e lexical. Para retratar fenômenos sociolinguísticos interacionais no Povoado Monteiro, nos filiamos à etnografia da comunicação, a qual assume a posição de que estudar uma comunidade de fala não se esgota em particularizar níveis referentes à língua, uma vez que para compreender o comportamento linguístico de uma comunidade pressupõe descrever e analisar não apenas as regras que dizem respeito à linguagem, em relação às estruturas no discursivo, na seleção de variedades de língua e nas funções estilísticas, mas relacionar tais estruturas com o seu uso real (HYMES, 1976; SAVILLE-TROIKE, 2005).

É sabido que as estratégias de comunicação em relação à polidez são inerentes a qualquer evento comunicativo, possuindo, é claro, diferenças em relação ao ambiente sociocultural em que os utentes da língua estão inseridos. Nesse contexto, levantamos alguns questionamentos os quais nortearam a proposição desta pesquisa, quais sejam: que estratégias de polidez são utilizadas pelos habitantes da Comunidade Quilombola Monteiro, em situações de interação comunicativa? E, como elas interferem no comportamento sociolinguístico deles em relação à preservação da face?

Dadas essas informações a respeito do delineamento da investigação, é importante destacar a estrutura organizacional da tese, que assim se particulariza:

No primeiro capítulo, intitulado: “Tecendo as tramas da etnografia da comunicação”, são discorridos conceitos imprescindíveis sobre a área, com base, principalmente, em Muriel Saville-Troike (2005), dentre outros autores que se fizeram necessários para a efetuação da discussão, seja para apresentar termos e categorias teóricas, seja para apresentar relatos de pesquisas prévias, as quais foram embasadas epistemologicamente pela etnografia da comunicação no estudo de fenômenos sociolinguísticos em comunidades de fala distintas.

No segundo capítulo, intitulado: “Estratégias de comunicação: aporte teórico sobre a polidez”, apresentamos uma discussão sobre a teoria da polidez, a fim de discutir sobre os princípios e críticas estabelecidas dentro da área. Para tanto, relacionamos a questão da polidez com o fenômeno da preservação da face e evidenciamos as categorias que foram utilizadas para a análise dos dados, quais sejam: atos de fala profiláticos, atos de fala não-profiláticos e máximas conversacionais.

No terceiro capítulo, que tem como título: “Percurso metodológico: caminhos possíveis para “estar lá”, buscamos apresentar uma descrição histórica e sociocultural da Comunidade Quilombola Monteiro, tais como, o ambiente físico, a população, as atividades econômicas, culturais e de lazer. Descrevemos o percurso para se chegar à comunidade e alcançar os moradores de lá; os sujeitos participantes, a classificação da pesquisa; e os procedimentos técnicos de produção e análise de dados, que são: observação participante e entrevistas, bem como os instrumentos utilizados para a produção de dados e procedimentos para se realizar a análise deles. Além dos mais, apresentamos algumas questões éticas referentes à pesquisa.

Por fim, no quinto capítulo, intitulado “Análise de dados”, apresentamos uma descrição etnográfica dos eventos comunicativos referentes a situações de comunicação pertinentes às práticas interacionais do cotidiano dos moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, com base em Muriel Saville-Troike (2005); após essa descrição, realizamos a análise de dados a respeito das estratégias de polidez utilizados pelos interactantes em situações interacionais em relação a sua significação em direção à preservação da face, segundo o modelo preconizado por Eva Cunha (2009).

2 TECENDO AS TRAMAS DA ETNOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO

A etnografia da comunicação, anteriormente conhecida como etnografia da fala, tem suas raízes na antropologia, a partir dos postulados teóricos e metodológicos de Dell Hymes, que em consonância com a sociolinguística interacional, abrange uma gama de possibilidades de estudo acerca da linguagem. É uma área consideravelmente nova na Ciência, entretanto, é perceptível a sua contribuição não apenas na interpretação de culturas, das regras de interação comunicativa e modos de falas em diferentes sociedades, pensando em sua importância para a Linguística e Antropologia, como também em contextos educacionais e comerciais.

Vale ressaltar que o estudo da comunicação em um viés etnográfico abarca, além dos campos citados, o Jornalismo e a Administração, além de outros não menos importantes para a construção do saber científico. Assim, é notável o reconhecimento de sua significância para a comunidade acadêmica, na busca por compreensões de sociedades humanas, no que respeita ao modo como as pessoas se comunicam, a considerar, sobremaneira, suas peculiaridades linguísticas, sociais e culturais que estão em relevo nos processos interacionais a elas associados.

A formulação teórica e metodológica empreendida por Muriel Saville-Troike (2005) acerca da etnografia da comunicação é intensamente influenciada pelas ideias de Dell Hymes. A autora traz uma contribuição substancial para o desenvolvimento e aplicabilidade disciplinar da área, expandindo e esclarecendo significativamente concepções anteriormente propostas pelo referido autor, como as noções de forma e conteúdo da mensagem.

A fim de conceituar a etnografia da comunicação, partimos de compreensões que adestram o termo. Primeiramente, é importante considerar a noção de etnografia, que diz respeito à descrição e análise da cultura; em seguida, evidenciamos a definição de linguística, um campo de estudo que tem por ocupação a descrição e análise do código das línguas, dentre outras questões sobressalentes.

Seguindo a linha de pensamento de Saville-Troike (2005), a ampla correlação existente entre linguagem e cultura não pode ser compreendida simplesmente pelo elo conceitual entre etnografia e linguística, a ponderar que produtos descritivos e analíticos de etnógrafos linguistas/linguistas etnógrafos fracassaram. Assim, os estudiosos deixaram notáveis lacunas por não considerarem que os usos da língua vão além de uma apreciação trivial do código, em virtude de que a língua e a fala, em diferentes contextos sociais, possuem padrões próprios os quais requerem descrições e análises etnográficas comparavelmente aos padrões da organização social e dos domínios culturais inerentes aos sujeitos utentes da língua.

A autora elucida que foi a omissão dessa percepção o ponto de partida para que Dell Hymes requisitasse um prisma teórico e metodológico que colocasse em pauta aspectos da comunicação negligenciados pela antropologia, tanto quanto pela linguística. A partir desta questão, a etnografia da comunicação tornou-se uma "[...] disciplina emergente que enfrenta uma ordem fundamentalmente nova de informação na estruturação da conduta comunicativa e seu papel no manejo da vida social." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 13, tradução nossa[2]).

Para o desdobramento da etnografia da comunicação, é preciso considerar o conhecimento que um falante necessita para se comunicar adequadamente em uma comunidade de fala particular e como ele o adquire. Saville-Troike (2005) chama a atenção destas questões para elucidar o conceito de competência comunicativa, a qual é constituída no entrelaçamento do conhecimento e das destrezas utilizadas pelo sujeito. Logo, o conhecimento requerido gravita em torno de diferentes aspectos, quais sejam: a) regras linguísticas e sociolinguísticas de comunicação; b) regras de interação compartilhadas entre os sujeitos; c) regras culturais que regem o contexto e conteúdo dos eventos e interações comunicativos.

Em seu estudo intitulado "Pelas falas do Canto: uma etnografia", Catarina Costa (1988) retoma Dittmar (1976), com o intuito de apresentar quatro tendências que mediam a relação entre fatos linguísticos e sociais, considerando que, sob o viés da sociolinguística, são possibilidades analíticas. A primeira e a segunda evidenciam que os fatos linguísticos são tomados como reflexos privilegiados diante dos fatos sociais. A terceira, diferentemente das duas primeiras, advoga que os fatos linguísticos são condicionados pelos fatos sociais, isto é, considera que o comportamento linguístico do falante é determinado pela estrutura social, conforme as lições teóricas da etnografia da fala, desenvolvida por Dell Hymes. A quarta tendência considera os fatos linguísticos e sociais como interdependentes, determinando-se reciprocamente, à medida que "[...] para se compreender e explicar a fala de um dado grupo social é necessário que se compreenda acima de tudo o que ela representa e que visão de mundo ela conduz [...] e produz, de que mundo real ou imaginário ela resulta e ajuda a construir." (COSTA, 1988, p. 9). Assim, depreendemos que a língua não comporta meramente aspectos linguísticos, mas também aspectos socioculturais, de maneira determinante, passando a ser considerada o ponto de partida para a compreensão de um determinado comportamento linguístico, mas não o ponto de chegada, uma vez que há a necessidade de se analisar os aspectos sociais e culturais da comunidade em apreço.

---

[2] Tradução do original:
"[...] disciplina emergente que encara un orden fundamentalmente nuevo de información en la estructuración de la conducta comunicativa y su papel en el manejo de la vida social." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 13).

Levando-se em consideração a dimensão do prisma social para a descrição e análise da comunicação, é devidamente necessário evidenciar a noção de comunidade de fala que, segundo Saville-Troike (2005), individualiza o centro de atenção da etnografia da comunicação. Neste aspecto, a comunidade de fala é o local apropriado em que podemos perceber o modo de sistematização e organização da comunicação como sistema de eventos comunicativos e os modos como eles interagem com os sistemas culturais.

2.1 Antecedentes históricos

Historicamente, a etnografia sempre foi o ponto central da antropologia, tanto na Inglaterra, com uma vertente funcionalista a qual foi desenvolvida com orientações de A. R. Radcliffe-Brown e Bronislaw Malinowski, quanto nos Estados Unidos, tradicionalmente guiada pelas contribuições de Franz Boas e Alfred Kroeber, a partir de estudos em uma perspectiva estática dos padrões culturais. Vale ressaltar que o foco empreendido por Malinowski se ocupava, sobretudo, do significado social e cultural. (SAVILLE-TROIKE, 2005).

A estudiosa destaca autores que contribuíram fortemente para o desenvolvimento da etnografia da comunicação, partindo da tradição estado-unidense da linguística descritiva interligada com o trabalho de campo antropológico como Edward Sapir, e autores mais recentes que estudavam as línguas ameríndias como Floyd Lounsbury, Mary Haas, Carl Voegelin, Paul Friedrich e Dell Hymes.

Embora a etnografia tenha sofrido um declínio dentro do campo de atuação da antropologia no meio do século XX, justamente no momento em que os valores científicos começavam a favorecer a estrutura social, houve uma motivação para que novamente ela despertasse interesse de pesquisa, derivada da reformulação cognitiva da noção de cultura por Goodenough.

A partir de então, considera-se "[...] que a tarefa da etnografia é o descoberta e a explicação das regras da conduta contextualmente apropriada em uma comunidade ou grupo; em outras palavras, o que o indivíduo necessita conhecer para ser um membro funcional da comunidade é sua cultura." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 18, tradução nossa[3]). Dentro desse contexto, em que a etnografia ressurge reivindicando o seu papel nas pesquisas antropológicas,

[3] Tradução do original:
"[...] que la tarea de la etnografía es el descubrimiento y la explicación de las reglas de la conducta contextualmente apropiada en una comunidad o grupo; en otras palabras, lo que el individuo necesita conocer para ser un miembro funcional de la comunidad es su cultura." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 18).

ocorre a gênese das orientações interacionista e cognitiva na sociologia idealizada por Erving Goffman e Cicourel nos idos da década de 1970.

Desde o final da década de 1960, muitos linguistas começaram a perceber inconsistências em teorias antecedentes, empreendendo críticas ao estruturalismo e ao gerativismo, sobretudo por considerarem a necessidade de não apenas evidenciar o que pode e o que não pode se dizer em uma língua, mas considerar, indubitavelmente, elementos que anteriormente ficavam ocultos, como o que se pode dizer, quando, por quem, para quem, de que maneira e sob que circunstâncias sociais (SAVILLE-TROIKE, 2005).

2.2 Alguns conceitos essenciais

Saville-Troike (2005) faz um apanhado dos principais conceitos da etnografia da comunicação, tais como foram desenvolvidos por Dell Hymes, quais sejam: padrões e funções da comunicação, natureza e definição da comunidade de fala, meios da comunicação, componentes da competência comunicativa, relação da linguagem com a perspectiva do mundo e a organização social, universais linguísticos e sociais e desigualdades.

Os padrões da comunicação são uma das preocupações básicas da etnografia da comunicação. Desde o início dos estudos sociolinguísticos, autores como Labov, Bailey e Trudgill apontaram críticas à noção de "variação livre", termo frequentemente utilizado no estruturalismo, por exemplo, o qual pressupõe que as variações têm caráter aleatório. Assim, os autores desconstroem essa definição, a considerar que a conduta linguística possui padrões estatísticos regulares. Segundo Saville-Troike (2005), descobrir regularidades no uso da linguagem é uma tarefa da etnografia da comunicação, e, que, por um lado, os sociolinguistas se ocupam da variabilidade da pronúncia e da forma gramatical, por outro lado, os etnógrafos se concentram em "[...] como se organizam as unidades comunicativas e em como formam padrões em um sentido mais amplo dos 'modos de falar', ademais de como esses padrões se inter-relacionam de um modo sistemático com outros aspectos da cultura e derivam significados deles." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 23-24, grifo da autora, tradução nossa[4]).

Com base em Hymes (1961), a autora assevera que os padrões ocorrem em todos os níveis da comunicação, a saber: social, grupal e individual. Ocorrem no nível social porque há

[4] Tradução do original:
"[...] cómo se organizan las unidades comunicativas y como forman patrones en un sentido mucho más amplio de los 'modos de hablar', además de cómo esos patrones se interrelacionan de un modo sistemático con otros aspectos de la cultura y derivan significados de ellos." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 23-24, grifo da autora).

padrões relativos aos atos comunicativos em termos de funções, categorias de fala e atitudes e concepções acerca da linguagem e falantes. No nível grupal porque os padrões de comunicação são apresentados conforme os papéis e grupos particulares de uma dada sociedade, como o sexo, a idade, o status social e a ocupação, uma vez que os modos de falar apresentam padrões segundo os aspectos: nível de educação, residência rural ou urbana, a região geográfica, bem como outras características peculiares à organização social. Por último, ocorrem no nível individual, da expressão e da personalidade, visto que a há símbolos convencionais que fazem parte dos padrões de comunicação, a depender das normas culturais.

Se pensamos nos modos de falar de um professor, percebemos, evidentemente, que são divergentes dos de um advogado, de um médico, de um vendedor, em virtude das propriedades do nível grupal dos padrões de comunicação. Já no nível individual, é possível evidenciar diferentes modos de expressar sentimentos, dores, tensões, a depender dos padrões culturais vinculados às sociedades, como, por exemplo, na língua inglesa, as pessoas apresentam um comportamento raivoso, na japonesa, uma risada nervosa e em navajo, o silêncio. (SAVILLE-TROIKE, 2005). É importante observar que a autora chama a atenção para o fato de que, embora os referidos níveis tenham sido descritos em separado, eles se relacionam mutuamente, conforme os padrões estabelecidos no seio da sociedade, além dos sistemas de crenças e valores culturais.

Com relação às funções da comunicação, Saville-Troike (2005, p. 26, tradução nossa[5]) argumenta que a linguagem tem muitas funções no nível social, como "[...] criar/reforçar fronteiras, reunir seus falantes como membros de uma mesma comunidade de fala, e excluir os estranhos da comunicação intragrupal [...]". No nível de indivíduos e grupos, as funções estão interligadas com os propósitos de cada sujeito em situação de interação, as quais incluem: função expressiva, diretiva, referencial, poética, fática e metalinguística. Estas categorias de funções comunicativas são oriundas dos atos de fala/pragmática e que têm relação com a perspectiva da etnografia da comunicação. Contudo, a autora evidencia que, entre as duas áreas, há divergência epistemológica no que tange ao centro de interesse, em virtude de a primeira ter foco na forma, enquanto que a última prioriza a função na descrição e análise.

É significativo refletir sobre o conceito de comunidade de fala, posto que ela é o centro de atenção da etnografia da comunicação, com vistas ao modo em que os padrões

[5] Tradução do original:
"[...] crear/reforzar fronteras, reunir a sus hablantes como miembros de una misma comunidad de habla, y excluir a los extraños de la comunicación intragrupal […]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 26)

comunicativos se organizam dentro dela. Muitos conceitos teóricos já foram formulados para a compreensão. Neste sentido, Saville-Troike (2005) destaca:

> [...] Muitas definições foram propostas (cf. Hudson, 1980: 25-30), incluindo critérios como compartilhamento da língua (Lyons 1970), frequência de interação em um grupo de pessoas (Bloomfield, 1933; Hockett, 1958; Gumperz, 1962), regras compartilhadas de fala e sua interpretação (Hymes, 1972), atitudes e valores compartilhados em relação às formas e ao uso da língua (Labov, 1972), e entendimentos socioculturais compartilhados e pressupostos sobre a fala (Sherzer, 1975). (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 27-28, tradução nossa[6]).

Como podemos perceber, há um consenso entre os linguistas no que respeita à conceituação de comunidade de fala, a qual não deve ser equiparada a um grupo de pessoas que falam a mesma língua. Neste contexto, podemos citar como exemplo que, embora os brasileiros e portugueses compartilhem o mesmo código de língua, eles pertencem a diferentes comunidades de fala, bem como os espanhóis, chilenos e argentinos, que, a pesar de compartilharem a língua espanhola, são pertencentes a diferentes comunidades. Além do mais, é possível citar, segundo a autora, que há comunidades de fala no Pacífico Sul que partilham de diferentes línguas para se comunicarem entre si. No geral, é importante assinalar que, dentro de comunidades específicas, diferentes regras de fala são significantes e convivem juntas, e, que, para compreendê-las, são necessários estudos etnográficos que esmiúcem não apenas os fatores linguísticos inerentes aos indivíduos, porque eles não dão conta de uma descrição e análise apropriadas ao campo, mas fatores relacionados à história, política, identificação grupal dentro da cultura. Isto é, compreender as regras de fala de uma comunidade pressupõe conhecer como ela se estrutura e organiza socialmente.

Algumas questões colocam a investigação etnográfica em um círculo vicioso na definição de um grupo de estudo, como: os padrões de uso e interpretação da língua, as regras de fala e as atitudes sobre a língua. Neste viés, entendemos que essa circularidade deve ser reduzida, à medida que os etnógrafos iniciem suas pesquisas com uma entidade social definida, a considerar os fatores extralinguísticos e investiguem o seu repertório comunicativo, de modo a evidenciar alguns aspectos importantes: natureza e distribuição dos recursos linguísticos, refletindo sobre a forma de sua organização e estruturação, de sua relação com a organização

[6] Tradução do original:
"[...] Se propusieron muchas definiciones (cf. Hudson, 1980:25-30), incluyendo criterios como el uso compartido de la lengua (Lyons 1970), frecuencia de interacción en un grupo de personas (Bloomfield, 1933; Hockett, 1958; Gumperz, 1962), reglas compartidas de habla y su interpretación (Hymes, 1972), actitudes y valores compartidos respecto de las formas y uso de la lengua (Labov, 1972) y entendimientos socioculturales compartidos y presuposiciones respecto del habla (Sherzer, 1975)." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 27-28).

social e de seu funcionamento como componente estruturado e integrado da comunidade. (SAVILLE-TROIKE, 2005).

Como bem pontua a autora, a definição de comunidade de fala não é uma tarefa fácil, principalmente pelos diferentes alcances atribuídos a ela, em conformidade com três critérios sobressalentes:

> 1. É qualquer grupo dentro de uma sociedade que tenha algo significativo em comum (incluindo religião, etnia, raça, idade, surdez, orientação sexual ou ocupação, mas não a cor dos olhos ou altura).
> 2. É uma unidade fisicamente limitada de pessoas que têm um espectro completo de oportunidades de papel (uma tribo ou nação politicamente organizada, mas não uma unidade de um único sexo, uma única idade ou uma única classe, como um mosteiro, casa de idoso ou gueto).
> 3. É uma coleção de entidades situadas semelhantes que têm algo em comum (tais como o mundo ocidental, as nações em desenvolvimento, o Mercado Comum Europeu ou as Nações Unidas). (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 29, tradução nossa[7]).

Isto posto, é interessante destacar que, embora em uma sociedade seja possível os indivíduos se concentrarem em subgrupos específicos – como em escolas, comércios, comunidades LGBTQIA+ –, há a necessidade de se estabelecer relações com o grupo sociocultural em sua totalidade. Deste modo, a autora menciona que não existem expectativas para que as comunidades sejam linguisticamente homogêneas, uma vez que as diferentes variedades de uma língua, incluindo as que possuem diferentes línguas para se comunicarem, formulam padrões relativos às dimensões sociais, tanto quanto culturais, inerentes à comunicação, tais como os papéis e domínio. Evidentemente, os padrões respectivos aos usos do código de língua (fonologia, gramática e léxico) não determinam, por si mesmos, uma comunidade a ser estudada, em que a sua descrição resulta de um trabalho etnográfico em harmonia com critérios não linguísticos (inclusão de fenômenos paralinguísticos e não verbais que têm significados convencionais na comunidade fala).

Contudo, para caracterizar uma comunidade de fala, é indispensável a base de critérios linguísticos determinados, levando em consideração que tanto os antropólogos quanto os

[7] Tradução do original:
"1. Es cualquier grupo de una sociedad que tiene cualquier cosa significativa en común (incluyendo religión, etnia, raza, edad, sordera, orientación sexual u ocupación, pero no color de ojos o altura).
2. Es una unidad físicamente limitada de personas que tienen un espectro completo de oportunidades de roles (una tribu o nación políticamente organizada, pero no una unidad de un solo sexo, una sola edad o una sola clase como un monasterio, un geriátrico o un ghetto).
3. Es una colección de entidades similares situadas que tienen algo en común (tales como el mundo occidental, las naciones en vías de desarrollo, em Mercado Común Europeo o las Naciones Unidas)." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 29).

sociólogos utilizam parâmetros oriundos da linguagem para essa questão, levando a autora a considerar que a circularidade é algo inevitável.

Saville-Troike (2005) propõe uma tipologia informal para caracterizar as comunidades de fala, de modo que elas possam ser distinguidas por duas categorias básicas: a) comunidades de camadas fracas; e b) comunidades de camadas fortes. Ambas as categorias dizem respeito à base de fortaleza das fronteiras mantidas pela língua. Em "b", temos comunidades que possuem fronteiras fortes, as quais permitem minimamente as interações entre os seus membros e os membros pertencentes a outras comunidades, o que as tornam isoladas em relação a outras culturas, visto que demandam a manutenção máxima das marcas linguísticas e culturais contiguas a elas. Já as comunidades de camadas fracas são aquelas que permitem com grande facilidade a interação comunicativa entre membros de diferentes contextos socioculturais.

A exemplo, citamos, por um lado, comunidades comerciais, as quais podem ser categorizadas como de camadas fracas, uma vez que há facilidade de interação entre membros, em relação às fronteiras linguísticas. Por outro lado, evidenciamos comunidades ciganas brasileiras que podem ser classificadas como d camadas fortes, uma vez que utilizam variedades linguísticas específicas ao grupo, a fim de manter distanciamento de outras comunidades de fala.

No estudo de Costa (1988), cujo objetivo foi descrever e analisar a situação sociolinguística de uma comunidade rural piauiense chamada Povoado Canto, a autora detectou seis falares distintos do falar da região. Nos dados de fala que constituíram o corpus da pesquisa, foram analisados traços fonéticos e prosódicos do falar da localidade em apreço, em comparação com a fala de Angical. Ao descrever os traços prosódicos da fala de Angical, a pesquisadora destaca que o tom da sílaba tônica proeminente e o contorno melódico conduzem significado relativo à atitude dos falantes, de forma complementar. Assim, a sílaba tônica proeminente das unidades tonais, em que os tons são médios e meio altos, apontam afirmações, ao passo que o tom alto expressa interrogação e o tom de contorno complexo ascendente-descendente, admiração.

"A fala do Canto caracteriza-se ainda como diferente da fala de Angical pela própria qualidade da voz produzida pelos falantes, que é, de maneira geral, palatalizada, dentalizada, sussurrada e murmurada." (COSTA, 1988, p. 110). Neste contexto, fica claro que, embora os moradores do Canto tentem aproximar o seu falar ao do da região, há formas sociolinguísticas que são características deles e que tornam, por vezes, o entendimento incompreensível.

Outro tema discutido por Saville-Troike (2005) é o de competência comunicativa, que tem um papel preponderante na aplicabilidade da etnografia da comunicação em contextos de investigação em uma determinada comunidade de fala.

Para a autora:

> A competência comunicativa se estende ao conhecimento e à expectativa de quem pode ou não falar em determinados ambientes, quando falar e quando ficar em silêncio, com quem falar, como falar com pessoas de diferentes status e funções, quais comportamentos não verbais são apropriados em vários contextos, quais são as rotinas de troca de turnos na conversa, como pedir e dar informação, como fazer pedidos, como oferecer ou recusar ajuda ou cooperação, como dar ordens, como impor disciplina e outros [...] (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 32, tradução nossa[8]).

Considerando tais questões, as quais se tornam cruciais para o estudo da comunicação, é compreensível a importância de olharmos para o código da língua. Contudo, o fazer etnográfico vai muito além dessa posição, estendendo-se para tópicos essenciais, como, o que dizer, para quem dizer e como dizer, em relação com o conhecimento social e cultural que os falantes têm, que o tornam capazes de usar e de interpretar as formas linguísticas que se concretizam em interações comunicativas nas quais estão inseridos os sujeitos utentes da língua. Isto é, tudo o que envolve o uso da língua e outras extensões comunicativas deve se relacionar com os marcos sociais particulares.

O conceito atribuído à competência comunicativa dede ser interligado com o conceito de competência cultura, aquela que diz respeito ao conhecimento e as habilidades que os sujeitos falantes trazem para uma dada situação comunicativa. Para Saville-Troike (2005), esta perspectiva tem relação com um enfoque semiótico, o qual define cultura como significado. Neste caminho, os etnógrafos, não apenas os da comunicação, tratam os sistemas culturais como padrões simbólicos, tendo a língua como apenas um sistema de símbolos dentro dessa rede. Assim, o significado a ser interpretado pelo etnógrafo acerca do comportamento linguístico requer, especialmente, conhecer o significado no qual ele está imerso.

Para se comunicar em uma comunidade de fala, Saville-Troike (2005) enfatiza uma gama de conhecimentos que são essenciais para os falantes. Em primeiro plano, ela destaca o

---

[8] Tradução do original:
"La competencia comunicativa se extiende al conocimiento y la expectativa de quién puede o no hablar en ciertos marcos, cuándo hablar y cuándo guardar silencio, a quien se le puede hablar, cómo se puede hablar a personas de diferentes estatus y roles, cuáles conductas no verbales son apropiadas en diversos contextos, cuáles son las rutinas de toma de turnos en una conversación, cómo pedir y dar información, cómo hacer pedidos, cómo ofrecer o declinar ayuda o cooperación, cómo dar órdenes, cómo imponer la disciplina y otros […]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 32).

conhecimento linguístico, que é composto por elementos verbais e não verbais, padrões de elementos em eventos de fala peculiares, variantes possíveis e o significado delas. Em segundo plano, ela apresenta as habilidades de interação, que são compostas por percepção de características salientes em situações de comunicação, seleção e interpretação de formas apropriadas a situações, papéis e relações, organização e processos do discurso, normas de interação e interpretação e estratégias para lograr alcançar metas. E, em terceiro e último plano, a autora evidencia o conhecimento cultural, que preconiza a estrutura social, os valores e atitudes, os mapas/esquemas cognitivos e os processos de enculturação.

Na etnografia da comunicação, é preciso considerar três unidades discretas para a descrição e análise da comunicação, conforme Hymes (1972, *apud* SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 37, tradução nossa[9]), quais sejam: "[...] a situação, o evento e o ato." A situação comunicativa tem relação com o contexto em que ocorre a comunicação, como, por exemplo, viagens e sala de aula. O evento comunicativo é considerado a unidade fundamental para os propósitos da etnográfica da comunicação, em que o etnógrafo deve buscar saber o que constitui os eventos e quais os tipos de eventos são reconhecidos dentro de uma comunidade de fala. O ato comunicativo pode ser verbal ou não verbal e possui uma função de interação, de afirmação referencial, um pedido ou um comando.

Outro ponto amplamente importante para a área é a intrínseca relação existente entre língua e cultura. A língua possui um vasto papel dentro de uma sociedade. Neste âmbito, compreendê-la, torna-se conveniente para qualquer estudo com viés etnográfico, embora não seja na perspectiva da fala ou da comunicação. Apesar de isto ser consensual, Saville-Troike (2005, p. 42, tradução nossa[10]) argumenta que muitos pesquisadores não dão a importância adequada à língua, colocando-a em um lugar separado, o que pode gerar problemas nos resultados da investigação, uma vez que a autora esclarece: "[...] O próprio conceito de evolução da cultura depende da capacidade dos seres humanos para usar a linguagem com o propósito de organizar a cooperação social."

Ainda sobre a questão da relação ente língua e cultura, a etnógrafa afirma que:

> Embora a linguagem seja inquestionavelmente uma parte integrante da cultura, assumir experiências culturais e regras específicas de conduta como correlações invariáveis de habilidades linguísticas determinadas é uma simplificação ingênua da relação entre linguagem e cultura. A questão de sua

[9] Tradução do original:
"[...] la situación, el suceso y el acto." (HYMES, 1972, *apud* SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 37).
[10] Tradução do original:
"[...] El propio concepto de evolución de la cultura depende de la capacidad de los seres humanos para usar el lenguaje con el propósito de organizar la cooperación social." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 42).

> relação permeia toda a etnografia da comunicação." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 45, tradução nossa[11]).

De tal modo, a língua não pode ser apartada da cultura. Como podemos observar nas palavras da autora citada, essa correlação não é considerada estática, mas sim variável, dinâmica e constitutiva. Para tanto, é função do etnógrafo da comunicação estabelecer a conexão entre ambas, ao estudar uma determinada comunidade de fala, visto que a forma e o conteúdo resultantes da língua são intimamente interligados com os padrões de comportamentos, as crenças e os valores associados à cultura dos falantes. Assim, todos esses aspectos culturais são transmitidos por intermédio da linguagem em situações de interação comunicativa, a considerar, ainda, peculiaridades referentes a essa relação, pois a função que tem a linguagem não é a mesma em todas as sociedades.

2.3 Revisitando a noção de repertório comunicativo com vistas às variedades da língua

Saville-Troike (2005) nos apresenta o termo *repertório comunicativo* para evidenciar que no seio de uma comunidade de fala há variedade de códigos da língua e modos de falar dispensados aos falantes. Para tanto, a autora declara que os meios de comunicação constituídos são envolvidos por: "[...] diferentes línguas, diferentes dialetos regionais e sociais de uma ou mais línguas, diferentes registros [...], e diferentes canais de comunicação (por exemplo, oral, escrito e manual) [...]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 57, tradução nossa[12]).

Considerando toda essa diversidade, a autora assevera que o repertório comunicativo tem relação direta com a organização social da comunidade, de modo a incluir diferenças no que tange à idade, ao sexo, ao status social dos membros, às metas de interação e aos locais onde ela ocorre. Além dessas diferenças, Saville-Troike (2005, p. 57, tradução nossa[13]) aponta: "diferentes códigos ocupacionais, linguagens religiosas especializadas, códigos secretos de

---

[11] Tradução do original:
"Aunque el lenguaje es incuestionablemente una parte integral de la cultura, suponer experiencias culturales y reglas de conducta específicas como correlatos invariables de destrezas lingüísticas determinadas es una sobresimplificación ingenua de la relación entre el lenguaje y la cultura. La cuestión de su relación impregna toda la etnografía de la comunicación." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 45).

[12] Tradução do original:
"[...] diferentes lenguas, diferentes dialectos regionales y sociales de una o más lenguas, diferentes registros […], y diferentes canales de comunicación (por ejemplo, oral, escrito y manual) […]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 57).

[13] Tradução do original:
"[...] diferentes códigos ocupacionales, lenguas religiosas especializadas, códigos secretos de varias clases, habla imitativa, lenguaje de silbido o tambores, y variedades utilizadas para hablar con extranjeros, niños jóvenes y mascotas." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 57).

vários tipos, linguagem imitativa, linguagem de assobio ou tambores e variedades usadas para falar com estrangeiros, crianças e animais de estimação."

À vista disso, é inegável que olhar para o repertório comunicativo dos membros de uma referida comunidade de fala, é um exercício que se sobrepõe à prática sociolinguística de descrever variáveis linguísticas e extralinguísticas dos fenômenos de língua que coexistem, como sucede na perspectiva variacionista baseada nos estudos de William Labov (1972 [2008]).

Evidentemente, trata-se de uma abordagem que requer uma observação e descrição aprofundada das diferenças que ocorrem, envolvendo questões de pronúncia, lexicais, de estilos de fala e outras condutas comunicativas dos falantes, a fim de perceber quais e como elas constituem um significado social da língua em uso, por meio de estratégias específicas de interação, que na visão de Saville-Troike (2005, p. 58, tradução nossa[14]), tais estratégias tem como finalidade "estabelecer, manter ou manipular relações de papéis [...]".

Neste caminho, a etnografia da comunicação lança mão da sociolinguística interacional para conseguir preencher a lacuna do estudo da língua, principalmente no que tange ao significado dos diferentes usos em um dado contexto, a partir da interação face a face entre os participantes da conversação.

Os estudos sociolinguísticos, desde os finais do século passado, têm se voltado mais para abordagens sociológicas, com o intuito de melhor entender as relações entre a linguagem e a sociedade. Nessa direção, Maria do Carmo Oliveira e Maria das Graças Pereira (2016, p. 111-112) argumentam que "A Sociolinguística da Interação representa o diálogo da Sociolinguística com abordagens da Teoria Social que rompem com os paradigmas da Sociologia clássica [...]". Assim, é considerada a vertente da linguística que preconiza o estudo da fala em interação, a través de pesquisas com abordagem qualitativa.

Além do mais, as autoras destacam que sociolinguística interacional foi arquitetada "[...] para tratar da diversidade linguística e cultural, com foco na inferência conversacional e na interpretação dos processos comunicativos na fala cotidiana [...]". Destacam, ainda, que a Etnografia da Comunicação de Dell Hymes, os estudos da ordem da interação de Goffman, os processos interpretativos de Harold Garfunkel foram de fundamental importância para a constituição da área em apreço. É interessante frisar que essa vertente se interessa pelas diferenças culturais e os processos interacionais relativos à linguagem, os quais emanam identidade social. Identidade essa que é característica de uma determinada comunidade de fala

[14] Tradução do original:
"[...] establecer, mantener o manipular relaciones de roles [...]". (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 58).

– de um grupo de universitários, de quilombolas, de indígenas –, cujas redes de relacionamentos entre indivíduos estão em interação.

Como o significado social é um tema indispensável à interação comunicativa entre falantes, na busca por compreender o repertório comunicativo deles, buscamos a discussão de Gumperz (2013). O autor faz uma distinção entre significado social versus significado referencial em relação ao modo como são codificados. Enquanto que este é codificado amplamente por palavras, aquele cumpre a finalidade de se vincular a cenários e a itens do conhecimento em detrimento de apenas se prender a sinais acústicos, uma vez que é crucial observar a importância social das palavras e/ou expressões utilizadas pelos utentes da língua, bem como os valores que a elas são atribuídos. Assim, é primordial salientar dimensões sociais e culturais das variedades de uma língua que estão vinculadas a uma comunidade de fala.

No que corresponde às variedades, destacamos algumas dimensões socioculturais que a elas estão associadas, quais sejam: o ambiente, o propósito, a região, a etnia, a classe social, o status, os papéis, o sexo, a idade, os estados de personalidade e variedade não nativas. Para uma descrição delas, utilizamos as contribuições de Saville-Troike (2005).

A primeira dimensão à qual fazemos referência é a do ambiente, pois ele cumpre um papel expressivo nas variedades de uma língua. Saville-Troike (2005) exemplifica com as maneiras como são feitas as saudações em língua inglesa, as quais podem ser diferentes a depender do ambiente, dentro ou fora de um prédio, em um escritório em comparação com a igreja, ou até mesmo entre indivíduos que mantêm distância uns dos outros. Nesses casos particulares, devem ser consideras diferenças no que se refere às escolhas lexicais e gramaticais, ao tom de voz, aos registros formal e informal, à linguagem não verbal, dentre outros aspectos não menos importantes.

A próxima dimensão tem relação com o propósito, que, segundo a autora, está contida no conceito de comunidades de fala diglóssicas[15]. Assim, diferentes variedades de uma língua

[15] Para Marcos Bagno (2017, p. 90), o termo diglossia é "Um dos conceitos mais difundidos no estudo das relações entre linguagem e sociedade [...], proposto por Charles Ferguson (1921-1998) num ensaio pioneiro publicado em 1959. Desde então, tem sido alvo de críticas e de reformulações, a ponto de sua utilidade ter sido até mesmo contestada. O conceito clássico de diglossia, formulado inicialmente por Ferguson (1959), se refere a uma situação sociolinguística em que existe uma diferenciação funcional estrita entre duas variedades da mesma língua, com uma variedade A (alta) [H: high] reservada para o uso em ambientes formais, institucionais, e uma variedade B (baixa) (L: low), para o uso em ambientes informais domésticos e comunitários [...]". O autor assevera que, no contexto brasileiro, o termo vem sendo muito utilizado em pesquisas voltadas para o âmbito educacional, com a finalidade de estabelecer tensões entre o vernáculo e o padrão da língua portuguesa. É interessante mencionar que Saville-Troike (2005), a partir do conceito de diglossia, agrega outro termo, o de *dinomia*, em razão de a conduta comunicativa não abarcar somente estruturas da língua, mas também as que envolvem os sistemas sociais e culturais de uma sociedade. Para ela, o conceito de *dinomia* parte do pressuposto da coexistência e do uso complementário de dois sistemas culturais dentro de uma mesma sociedade, um que se refere à cultura dominante e outro a uma subcultura que é subordinada e de menor prestígio social.

e padrões de uso podem ser condizentes com propósitos diversos, como os religiosos, seculares, educativos, políticos, históricos, governamentais. Vale ressaltar que existem particularidades com relação à variedade que enquadra determinado propósito, por meio de marcadores comuns como o léxico, a morfologia, a sintaxe, aspectos não verbais e cinéticos.

Em seguida, temos a dimensão que trata sobre a região. Assim, as normas de uso da língua vão sendo utilizadas dependendo dos limites geográficos da sociedade entre os grupos a ela pertencentes. Neste sentido, as normas vão se diferindo em relação ao vocabulário e a pronunciação, principalmente. Os marcadores gramaticais são menos frequentes em variedades associadas à região (SAVILLE-TROIKE, 2005).

Após apresentar a dimensão que apresenta marcadores relativos às variedades regionais, frisamos a que tem a ver com a etnia. Conforme a autora, em língua inglesa os marcadores de etnia estão concentrados especialmente em alguns níveis na língua, tais como: fonológico, lexical e estilo, uma vez que os marcadores gramaticais têm maior probabilidade de serem vinculados às variedades associadas à classe social e ao nível educativo, nas dimensões padrão/não padrão. Vale ressaltar que, além da relação com os níveis da língua, as variedades associadas à etnia podem incluir marcadores não verbais.

Ademais, mencionamos a dimensão que associa as variedades da língua à classe social, ao status e aos papéis. Em relação à classe social, é compreensível que o repertório comunicativo de uma determinada comunidade de fala é definido, especialmente, pelas condições socioeconômicas, circunstâncias de nascimento, ocupação laboral, dentre outros critérios essenciais referentes aos membros. Acerca do status, é preciso considerar o pertencimento do indivíduo a uma classe social; dos papéis, são as posições do indivíduo (chefe de família, professor, amigo) importantes para definir as variedades da língua.

Logo após, temos outras dimensões que são importantes para a categorização social, as quais gravitam em torno do sexo e da idade. Com relação ao sexo, os recursos linguísticos usados na comunidade de fala são, segundo Saville-Troike (2005), de acordo com diferentes padrões de educação, distribuição de trabalho, dentre outras questões. No que tange à idade, a autora sugere que consideremos três classes de marcadores essenciais: "[...] aqueles que dão informação sobre o falante, aqueles que dão informação sobre o receptor, e aqueles que dão informação sobre as relações de papéis entre os dois que estão influenciados pela sua idade relativa [...]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 102, tradução nossa[16]).

[16] Tradução do original:

Com relação ao sexo, a etnografia de Costa (1988) mostra a importância que tem as mulheres da comunidade investigada, tendo em vista que a transmissão da fala entre as gerações é através da mãe. Este ponto nos chamou muito a atenção, a considerar a relação entre a fala e a organização social do Povoado Canto. Pensando nisso, a pesquisa nos mostra que a descendência, herança de terra, um dos bens materiais mais valorizado na comunidade, também é transmitido por intermédio das mulheres, porque elas são as donas das terras, ao passo que os homens têm o papel apenas de cuidar delas. Em linhas gerais, o resultado apontado pela etnógrafa revela que, dentro da organização social da comunidade, a fala segue a mesma regra do sistema de transmissão de herança entre as famílias.

Para mais, a teórica apresenta a dimensão que tem a ver com os estados de personalidade, cujos marcadores relacionados, incluem a natureza fisiológica, como o caso de estados psicóticos por esquizofrenia. Além disso, Saville-Troike (2005, p. 105, tradução nossa[17]) frisa outros exemplos, nos quais pode-se considerar "[...] pessoas deprimidas são lacônicas; falam sobre assuntos autodepreciativos e descuidados. As pessoas maníacas são prolixas e falam sobre realizações e contatos superficiais frequentes com as pessoas.".

A última categoria discorrida pela autora é relativa às variedades não nativas, que comportam três tipos, quais sejam: as formas e os padrões veiculados por não nativos, englobando tanto falantes de uma língua estrangeira quanto de uma segunda língua; as línguas francas ou internacionais; as línguas com um status de oficial desenvolvidas em sociedades desprovidas de falantes nativos (SAVILLE-TROIKE, 2005).

Neste contexto, a autora conseguiu mapear seis variedades de língua distintas no Canto, considerando as famílias que o compõem, quais sejam: 1. Família Da Fé; 2. Família Pereira; 3. Família Machado; 4. Família Gomes; 5. Família Paulo; 6. Família Araújo. A cada uma delas são característicos traços segmentais e prosódicos peculiares que podem ser derivados de todas elas ou não. Por exemplo, a autora destaca que a consoantes oclusiva glotal é pertinente apenas à família Da Fé.

Com relação aos traços prosódicos, uma composição de unidade tonal (sílabas átonas iniciais, sílaba pretônica, sílaba tônica proeminente e sílabas átonas finais) é comum a todas as famílias, embora na família Paulo o componente pretônico não seja bem definido.

"[...] aquellos que dan información acerca del hablante, aquellos que dan información acerca del receptor, y aquellos que dan información acerca de las relaciones de roles entre los dos que están influenciadas por su edad relativa […]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 102).

[17] Tradução do original:

"[...] las personas deprimidas son lacónicas; hablan acerca de temas automenospreciantes y displicentes. Las personas maníacas son verborrágicas y hablan acerca de logros y frecuentes contactos superficiales con las personas." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 105).

Com relação aos traços prosódicos, há aqueles que são predominantes e outros relativos. Por exemplo, o tom de contorno por salto ascendente sobre a sílaba pretônica é, por um lado, mais frequente na família Pereira, e, por outro lado, os tons de contorno que ocorrem em toda a unidade tonal são mais frequentes nas famílias Paulo e Gomes.

Há outros traços característicos que marcam os jeitos de falar, tais como o sistema de duração, o qual se manifesta "[...] pelo menos de duas maneiras: na primeira, que é a mais comum, a duração das sílabas sugere uma relação com o sistema de força bem como com o sistema melódico [...] O outro modo de manifestação [...] não sugere uma relação sistemática de força, apenas com o sistema melódico [...]" (COSTA, 1988, p. 154).

Outro sistema é o de velocidade, que é marcado por um jeito de falar rápido na família Pereira, em detrimento de um falar lento na família Gomes. Há determinados traços que são peculiares aos jeitos de falar dos falantes do Canto no que respeita à qualidade de voz, que são: "[...] voz murmurada e tremulada na fala dos Da Fé; voz sussurrada, dentalizada e palatalizada, na fala dos Pereira; voz rouca e murmurada, na fala dos Machado; e voz de falsete na fala dos Paulo." (COSTA, 1988, p. 154-155). É interessante observar que, ademais dos traços fonéticos que marcam os jeitos de falar da comunidade, há traços não verbais simbólicos, como, postura física e expressões faciais.

Com relação à qualidade de voz pertinente ao jeito de falar família Da Fé, os achados da pesquisa de Costa (1988) atestam que na fala das mulheres é mais comum a voz murmurada – esta aparece em quase toda a cadeia falada –, enquanto que a tremulada – comum em certas partes do enunciado –, é mais característica na voz dos homens. Sobre a família Paulo, era marcante, sobretudo na fala das mulheres, a qualidade de voz de falsete, além ser comum aos seus membros os "[...] movimentos melódicos ascendentes-descendentes em toda extensão das sequências sonoras [...]" (COSTA, 1988, p. 140).

Já com relação ao uso de recursos não verbais, a família que mais se destaca é a Gomes, cujo jeito de falar apresenta algumas marcas em comum, quais sejam: discrição, cautela, precaução. Isto é, são falantes que têm muito cuidado ao falar, refletindo sempre a respeito dos seus interlocutores, o que falam e como devem falar. Costa (1988) pôde observar que, ao falar, os componentes dessa família primavam por olhares, eivados de significados, os quais eram compreendidos entre eles nas situações de fala, muito embora eles encarassem, dificilmente, pessoas não nativas. Ademais, são destacados sutis recursos cinéticos utilizados por eles, como, movimento com a cabeça, movimentos faciais, uma vez que eles costumavam andar com a cabeça baixa, parecendo andar com os olhos fechados, quiçá com a finalidade de evitarem situações comunicativas com pessoas ao seu redor. Em contraposição, os falantes provenientes

da família Paulo apresentavam marcas divergentes. Eles, por sua vez, cultivavam um jeito de falar perspicaz, expressivo, interessados, prestativos, expressivos, ou seja, os interlocutores eram envolvidos, sobremaneira, nas situações interacionais de comunicação.

Costa (1988) analisou no Canto o papel que a fala exerce na **estrutura social**, tendo como ponto de partida o modo como se organiza socialmente a comunidade, a fim de verificar a relação existente entre organização social e jeito de falar. A descrição e análise etnográfica realizada pela pesquisadora traz à baila que, no povoado em questão, a categoria "jeito de falar" é alusiva ao pertencimento do indivíduo no que concerne às relações empreendidas entre as famílias. Neste ponto, percebemos uma coerência dos resultados da autora referente à relação entre língua e cultura, dado que o modo como falam as pessoas da localidade é, pois, indicativo de qual família e localidade são pertencentes os interlocutores expostos a situações de interação comunicativa.

2.3.1 Atitudes acerca da comunicação e sua relação com as variedades da língua

Os modos de falar dos membros de uma sociedade são interligados com percepções do falante, as quais desencadeiam-se por meio das atitudes sobre a linguagem e sobre o seu uso. Nesse contexto, este assunto é considerado um tema de amplo interesse para a etnografia da comunicação, ao se estudar uma determinada comunidade de fala.

Para se pensar em atitudes sobre a comunicação, com vistas às variedades da língua, é necessário considerar alguns questionamentos norteadores, a saber:

> [...] como os critérios específicos da cultura sobre 'falar bem' funcionam na definição da marcação de papéis sociais, como as atitudes em relação a diferentes línguas e variedades de uma língua refletem as percepções das pessoas em diferentes categorias sociais e como essas percepções influenciam a interação dentro e através das fronteiras de uma comunidade de fala [...] (SAVILLE-TROIKE, 2005, grifo da autora, tradução nossa[18]).

Ao etnógrafo da comunicação é interessante considerar essas perguntas, que merecem especial atenção, em virtude de elas assegurarem ao pesquisador uma visão sistemática acerca dos nativos da comunidade em investigação, no que concerne à uma melhor compreensão das

[18] Tradução do original:
"[...] cómo funcionan los criterios específicos de una cultura acerca de 'hablar bien' en la definición de la marcación de los roles sociales, cómo las actitudes hacia diferentes lenguas y variedades de una lengua reflejan las percepciones de las personas en diferentes categorías sociales, y cómo estas percepciones influencian la interacción dentro y a través de las fronteras de una comunidad de habla […]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 179, grifo da autora).

funções e padrões de uso da língua e ao esclarecimento sobre a manutenção ou mudança de fenômenos linguísticos particulares, levando em conta aspectos socioculturais dos indivíduos envolvidas em situações de interação comunicativa. Assim, é possível verificar a visão que o nativo tem de sua língua e de sua cultua tanto quanto da língua e cultura do não nativo.

Isto posto, Saville-Troike (2005) destaca algumas características correspondentes aos estudos sobre as atitudes sobre a língua, a saber: os que observam as atitudes gerais sobre a língua, os que observam manifestações estereotipadas sobre a língua e os que exploram os interesses aplicados. Seguindo este viés, é apropriado referir que as atitudes dos nativos sobre uma língua ou uma variedade são determinadas substancialmente por um princípio básico – pertencimento a uma cultura particular –, o que provoca uma influência robusta da estrutura social da comunidade de fala em apreço, nas atitudes comunicativas impregnadas em sua gente.

Com relação ao estudo de atitudes, Calvet (2002) descreve uma técnica utilizada em experiências da psicologia social, por Wallace Lambert, em meados de 1960, ao estudar o bilinguismo franco-inglês em Montreal, sob a metodologia de "falante disfarçado" ou dos "falsos pares", em que ele gravava dois textos de falantes bilingues, um francês e um inglês. As gravações eram apresentadas a jurados, informados de que eram oriundas de pessoas diferentes.

Seguindo essa metodologia, a avaliação deveria descrever alguns aspectos, tais como: altura, beleza física, aptidão para dirigir, senso de humor, inteligência, religiosidade, confiança de si, confiabilidade, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter e simpatia. Assim, os participantes deveriam ser julgados pela voz. Contudo, além de os julgadores não perceberem que se tratava da mesma pessoa, promoviam uma avaliação não da voz, senão das línguas. A referida técnica se estendeu à linguística, de modo a possibilitar a percepção das atitudes de que dispunham os interlocutores (CALVET, 2002).

Por intermédio de avaliações linguísticas por parte dos falantes, há entre diferentes línguas e entre variedades de uma língua, percepções estereotipadas disseminadoras de comportamentos preconceituosos, a considerar visões pejorativas de um jeito de falar em detrimento de outro, mediante as noções de "falar correto" versus "falar errado", "falar bonito" versus "falar feio", sobretudo quando se trata dos falares da zona rural em comparação com os da zona urbana, regiões de maior expressividade econômico-social em contraste com as de menor prestígio.

Na descrição sobre as atitudes linguísticas que reverberam o repertório comunicativo dos falantes, Costa (1988, p. 111, grifos da autora) encontrou que, para os moradores de Angical, "[...] O jeito de falar dos habitantes do Canto, 'esquisito' e 'diferente', se contrapõe ao falar regional genericamente considerado [...]". Evidentemente, os moradores de Angical

têm a percepção de que as falas de ambas as localidades possuem divergências linguísticas interacionais. Ainda segundo a autora, os habitantes do Canto percebem que há diferentes jeitos de falar a considerar a noção de parentesco, em específico a unidade "família" e da própria localidade de onde são oriundos os falantes.

Assim, temos, de um lado, considerações com valor positivo, e, de outro, com valor negativo, sobre as variedades de língua coexistentes. Neste aspecto, "Uma fonte interessante de dados de atitudes são os rótulos referentes à linguagem que podem ser usados para caracterizar grupos particulares, próprios ou alheios, o que exemplifica as funções inclusivas e excludentes da diversidade linguística [...]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 185, tradução nossa[19]). Outra fonte de dados, mencionada pela autora, são as situações de brincadeira, nas quais podem ser evidenciadas formas estigmatizadas da língua por meio de imitações jocosas de marcas fonológicas, lexicais, prosódicas e estilísticas das realizações linguísticas oriundas de diferentes variedades.

A nível de exemplificação, Saville-Troike (2005) cita Abd-el-Jawad (1987), em seu estudo sobre as variedades da língua árabe falada na Jordânia, em que o autor mostra como falantes podem mudar de uma variedade padrão de uma comunidade rural para uma variedade não padrão de uma área urbana de maior prestígio. Essa mudança linguística observada e analisada pelo pesquisador tem como função mostrar que os indivíduos buscam se identificar com o grupo urbano dominante e evitar o estigma de pertencimento a um grupo rural.

Diante disso, trazemos à baila a questão do estereótipo, característico do ato de se emitir juízos de valor acerca de pessoas, em consideração às suas peculiaridades linguísticas. Este é um assunto essencial para o estudo de atitudes comunicativas em relação às variedades da língua. Para tanto, os marcadores linguísticos são os principais responsáveis pela geração de estereótipos na sociedade, em razão de eles serem intimamente relacionados com as dimensões socioculturais já discutidas no tópico anterior: raça, sexo, idade, classe social, religião, etnia. Saville-Troike (2005, p. 193, tradução nossa[20]) argumenta que os estereótipos gerados nos grupos sociais são decorrentes de uma definição de "[...] cultura em termos de suas próprias crenças e práticas, e então interpreta todas as diferenças como deficientes [...]".

---

[19] Tradução do original:
"Una fuente interesante de datos actitudinales es la de los rótulos referidos a la lengua que pueden utilizarse para caracterizar grupos particulares, propios o ajenos, lo que ejemplifica las funciones incluyente y excluyente de la diversidad lingüística […]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 185).

[20] "[...] cultura em términos de sus propias creencias y prácticas, y luego interpreta todas las diferencias como deficientes […]" (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 193).

Louis-Jean Calvet (2002, p. 60) intervém com a noção de que assim como variam os usos da língua, geográfica, social e historicamente, variam as normas e que, da mesma maneira, variam as atitudes, citando, por exemplo, as classes operária e burguesa, Londres e Escócia, hoje e há cem anos. Dentro deste contingente de classes, sociedades e tempo, perpassam diferentes atitudes. Para ele, o comportamento linguístico dos falantes, incitado por essas normas são de interesse da sociolinguística, uma vez que "pode desenvolver dois tipos de consequências sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros". Duas reações se evidenciam: valorização da identidade de fala, ou modificação dela. Para tanto, tudo isso dependerá de atitudes linguísticas em relação aos falares em contato e das finalidades como sujeito atuante em um meio social.

Além do mais, o autor nos apresenta três noções indispensáveis à compreensão das atitudes, a primeira delas é a segurança linguística, que corresponde à aceitação da fala, cujos questionamentos sobre o modo como ela é realizada não existem por razões sociais. A segunda é a insegurança linguística, que reflete sobre a pouca valorização do modo de falar, uma vez que o falante pensa ser outra variedade mais prestigiosa que a sua. Tanto a segurança quanto a insegurança exercem efeitos linguísticos e sociais sobre os falantes. A terceira delas é a hipercorreção, que equivale à tendência de o falante adquirir uma variedade de prestígio, imitando-a e exagerando-a, sendo mais recorrente em textos escritos (CALVET, 2002).

Na etnografia intitulada "O português falado na baixada maranhense: uma análise sociointeracionista da fala de Viana-MA", Araújo (2015) traçou como objetivo caracterizar a fala dos habitantes da comunidade, de modo a evidenciar estratégias de comunicação nos processos interacionais, bem como peculiaridades nos níveis da fonética e do léxico, sobre o falar. Para tanto, a autora utilizou como pressuposto teórico e metodológico os aportes da sociolinguística interacional e da etnografia da comunicação.

Conforme a pesquisadora, a formação da comunidade de Viana no Maranhão foi estritamente influenciada por fatos históricos e socioculturais, tendo em vista que a sua gênese foi constituída de aglomerações entre indígenas, negros e brancos, de modo a lhe conferir uma conscientização no comportamento comunicativo da localidade, no qual foi possível verificar atitudes e valores de seus habitantes a respeito de usos linguísticos e questões sociais. Com efeito, o resultado da investigação etnográfica possibilitou a pesquisadora concluir que os falantes vianenses têm a percepção de que o falar deles é, pois, diferente de outros falares da região, motivo pelo qual são, habitualmente, alvos de preconceitos por parte de habitantes de outras comunidades que têm formas diferentes de fala. Contudo, a autora consegue averiguar

que, embora os vianenses sofram preconceitos e que isso, de certa forma, traz resultados negativos, eles também são portadores de atitudes que manifestam preconceito em relação a outros falares e culturas. (ARAÚJO, 2015).

2.4 Componentes constitutivos da organização de dados etnográficos

Os componentes que constituem os eventos de fala são bastante úteis para a organização de dados etnográficos constituídos em uma dada investigação da fala de uma comunidade. A organização de dados com a ajuda de tais componentes preconiza uma infraestrutura adequada para a descoberta de regras de fala em diferentes contextos situacionais de comunicação (HYMES, 1976).

Hymes (1976), ao discutir sobre códigos e mudanças de códigos, descreve os componentes a serem considerados numa descrição etnográfica da comunicação para a descoberta e formulação de regras de fala, a saber:

1. Situação: as formas de fala dependem da localização espacial e temporal.
2. Participantes: desempenham diferentes papéis nas situações interacionais.
3. Finalidades: a interação demanda o alcance de fins ou propósitos.
4. Forma e conteúdo da mensagem: o que se diz e como se diz.
5. Tom ou modo: refere-se ao modo como o participante pronuncia a sua fala.
6. Instrumentos: diz respeito ao canal de transmissão da mensagem.
7. Normas: referente às normas de interação entre os participantes e de interpretação, envolvendo crenças e valores.
8. Gêneros: em referência à interação comunicativa através da língua, se falada ou escrita.

Com base nesse postulado hymesiano, Saville-Troike (2005) apresenta os componentes de um evento comunicativo:

1. O gênero, ou tipo de evento.
2. O tema ou foco referencial.
3. O propósito ou função, referentes ao evento no geral e tanto quanto às metas de interação entre participantes individuais.
4. O marco, que envolve o lugar, tempo, estados da natureza e aspectos físicos referentes à situação.

5. O tom emocional do evento, que envolve elementos não verbais e paralinguísticos.
6. Os participantes, abrangendo várias dimensões socioculturais, tais como, sexo, idade, etnia, dentre outras importantes.
7. A forma da mensagem, que abarca os canais vocal e não vocal e o código utilizado, considerando a língua e a variedade em questão.
8. O conteúdo da mensagem, que demanda o que se comunica.
9. A sequência dos atos comunicativos, que tem relação com os fenômenos de revezamento e superposições.
10. As regras de interação, relativas às propriedades que devem ser observadas.
11. As normas de interpretação, que inclui os conhecimentos e pressuposições culturais compartilhados.

Saville-Troike (2005) chama a atenção para a importância do uso desses componentes para a organização de dados etnográficos relativos à comunicação. É importante ressaltar, também, que além de o etnógrafo identificar tais elementos, é viável correlacioná-los, a partir de questionamentos os quais se particularizam: como o tema e o gênero possuem influência um sobre o outro? Qual a relação entre gênero e propósito?

Para as análises, a autora, com base nas proposições da etnografia da comunicação e da sociolinguística interacional, selecionou as seguintes categorias para a organização dos eventos de fala: a) ambientes; b) participantes; c) propósitos; d) formas das mensagens; e) normas de interação; f) gêneros textuais, g) pistas de contextualização.

No estudo de Araújo (2015) sobre o falar vianense, ela delimitou alguns componentes dos eventos comunicativos. Por intermédio deles, a autora pôde chegar a várias conclusões interessantes a respeito da variedade local da comunidade em apreço. Primeiramente, é importante destacar que nos eventos observados, houve falas informais, casuais e usos de recursos diversos, tais como, gestos e ritmo de fala acelerado. Em seguida, a autora apontou como resultado que, no falar de Viana, as características fonéticas mais pontuais foram: despalatalização de /t/ e /d/, que têm pronúncia alveolar, deslateralização de /ʎ/, que se transforma em [i] e vocalização de /ɲ/, que se converte em [i]. Além dos aspectos fonéticos descritos, a autora aponta itens lexicais comuns na comunidade, como: “pequeno”, “aziado”, “doidinho”, “canto” que, embora sejam palavras comumente utilizadas em outras localidades, no falar de Viana elas têm significados sociais peculiares. (ARAÚJO, 2015).

Com a análise dos eventos, os resultados salientam que “[...] os comportamentos linguísticos dos moradores de Viana revelam o reconhecimento de hierarquias, seja em função

da idade ou dos papéis sociais exercidos pelos interactantes durante o processo interativo [...]" (ARAÚJO, 2015, p. 124). Neste contexto, a autora cita como exemplo uma determinada situação de interação entre ela e um ex-aluno, que no momento da pesquisa, estava cumprindo o papel de professor. Na ocasião, foi percebida, embora os papéis sociais tenham sido trocados, a manutenção do tratamento polido.

A respeito dos componentes etnográficos têm por finalidade explicar e justificar os usos da linguagem e o comportamento linguístico, social e cultural dos sujeitos. Assim, é possível entender melhor o uso de determinadas estratégias de polidez em detrimento de outras, considerando a intenção de cada participante de um evento comunicativo. Feitas essas considerações mais gerais sobre a etnografia da comunicação, no próximo capítulo apresentamos noções teóricas acerca das estratégias de polidez.

3 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO: aporte teórico sobre a polidez

Neste tópico trazemos uma discussão teórica que gravita em torno das estratégias de polidez, a qual guiará as análises que serão empreendidas sobre as situações de interações comunicativas no cotidiano dos moradores da comunidade quilombola Monteiro.

Etimologicamente, o termo polidez advém do latim *polīre* (verbo da quarta conjugação latina, cujos cinco tempos primitivos são: *polĭo, is, īre, īvi* ou *ĭi, ītum*, que se traduz ao português por polir, brunir, limar, lapidar). No contexto comunicativo, podemos dizer que o verbo polir significa "tornar suave" algo que se diz, que, metaforicamente, pode levar o discurso a ser considerado educado, delicado, elegante e respeitoso, por intermédio de atos de fala que o caracterizem como tal.

Nos últimos anos, percebemos um número crescente de pesquisas acadêmicas sobre estratégias de polidez, fato que revela o interesse de pesquisadores brasileiros por investigar tal assunto em diversas situações distintas de interação comunicativa. Ao buscar pelo tema no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, encontramos uma vasta gama de trabalhos disponíveis que versam sobre o estudo da polidez, sob vários vieses, a considerar diferentes aportes teóricos, como a pragmática, análise de discurso, a sociolinguística interacional e a análise da conversão, dentre outras áreas do conhecimento linguístico.

Para relatar trabalhos prévios sobre o estudo da polidez, citamos aqueles que foram produzidos entre os anos de 2010 e 2016, em diferentes programas de pós-graduação brasileiros. Assim, apresentamos uma lista incompleta dessas pesquisas, incluindo a de Silva Guimarães (2010), Erika Sathler (2011), Jamille Padilha (2013) e Jaqueline Nascimento (2016).

Na investigação de Silvia Guimarães (2010), cujo título é *A construção de face e a (im)polidez linguística em entrevistas de Veja*, a autora teve como objetivo analisar em entrevistas da Revista Veja, como as faces positiva e negativa referentes aos entrevistado e entrevistador no momento interacional são construídas, mantidas e ameaçadas por eles mesmos, por intermédio de estratégias de polidez e os marcadores de atenuação. Como resultados, ela apontou dois pontos que foram encontrados em suas análises: por um lado, foi evidenciado que a polidez tanto quanto os marcadores de atenuação são frequentemente utilizados com a finalidade de ser evitar o descompasso na interação; por outro lado, é possível se recorrer à impolidez que se tem o objetivo de polemizar algo no confronto de ideias ou quando se quer buscar a proteção da autoimagem.

Com o trabalho *Estratégias de polidez utilizadas por brasileiros em situações de elogio: um estudo sociointeracional*, Erika Sathler (2011) objetivou, com o apoio da socliolinguística interacional, da pragmática e da análise da conversação, investigar como as estratégias de polidez são utilizadas por brasileiros em situações de elogio. As análises realizadas pela pesquisadora revelaram que há elementos cinésicos e prosódicos que influenciam nas estratégias de esquiva; que em determinados contextos os elogios podem demarcar tanto ameaças à face quanto a valorização dela. É interessante observar que a autora optou por investigar estratégias interacionais entre diferentes gerações, para aferir a questão do uso das estratégias de valorização da face. Neste aspecto, ela encontrou que os interlocutores mais velhos tendem a utilizar mais as estratégias de valorização da face e intensificadores do que os interlocutores mais novos.

Jamille Padilha (2013), em seu estudo *Estratégias de polidez e mal-entendidos no fórum de notícias de um AVA*, buscou analisar as interações que ocorrem na modalidade de ensino a distância tratando-as sob um viés linguístico em fóruns de notícias. Para tanto, a autora relacionou categorias da sociolinguística interacional, tais como, esquemas de conhecimento, enquadres interativos, footings, pistas de contextualização e compreensão do contexto, além dos mais, se valeu das contribuições da análise da conversa etnometodológica. Os resultados apontados revelam que há a necessidade de que os interlocutores participantes das situações interacionais estejam presentes nas aulas virtuais, de modo a atuar de forma colaborativa, a depender dos tipos de interação, uma vez que fazer uso da polidez é uma contribuição positiva para que os interactantes possam organizar suas interações, que são feitas entre alunos e professores-tutores, bem como os seus vínculos afetivos e cordiais.

Ainda sobre pesquisas prévias relativas ao estudo da polidez, citamos o trabalho intitulado *Relações de sexo/gênero e polidez linguística na fala de universitários de Lagarto/SE*, realizado por Jaqueline Nascimento (2016). Na ocasião, o objetivo foi investigar, na fala de universitários lagartenses, o uso da polidez linguística, de modo a relacionar o gênero simétrica e assimetricamente. Nos resultados descritos, foram identificadas determinadas estratégias de polidez, quais sejam: a) procedimentos substitutivos (formulações indiretas do ato de fala, desatualizadores modais, temporais e pessoais, pronomes pessoais); b) procedimentos retóricos (lítotes e eufemismo); c) procedimentos subsidiários (os minimizadores e os retóricos). Ao comparar as estratégias utilizadas, relacionando-as com o gênero, foi constatado que os homens utilizam mais estratégias de polidez nas relações homem-mulher e que as mulheres tendem a utilizar mais estratégias de polidez nas relações mulher-mulher.

Conseguimos verificar vários modelos de análise das estratégias de polidez, a partir da leitura de algumas pesquisas prévias, como as que foram descritas, acima, o que nos permite perceber a funcionalidade do assunto para se investigar situações interacionais comunicativas de diferentes formas, seja em ambientes virtuais ou face a face, como propomos neste estudo, ao nos debruçarmos sobre as interações de interactantes quilombolas do Povoado Monteiro, de Timon-MA.

Por um lado, conseguimos averiguar que os trabalhos que vêm sendo publicados estão obtendo resultados bastante eficientes. Por outro, averiguamos que há uma escassez de estudos sobre estratégias de polidez a partir de interações comunicativas em comunidades quilombolas do Brasil. Considerando essa limitação, nos propomos nesta pesquisa a analisar as estratégias de polidez utilizadas entre interactantes oriundos do Povoado Monteiro, os quais estão inseridos em situações interacionais de comunicação, tais como, conversas na calçada, reunião da associação, corte de arroz na roça, quebra de coco no mato, dentre outras situações que são descritas no capítulo de análise.

3.1 O fenômeno da preservação da face por intermédio de estratégias de polidez

Em relação ao conceito de face, Erving Goffman (1970, p. 13-14, tradução nossa[21]) define o termo face, como:

> [...] o valor social que uma pessoa efetivamente reivindica para si através da linha que os outros supõem que ela seguiu durante um determinado contato. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados, embora seja uma imagem que outros possam compartilhar, como quando uma pessoa exalta sua profissão ou religião por seus próprios méritos. [...] Uma pessoa também terá sentimentos sobre a face apresentada por outros participantes, e embora esses sentimentos possam diferir em quantidade e direção em relação àqueles que eles têm em relação à própria face, eles constituem um compromisso com a dos outros, tão imediato e espontâneo como o que tem em relação com a própria.

[21] Tradução do original:
[...] el valor social que una persona reclama efectivamente para sí por medio de la línea que los otros suponen que ha seguido durante determinado contacto. La cara es la imagen de la persona delineada en términos de atributos sociales aprobados, aunque se trata de una imagen que otros pueden compartir, como cuando una persona enaltece su profesión o su religión gracias a sus propios méritos. […] Una persona tendrá también sentimientos sobre la cara que presentan los otros participantes, y aunque dichos sentimientos pueden diferir en cantidad y dirección respecto de los que tienen hacia su propia cara, constituyen un compromiso con la de los otros, tan inmediato y espontáneo como el que tiene en relación con la propia. (GOFFMAN, 1970, p. 13-14).

Com base nas palavras do autor, podemos estabelecer relação do conceito que ele atribui à face com as interações verbais entre pessoas que compartilham as regras socioculturais de um determinado grupo ou de grupos distintos. Neste âmbito, é inegável que vivemos em um mundo eivado de interações, de encontros sociais, como em ambientes educacionais – escolas, universidades –, ambientes religiosos – igrejas, centros espíritas, terreiros de umbanda e candomblé –, ambientes laborais – empresas, lojas, roças, matos –, ambientes de lazer – parques, shoppings, clubes –, etc. Todos esses ambientes interativos admitem/necessitam do contato face a face, constituído mediante esquemas de atos verbais e não verbais (denominados de "linha", na citação), por meio dos quais os participantes da interação podem, efetivamente, expressar sua visão e/ou avaliação sobre determinado assunto, sobre o seu interlocutor e, principalmente, sobre si mesmo. O autor esclarece que a nossa própria face e a face do outro são pertencentes à mesma ordem, e que os sentimentos que são constituídos a respeito delas são dependentes das regras de cada grupo e da definição da situação interacional em que os interactantes estão inseridos.

A respeito do que Erving Goffman (1970) propaga sobre a face, encontramos em seus escritos três noções básicas referentes à interação entre pessoas, as quais podem assumir diferentes faces, quais sejam: a) estar com a face equivocada; b) estar sem a face; e) estar com a face.

Uma pessoa que está com a face equivocada demonstra a impossibilidade de integralização de determinada informação sobre o seu valor social na linha que é sustentada por ela no momento da interação, de modo a surgirem consequências emocionais, tais como: sentimento de inferioridade, vergonha, embaraço e confusão, que podem desordenar o fluxo organizacional da situação comunicativa, isto é, tais consequências podem ser responsáveis por ameaças à face, dando origem a atos reparadores, que têm o intuito de salvar a face do indivíduo.

Quando uma pessoa está sem a face, é resultado de participação de um contato com outras pessoas, de forma que não houve uma preparação dos esquemas de atos verbais e não verbais para serem mobilizados na situação interacional.

Já estar com a face, reflete a manutenção da imagem que a pessoa tem de si, uma vez que tem firmeza na linha que adota diante dos coparticipantes da interação. Nesse sentido, estar com a face é, comumente, caracterizada pela geração do sentimento de confiança e segurança por parte do indivíduo. O autor chama a atenção para o fato de que manter a face não é um objetivo da interação, mas uma condição dela.

Levando em consideração essas noções, Erving Goffman (1970) sugere que elas envolvem processos sistemáticos de trabalho com a face que são desenvolvidos, sobremaneira,

pelos interactantes, com a finalidade de resultar consistente tudo o que estão fazendo com a face construída e reivindicada em uma dada situação.

Conforme a perspectiva defendida pelo autor, entendemos que, nas interações humanas, há orientações que são refletidas por meio da preocupação que os indivíduos têm com a sua face e com a face do outro. Para preservar ou salvar a face, há duas orientações de trabalhos: a orientação defensiva da face e a orientação protetora da face.

Na primeira, o indivíduo busca salvar a sua própria face, de forma a levar em consideração que a sua ação poderá resultar, nos outros, a perda da face, assim, o autor orienta para que se tenha esse cuidado. Na segunda, o indivíduo procura salvar a face dos outros, com cautela, para que não perca a sua própria face. (GOFFMAN, 1970). Nesse contexto, tratar de salvar a própria face tanto quanto a face dos outros, é um trabalho que requer cuidado e equilíbrio nos momentos de interação.

Em relação às ameaças direcionadas à face, Erving Goffman (1970) nos coloca diante de uma tendência da sociedade anglo-americana, de forma a abalizar três níveis de responsabilidade referente ao indivíduo que gerou uma ameaça à face, a saber: i. quando a ameaça parece ser inocente, intencional e involuntária (estas ameaças são reconhecidas em sua sociedade como *faux pas*, *gaffes*, falta de jeito, passo em falso); ii. quando há a impressão de que a ofensa foi maliciosa e por rancor, quer dizer, quando há a intenção proposital de provocação; iii. quando há ações ofensivas, mas sem malícia, sem rancor.

Tendo em vista esses níveis de ameaças à face, o autor assevera:

> [...] Do ponto de vista de um determinado participante, esses três tipos de ameaças podem ser introduzidos pelo próprio participante contra sua própria face, por ele mesmo contra a face dos outros, por outros contra sua própria face ou pelos outros contra ele. Consequentemente, a pessoa pode encontrar-se em muitas relações diferentes com respeito a uma ameaça contra a face. Se deseja administrar bem a si mesmo e aos outros em todas as contingências, deverá ter um repertório de práticas salvadoras da face para cada uma dessas possíveis relações de ameaça. (GOFFMAN, 1970, p. 27, tradução nossa[22]).

Essa ideia contida na citação é de grande importância para o nosso trabalho, em virtude de que analisamos as estratégias de polidez e a preservação da face em situações interacionais

[22] Tradução do original:
[...] Desde el punto de vista de determinado participante, estos tres tipos de amenazas pueden ser introducidos por el propio participante contra su propia cara, por él mismo contra la cara de los demás, por los demás contra su propia cara o por los otros contra él. Por consiguiente, la persona puede encontrarse en muchas relaciones distintas respecto de una amenaza contra la cara. Si desea manejarse bien a sí mismo y a los demás en todas las contingencias, deberá contar con un repertorio de prácticas salvadoras de la cara para cada una de estas posibles relaciones con la amenaza. (GOFFMAN, 1970, p. 27).

com moradores do Povoado Monteiro, de Timon-MA. A considerar que as interações verbais podem ocasionar ameaças à face, em razão de que, os participantes, ao estabelecerem contatos mútuos uns com os outros, provocam desequilíbrios das faces por diversas razões, há a necessidade de buscarem estratégias de proteção das faces, quer dizer, de preservação delas.

> A polidez se revela como centro de interesse sociolinguística (pela preocupação com a identidade do falante e por passar da ênfase com a forma linguística para uma ênfase na relação entre forma e uma complexa inferência; além do interesse na cultura, como na etnografia da fala), da linguística pragmática (pela atribuição das funções sociais e representativas da língua que implicam na relação entre o que é dito e o que é implicado), da sociologia e da antropologia (pelo interesse nas bases da vida social, uma vez que essas áreas têm interesse pelos níveis macro e micro de análise sociológica). (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 2-3, *apud* CUNHA, 2009, p. 84).

Nesse sentido, estudos sobre as estratégias de polidez são contributos à questão colocada, anteriormente, pois toda ação verbal interacional é tida como um contexto propício a essas estratégias (atos de fala reparadores), as quais são utilizadas com o fim de dar equilíbrio às interações sociais, harmonizando-as, como forma de prevenir e/ou atenuar eventuais ameaças às faces dos interactantes. Desse modo, concebemos, aqui, as noções de face e de polidez desenvolvidas sob uma óptica não individualista do sujeito, simplesmente, mas como interacionista, abarcando eventos de fala materializados a partir de aspectos linguísticos, sociais e culturais inerentes à comunidade em apreço.

Foi pensando nessa relação que vimos a necessidade de trazer à tona, no aporte teórico desta pesquisa, uma discussão sobre a etnografia da comunicação e sociolinguística interacional, como suportes para a realização das análises, a fim de conceber uma melhor compreensão a respeito das estratégias de polidez utilizadas em situações de comunicação dos monteirenses.

Feitas essas considerações relativas ao conceito de face e de polidez, que são de grande relevância para este capítulo, uma vez que investigamos o uso de estratégias de polidez e a preservação da face em situações interacionais no Povoado Monteiro, nos debruçamos, no próximo item, sobre as categorias que foram elencadas para o empreendimento de nossas análises, quais sejam: os atos de fala profiláticos, os atos de fala não profiláticos e as máximas interacionais.

3.2 As categorias de análise em questão: atos de fala profiláticos, atos de fala não-profiláticos e máximas interacionais

Neste item do capítulo, tratamos sobre as categorias que serão consideradas nas análises das situações de comunicação de moradores do Povoado Monteiro, de Timon-MA. Vale ressaltar que, além dessas categorias, são importantes as discussões sobre a etnografia da comunicação que foram elencadas no capítulo 2 deste trabalho, em virtude de que os componentes etnográficos constitutivos dos eventos de fala foram extremamente relevantes para um melhor conhecimento da organização cultural das situações comunicativas em apreço, para, posteriormente serem realizadas as análises das estratégias de polidez presentes neles.

As categorias de análise aqui descritas são baseadas em Eva Cunha (2009), a qual propõe um novo modelo de análise das estratégias de polidez em sua pesquisa. Na ocasião, o seu aparato de análise se valeu de três categorias: a) os atos de fala profiláticos; b) os atos de fala não-profiláticos; c) as máximas interacionais.

Eva Cunha (2009), em seu trabalho intitulado: *Estratégias de polidez na interação em aulas Chat* teve como objetivo descrever como professores e alunos desenvolvem a conversação e focalizar as suas produções de estratégias de polidez e preservação da face como uma das formas de introduzir, manter e finalizar a interação. Para tanto, a autora utilizou como aportes teóricos as contribuições da análise da conversação, da etnografia da comunicação e da sociolinguística interacional para organização e análise dos dados extraídos de aulas *Chat* da disciplina de "Bioquímica da Nutrição" de uma Instituição de Ensino Superior brasileira, entre os anos 2001, 2003 e 2005. A amostra do *corpus* restrito para análise foi constituída de 15 aulas: 5 aulas em 2001, cujo tema era "Conservação de alimentos"; 5 aulas em 2003, com o tema "Preparo de alimentos"; e 5 aulas em 2005, sobre "Tipos de alimentos".

Os resultados, dentre outros descritos no trabalho, sugerem que o uso de estratégias de polidez contribui significativamente para a organização interacional entre os participantes das aulas *Chat*, de modo que, por intermédio delas, foi possível constatar relações afetuosas e cordiais entre eles. Outra contribuição apontada para as situações interativas, foi o fato de que tais estratégias proporcionam uma melhor articulação ente professor e aluno.

Antes de adentrarmos na discussão sobre os atos profiláticos, os atos não-profiláticos e as máximas interacionais, vamos trazer uma breve discussão sobre as bases teóricas dessas categorias, as quais são levantadas e relatadas por Eva Cunha (2009). De início, a autora discorre sobre um dos trabalhos pioneiros que dá vazão à perspectiva de estudo da polidez, sob à óptica de Penelope Brouwn e Stephen Levinson (1987), que elaboraram um construto teórico a partir das contribuições de Goffman e de Durkheim.

As ideias desenvolvidas pelos autores têm forte influência do conceito de face proposto por Goffman, o qual já foi discutido no item anterior deste capítulo, ao se tratar do uso da face

como prática defensiva, a fim de buscar a proteção da própria face; e prática protetiva, quando se busca proteger a face de outro. Conforme Cunha (2009), é a partir dessa compreensão que Brown e Levinson (1987) buscam sistematizar as relações entre face negativa e face positiva.

Para ela,

> A face negativa é a preservação do 'território' da pessoa, da sua liberdade de ação e da liberdade contra a imposição, originada na relação com o outro. E a face positiva é o desejo de apreciação e aprovação da imagem própria**.** Essas vontades podem ser materiais ou não materiais, como valores ou ações. Além disso, os interlocutores têm maior interesse que essa aprovação ou apreciação seja feita não por qualquer pessoa, mas por pessoas específicas, como querer que o jardim seja elogiado por um jardineiro, o conhecimento, por um professor, etc. (CUNHA, 2009, p. 86).

A partir da classificação trazida pela autora, entre face negativa e positiva, podemos perceber a influência de Goffman nos estudos de Penelope Brown e Stephen Levinson (1987). Retomando pontos do item anterior, fazemos referência à questão do "embaraçamento" em situações interacionais, a qual impulsionou a proposição das "quebras interacionais" (CUNHA, 2009, p. 86, grifo da autora) no fluxo harmônico de comunicação. Nesse ínterim, os atos reparadores são elementos úteis a uma possível ameaça à face, que tiveram um espaço nos estudos sobre a teoria da polidez articulados por Penelope Brown e Stephen Levinson. Tais autores designaram o termo Atos de Ameaça à Face (AAF), porque algumas ações são "[...] contrárias aos desejos de face dos interlocutores (falante ou ouvinte), ameaçando suas faces [...]". Assim, os AAFs são "[...] comportamentos linguísticos, que visam atacar, de maneira direta, uma das faces do interlocutor. Para o caso oposto, em que a ação dê a face ao ouvinte, ou seja, em que o falante deixe claro que não há intenção em ferir a face do outro, dá-se o nome de **ação compensatória**."

Conforme Penelope Brown e Stephen Levinson (1987, *apud* CUNHA, 2009, p. 86-87), os AAFs são, portanto, divididos segundo a face, positiva e negativa, e os interlocutores, falante ou ouvinte. Quer dizer, "[...] existem os Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Ouvinte e os Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Falante [...]".

Para uma melhor compreensão dos AAFs, apresentaremos, a seguir, os quadros que os descrevem:

Quadro 1 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do ouvinte

AAF negativa do ouvinte	
1. Atos que demarcam uma ação futura do ouvinte. Tais atos, quando proferidos, pressionam o ouvinte, de alguma maneira, a acatá-los ou não.	
a) Ordem e pedido	O falante indica que deseja que o interlocutor faça (ou deixe de fazer) alguma ação.
b) Sugestão, conselho	O falante indica que acha que o interlocutor deve fazer determinada ação.
c) Lembranças	O falante indica que o interlocutor deve lembrar de fazer algo.
d) Ameaças, advertências, desafios	O falante indica que fará algo contra o interlocutor a menos que ele faça determinada ação.
2. Atos que demarcam uma ação positiva futura do falante em favor do ouvinte, pondoalguma pressão para este aceitar ou rejeitar, possibilitando um débito.	
a) Oferta	O falante indica que quer que o interlocutor se comprometa a alguma ação, seja ou não suavontade, gerando um débito.
b) Promessa	O falante se compromete a uma ação futura em benefício do interlocutor.
3. Atos que demarcam o desejo do falante em relação ao ouvinte ou a seus bens,fazendo o ouvinte pensar em atitudes que protejam o objeto de desejo do falante.	
a) Elogios, expressões de raiva ou admiração	O falante indica que gosta ou gostaria de alguma coisa do interlocutor.
b) Expressões negativas de fortes emoções contra o ouvinte	O falante indica possíveis motivações para ofender o interlocutor ou seus bens.
AAF positiva do ouvinte	
1. Atos que mostram que o falante tem alguma avaliação negativa de algum aspecto daface positiva do ouvinte.	
a) Expressão de desaprovação, crítica, desprezo, ridicularização, reclamações, acusações ou insultos.	O falante indica que não gosta de ou não quer umaação, vontade, característica, bens ou valores do interlocutor.
b) Contradição, discordância oudesafio.	O falante indica que pensa que o interlocutor está errado ou enganado sobre algo que o próprio falante tenha desaprovado.
2. O falante é indiferente à face positiva do ouvinte	

a) Expressões de emoções violentas (fora de controle)	O falante apresenta razões para o interlocutor ter medo ou ficar desconcertado com ele.
b) Faltar com o respeito, mencionar temas polêmicos, inclusive os que não são apropriados para o contexto.	O falante demonstra não dar importância aos valores do interlocutor e não temer os medos deste.
c) Citar más referências sobre oouvinte e boas sobre o falante.	O falante indica que deseja causar sofrimento aointerlocutor e que não dá importância aos sentimentos deste.
d) Mencionar tópicos que representamperigo emocional ou que causem divisões (ex: assuntos sobre política, religião, etc.).	O falante cria uma atmosfera perigosa à interação.
e) Ação explicitamente não-cooperativa (ex: interrupção oudesatenção à fala do ouvinte).	O falante demonstra não dar importância aos interesses da face positiva e negativa dointerlocutor.
f) Uso de títulos e outros marcadoresde status de identificação nos primeiros encontros.	O falante pode, intencionalmente ou não, posicionar-se verbalmente de maneira ofensiva ao direcionar-se a um interlocutor.

Fonte: (BROWN; LEVINSON, 1987, *apud* CUNHA, 2009, p. 87-88).

Quadro 2 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do falante

AAF negativa do falante	
1. Atos que ofendem a face negativa do falante	
a) Expressar agradecimento	O falante aceita um débito.
b) Aceitação de agradecimento ou desculpas por parte do interlocutor.	O falante sente-se coagido a aceitar um débito ou transgressão do ouvinte.
c) Desculpas	O falante indica que teve razões para fazer oudeixar de fazer uma ação a qual o interlocutor tenha criticado.
d) Aceitação de oferta	O falante é coagido a aceitar um débito e minimizar a face negativa do interlocutor.

e) Resposta ao faux pas (passo emfalso) do ouvinte.	Se o falante perceber um faux pas, pode causar constrangimento para o interlocutor. Se fingir que não percebeu, pode gerar uma frustração para sipróprio.
f) Promessas e ofertas indesejáveis	O falante se compromete a uma ação futura, embora não queira.
AAF positiva do falante	
2. Atos que agridem diretamente a face positiva do falante.	
a) Desculpas	O falante indica que lamenta ter cometido um AAF,desse modo, fere sua própria face em determinado grau.
b) Aceitação de elogio	O falante sente-se coagido a denegrir o objeto de elogio do interlocutor, conseqüentemente fere sua própria face ou se sente coagido a elogiar o interlocutor como resposta.
c) Quebra do controle físico do corpo, tropeçar, cair, etc.	
d) Auto-humilhação, constranger-se, agir estupidamente, contradizer-se.	
e) Confissão, reconhecimento de culpa ou responsabilidade.	
f) Fraqueza emocional, perda de controle no ato de rir ou chorar.	

Fonte: (BROWN; LEVINSON, 1987, *apud* CUNHA, 2009, p. 88-89).

Polidez positiva e polidez negativas são duas formas que constituem a base para essa perspectiva. Abaixo, apontamos arranjos interacionais, conforme Kerbrat-Orecchioni (2017, p. 24, grifos da autora):

> - Polidez negativa: A comete contra B alguma ofensa (FTA) e tenta tão logo quanto possível reparar com uma desculpa (FFA). Quanto maior for a gravidade do fato (esse) peso só se avalia dentro do contexto comunicativo no qual se insere o ato em questão), mais intenso deve ser o trabalho reparador.
> - Polidez positiva: A presta a B algum serviço (FFA), cabendo a B produzir em troca um FFA (agradecimento ou troca de gentileza). Trata-se de restabelecer o equilíbrio ritual entre os interactantes (é o sistema do ‘receber/

> retribuir' ou 'troca de bons procedimentos'). Quanto mais importante for o FFA, mais deve sê-lo igualmente o contraFA.

Ambos os quadros trazem uma descrição dos Atos de Ameaça à Face proposta pelos autores Penelope Brown e Stephen Levinson (1987). Com base nessas AFFs, cabe ressaltar que as noções de dualidade das faces são fontes de grandes críticas estabelecidas aos teóricos (CUNHA, 2009; KERBRAT-ORECCHIONI, 2017).

> Criticou-se essa teoria, a justo título, de refletir uma concepção excessivamente pessimista, e até 'paranoica', da interação (Kasper, 1990, p.194) (concebida como uma espécie de terreno repleto de todos os tipos de ameaças, as quais devemos, permanentemente, buscar neutralizar) e dos interactantes (apresentados como gestando seu tempo a proteger seu território e sua face). Ora, se um bom número de comportamentos 'polidos' corresponde bem a esta definição, a polidez consiste também, mais positivamente, em produzir 'antiameaças'; se a maioria dos atos de fala que se é levado a realizar na vida cotidiana é potencialmente ameaçadora para as faces dos interlocutores, há também aqueles que são mais valorizadores para essas mesmas faces, como o agradecimento, o voto ou a felicitação [...] (KERBRAT-ORECCHIONI, 2017, p. 23).

Como podemos observar, críticas foram direcionadas à perspectiva das faces negativa e positiva, com a tentativa de mostrar, sobremaneira, que tais categorias não dão conta das situações de interação entre as pessoas. Contudo, concordamos com Kerbrat-Orecchioni (2017), ao defender que não podemos aceitar que a sistematização proposta por Brown e Levinson seja considerada inadequada para ser aplicada a sociedades do mundo ocidental. Ao invés de aceitar tais críticas como verdade absoluto, ou como ela coloca, como certezas definitivas, é importante que se faça uma apreciação cuidadosa.

Destarte, é cabível frisar que a polidez existe em quase todas as situações de comunicação. É claro que nem tudo o que acontece em uma interação está relacionado à polidez. Queremos chamar a atenção aqui para a questão do contexto, uma vez que não se deve considerar um enunciado polido ou não se ele estiver fora de contexto. Nesse aspecto, a polidez e a preservação da face seguem normas interacionais e podem variar entre as sociedades do mundo, visto que fatores sociais, linguísticos e culturais podem influenciam em seu uso. Assim, "[...] as estratégias de polidez e de preservação da face tanto coincidem em determinadas culturas como são diferenciadas entre elas." (CUNHA, 2017, p. 90).

Ainda em relação ao contexto, Kerbrat-Orecchioni (2017, p. 40) adverte que ele tem um papel crucial no estudo da polidez, de modo a considerar que o ambiente situacional, caraterística prosódicas e mímicas podem "[...] alterar, ou até mesmo inverter, o valor base do

enunciado [...]". Entendemos, pois, que a polidez obedece a normas e princípios inerentes ao ambiente de fala em que ocorre a comunicação, mas sempre está suscetível a realizar-se de formas diversas.

No modelo descrito por Penelope Brouwn e Stephen Levinson (1987), há a estratificação da polidez em quatro macroestruturas, as quais são divididas conforme as intenções dos interlocutores (CUNHA, 2009). Essas macroestruturas propostas são:

1) *bald-on-record*: esta estratégia corresponde à forma direta e não sutil de produzir a mensagem, sem se preocupar com face alheia, a fim de tornar o enunciado eficiente, como nos exemplos: "fique atento ao que vou orientar"; "sirva-se!"
2) Polidez positiva: esta estratégia ocorre em função da face do ouvinte. Cunha (2009, p. 93) argumenta que a "[...] possibilidade de ameaça à face é reduzida nessas situações, por causa das expectativas de reciprocidade e cooperação [...]". No quadro, a seguir, apresentamos as estratégias de polidez positiva:

Quadro 3 – Estratégias de Polidez Positiva de Brown e Levinson

ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ POSITIVA	
1. Visar a campo comum ou mesmo interesses	
Estratégia 1: atender aos interesses, necessidades, vontades e qualidades doouvinte	O falante deve tomar conhecimento de alguns aspectos da condição dointerlocutor.
Estratégia 2: exagerar a aprovação, asimpatia pelo ouvinte	Geralmente feita com uma entonação exagerada, enfática e outros aspectos da prosódia.
Estratégia 3: intensificar interesse peloouvinte	Uma maneira de o falante comunicar ao interlocutor que compartilha alguns de seus interesses e quer contribuir para sua realização.
Estratégia 4: Usar marcas de identidade dogrupo	Utilização de marcas de identidade dogrupo para indicar pertencimento ao mesmo (ex.: uso de gírias, dialetos, jargão).

Estratégia 5: buscar concordância	Busca por similitude entre interlocutores (ex.: recorrência a temas "seguros", como falar do clima ou fazer comentários sobre um belo jardim, repetição de parte do que o falante acabou de dizer).
Estratégia 6: evitar discordância	Os falantes usam "disfarces" na tentativa de esconder discordâncias ao responder uma pergunta, (ex: "Sim, mas..." em vez de"Não"), também é o caso da chamada "white lie", quando o interlocutor se depara com uma pergunta e prefere mentir para
	não ferir a face positiva do outro (ex: "Sim, gostei muito de seu corte de cabelo".)

Estratégia 7: pressupor ou levantar zona em comum	Sugere que o falante dedique tempo em estar com o interlocutor, como prova de seuinteresse e amizade por ele. Ao levantar temas de interesses em comum, o falante tem uma boa oportunidade de partilhar zonas em comum com o outro, inclusive com pontos de vista semelhantes. Tambémquando o falante fala como se o interlocutorfosse o próprio falante ou o conhecimento de ambos, sobre algum tema, fosse igual (ex: o uso de question tag na língua inglesa). Também fazem parte desta estratégia a preferência do uso de demonstrativos de proximidade em detrimento dos de distância (aqui, este, ao invés de lá e aquele) e algumas pressuposições, como por exemplo, quando o falante pressupõe conhecer os desejos e atitudes do interlocutor (perguntas negativas que presumem respostas afirmativas); pressupõe que os valores do interlocutor são similares aos seus (critérios para definir alto/baixo, belo/feio, interessante/chato, etc.); pressupõe familiaridade na relação falante- ouvinte (uso querido(a), Pedrinho, ao invés de Pedro); pressupõe que o interlocutor é conhecido (uso de dialetos, jargão, expressões locais, que demonstram que o outro entende e compartilha do seu conhecimento lingüístico)
Estratégia 8: brincar	As brincadeiras são utilizadas para enfatizar valores e experiências partilhadas entre falante e ouvinte. Dependendo do

	contexto, a "brincadeira" pode ser umatécnica básica de polidez positiva para deixar o interlocutor à vontade.
2. Assumir que falante e ouvinte são cooperativos	
Estratégia 9: declarar ou pressupor o conhecimento do falante concernente àsvontades do ouvinte	Indica que falante e interlocutor estão embusca da mesma meta. Levar o ouvinte acooperar com o falante é demonstrar (explícita ou implicitamente) que se conhecem as vontades do interlocutor
Estratégia 10: oferecer, prometer	Com o intuito de remediar efeitos de algum AAF, o falante pode afirmar, retoricamente,que almeja para o interlocutor, o que quer que este último queira e, portanto, vai ajudá-lo a obter isso. É uma demonstração das boas intenções do falante em satisfazer os desejos da face positiva do interlocutor.
Estratégia 11: ser otimista	O falante supõe que o interlocutor tem interesses semelhantes ao seu e o ajudaráa obtê-los.
Estratégia 12: incluir tanto falante quantoouvinte na interação	O falante pode levar o interlocutor a ser cooperativo, através do uso do pronome demonstrativo "nós".
Estratégia 13: dar ou perguntar por razões	Outra forma de incluir o interlocutor na atividade é o falante apresentar as razõespelas quais ele tem interesse pelo que ele quer.
Estratégia 14: assumir ou declararreciprocidade	A cooperação entre falante-ouvinte pode também ser reivindicada ou impulsionada, dando-se a evidência de direitos ou obrigações obtidas entre falante e interlocutor.
3. Preencher a vontade do ouvinte por alguma razão	

Estratégia 15: dar presentes ao ouvinte	O falante pode satisfazer a face positiva do interlocutor, concretizando alguns de seus desejos. O ato de dar presentes é um exemplo clássico disso. Não só presentes concretos, mas agrados nas relações, o que demonstra que o falante conhece os desejos do ouvinte.

Fonte: (BROWN; LEVINSON, 1987, *apud* CUNHA, 2009, p. 94-97).

3) Polidez negativa: esta estratégia refere-se a uma ação compensatória direcionada à face negativa do ouvinte. Para tanto, há estratégias específicas que são adotadas nessa macroestrutura, vistas no quadro, a seguir:

Quadro 4 – Estratégias de Polidez Negativa de Brown e Levinson

ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NEGATIVA	
1. (Não) ser direto	
Estratégia 1: ser convencionalmente indireto	O falante está diante de duas tensões opostas: o desejo de ser indireto e o desejo de agir "on record". A solução é ser convencionalmente indireto, com o uso de expressões e sentenças que têm significados contextualmente ambíguos.
2. Não presumir ou assumir - minimizar o que se assume sobre as vontades do ouvinte	

Estratégia 2: Perguntas, rodeios	As perguntas são formas indiretas de levar alguém a fazer algo que é do desejo do falante (ex: "Você poderia fechar a porta, por favor?"). Esquivar-se seria evitar se responsabilizar por uma afirmação ou ação, oque poderia gerar um AAF para si próprio (ex:"Você está mais ou menos certo."; "Eu imagino que..." ou "Talvez...") O ato de esquivar-se/usar de rodeios e, mesmo, o uso do "se" leva a uma diminuição da força ilocucionária de uma sentença (ex: "Se você permitir, eu declaro a reunião iniciada.")
3. Não forçar o ouvinte, dando-lhe a opção de não fazer	
Estratégia 3: ser pessimista	Esta estratégia remedia a face negativa do interlocutor quando, explicitamente, apresenta dúvidas quanto às condições para a realização do que foi exposto pelo falante, como pedidos indiretos (ex.: "Você não poderia por algum meio emprestar-me sua máquina fotográfica?").
Estratégia 4: minimizar a imposição	Atenuar o AAF indicando, que o grau de imposição entre os interlocutores não é algotão importante em si (ex: "Eu só gostaria de saber se você pode emprestar-me sua máquina filmadora?")
Estratégia 5: manifestar deferência	Na realização da deferência, há dois lados deuma mesma moeda, que precisam ser observados: de um lado, o falante tem uma atitude humilde e coloca-se "abaixo"do interlocutor e, de outro lado, o falante eleva o interlocutor, agradando assim sua face positiva (ex: o uso do termo "senhor", ou ao dar um presente: "Sei que não está a sua
	altura, mas...")

4. Comunicar os desejos do falante de forma a não pressionar ou violar o ouvinte	
Estratégia 6: desculpar-se, justificar-se	Ao pedir desculpas por cometer um AAF, ofalante pode expressar sua relutância em violar a face negativa do ouvinte e parcialmente remediar a violação: - admitindo a violação (ex: "Eu sei queisto é muito inconveniente, mas...") - indicando relutância (ex: "Eu não quero interrompê-lo, mas...") - pedindo perdão (ex: "Eu sinto muito por incomodá-lo...")
Estratégia 7: impessoalizar falante e ouvinte	O falante pode demonstrar que não quer pressionar o interlocutor ao explicitar o AAF, como se o agente da ação fosse outro que não o próprio falante e que o interlocutor fosse outro que não o ouvinte. Há uma tendência, aqui, de evitar os pronomes "eu" e"você/tu". O falante pode fazer uso de: - verbos performativos (ex: "Eu peço a você para fazer isto para mim") são preferíveis em relação a "Faz isto paramim". - imperativos (exemplo visto acima) - verbos impessoais (ex: "Parece que ..."; ao invés de "Eu quebrei isto." prefere-se "Quebrou-se.) - substituição dos pronomes "eu" e "você" por indefinidos (ex: "Não faço idéia de quem quebrou o copo.") Opta-se por "alguém quebrou o copo." - pluralização dos pronomes "eu"e "você" - distanciamento do ponto de vista.

Estratégia 8: colocar o ato de ameaça àface como regra geral	Possibilidade de dissociar falante e ouvinte da imposição num AAF, comunicando, assim, que o falante não quer pressionar o interlocutor, mas é forçado a fazê-lo, é declarar o AAF como alguma regra social geral. Neste caso evita-se o uso de pronomes(ex: "Passageiros, por favor, evitem..." ao invés de "Você(s), por favor, evite(m)...")
Estratégia 9: nominalizar (ações realizadaspelo ouvinte)	A formalidade está associada à nominalização(ex: "Você atuou muito bem, e nós ficamos favoravelmente impressionados").
5. Compensar outras vontades do ouvinte (derivadas da face negativa)	
Estratégia 10: fazer débitos "on record"ounão colocar o ouvinte em débito	O falante pode remediar o AAF, demonstrando, explicitamente, seu débito para com o interlocutor ("Eu ficaria eternamente grato se..." ou se oferecer a fazer algo "Eu poderia fazer isso sem nenhum problema.")

Fonte: (BROWN; LEVINSON, 1987, *apud* CUNHA, 2009, p. 97-100).

4) *Off record*: esta estratégia denota que o falante quer transmitir uma mensagem, mas buscando preservar a sua face, a face do outro ou ambas as faces, por meio de práticas defensivas e protetivas. Cunha (2009, p. 101, grifos da autora) argumenta que "[...] agir *on record* ou *off record* denota o modo como o falante deseja se posicionar na interação, mas, principalmente, frente às impressões de seu interlocutor [...]". Aqui, temos, então, estratégias que são "[...] distribuídas entre a violação das quatro máximas de Grice [...]", conforme quadro, a seguir:

Quadro 5 - Estratégias *Off record* de Brown e Levinson

ESTRATÉGIAS OFF RECORD	
1. Violação da máxima da relevância	
Estratégia 1: dê dicas (motivos) para fazer 'a' e a condição de 'a'	O falante deve falar menos do que é requerido para o entendimento direto do enunciado, mas que seja suficiente para fazer chegar a ele através de inferências.
Estratégia 2: dê pistasassociativas	Através de conhecimento ou experiência partilhadosentre falante e ouvinte, o enunciado deve oferecer oportunidade de o interlocutor 'ligar' os fatos para compreender.
Estratégia 3: pressuponha	O falante deixa marcas que levam o interlocutor a pressupor a real intenção, por exemplo: "Eu fiz a feira novamente esta semana", na qual o 'novamente' pressupõe uma provável crítica pelo não-cumprimento do partilhamento das atividades.
2. Violação da máxima da quantidade	
Estratégia 4: minimize	O enunciado contém menos informação do que onecessário e uma escala de valores (bom/mau, bonito/feio), implicitamente estabelecida entre os interlocutores, determina o modo de interpretação.
Estratégia 5: maximize (exagere)	O enunciado contém mais informações do que o necessário, através do exagero. O falante enfatiza alguma informação que, embora implícita, deve ser percebida pelo interlocutor.
Estratégia 6: use tautologias	O falante tenta levar o interlocutor a buscar interpretação na informação não dita. Ex.: Amigos,amigos; negócios à parte.
3. Violação da máxima da qualidade	
Estratégia 7: use contradições	O interlocutor é levado a escolher o nível escalar queo falante emprega em enunciados contraditórios. Ex.: a) "Você quer ir à festa?"b) "Quero e não quero".

Estratégia 8: seja irônico	Dizendo o oposto do que realmente intenciona dizer.
Estratégia 9: use metáforas	Por não serem as metáforas estritamente reais e verdadeiras em seu sentido literal e gerarem conotações diversas, o falante pode ter intenção de agir off record, mesmo que o recurso seja geralmente usado on record. Ex.: "Ele é uma raposa no mundo da política", indicando que ele é astuto e experiente em assuntos políticos e não, evidentemente, que ele é um animal.
Estratégia 10: use questõesretóricas	O uso intencional de perguntas sem intenção de obter resposta remete a uma provável não-sinceridade ou não-objetividade e viola a Máxima da Qualidade sugerida por Grice. Ex.: "Como eu poderia saber... ?" ou "Quantas vezes tenho que lhe dizer... ?"
4. Violação da máxima de modo	
Estratégia 11: seja ambíguo	O falante opta por empregar palavras que, contextualmente, extrapolam o sentido literal da frase, dando-lhe diversas possibilidades de interpretação.
Estratégia 12: seja vago	Sendo vago, o falante esconde qual o objeto atingido pelo AAF ou qual é a ofensa de fato.
Estratégia 13: supergeneralize	O uso de provérbios ou de elocuções de generalizações (exageradas) leva o interlocutor a decidir o que lhe cabe da elocução. Essa elocução deve servir de crítica e o peso será percebido pelo interlocutor de acordo com o contexto. Ex.: "Aqueleque ri por último, ri melhor" ou "Casa de ferreiro, espeto de pau".
Estratégia 14: desloque o ouvinte	Refere-se a determinados pedidos que o falante faz a terceiros, esperando que a real pessoa a quem ele quer pedir perceba e se disponibilize.
Estratégia 15: seja incompleto,use elipses	O falante opta por usar elipses para suavizar um AAF, deixando-o incompleto e esperando que o interlocutor'capte' sua intenção a partir disso.

Fonte: (BROWN; LEVINSON, 1987, *apud* CUNHA, 2009, p. 101-103).

Com esses quadros foi possível visualizar o modelo de Penelope Brown e Stephen Levinson (1987, *apud* CUNHA, 2009) a respeito do estudo das estratégias de polidez, cujos autores as definem as faces como positiva e negativa, as quais estão em função dos interlocutores (falante e ouvinte). Assim, foi visto como as faces podem demarcar a polidez, teoria que dispõe de estratégias que têm como finalidade prevenir, atenuar uma eventual ameaça à face do outro. Conforme explica Cunha (2009, p. 103), essas estratégias "[...] têm como unidade básica de análise um único turno de fala [...]". Essa é uma distinção da proposta da autora, uma vez que o seu foco recai sobre situações interacionais de comunicações, motivo que a fez repensar a proposta de Brown e Levinson (1987), levando-a a propor um modelo que fosse mais eficaz na análise de práticas oriundas da interação. Tendo em vista esta questão crítica, seguiremos o modelo proposto por Cunha (2009), o qual será especificado mais adiante.

Outra contribuição atribuída à polidez se deve a Geoffrey Leech (1983, *apud* CUNHA, 2009, p. 105), que em muito se diverge da dos autores referidos, anteriormente. Esse autor defende que no comportamento linguístico entre distintas culturas existe "uma base comportamental e pragmática; [...] o fato de haver interpretações distintas de sociedade para sociedade não significa que não haja qualquer relação entre o fenômeno da polidez [...]"

A polidez, na perspectiva de Leech (1983), congrega princípios pragmáticos que os interlocutores observam ao produzirem enunciados, conforme o contexto de comunicação ao qual estão inseridos. Cunha (2009, p. 105) mostra que Leech (1983), fortemente influenciado pelas máximas de Grice (1975), ampliou o "[...] Princípio de Polidez (PP) [em analogia ao Princípio Colaborativo de Grice] numa série de seis máximas e duas submáximas cada uma e pretendia explicar como a polidez é usada na troca conversacional [...]".

> Leech considera que há elocuções que são intrinsecamente descorteses, como por exemplo, as *ordens*, e outras que são intrinsecamente corteses, como, por exemplo, as *ofertas*. Propõe vários tipos de escalas na determinação da importância e do tipo de cortesia, conforme os contextos: de custo-benefício, de indirectividade, de operacionalidade, de autoridade, de distância social, de elogio/ crítica. (SEARA, 2017, p. 237, grifos da autora).

Na esteira de Leech, a polidez pode ser considerada um princípio que regula a conduta humana em dada sociedade, de modo que as produções de estratégias polidas são capazes de evitar tensões e conflitos em situações que envolvem as interações verbais entre indivíduos, mantendo-se, assim, a concordância comunicativa. Nesse caminho, entendendo a polidez como tendo a função de harmonizar relações entre os interactantes, o autor propõe as máximas, descritas, a seguir:

Quadro 6 – Máximas do modelo de Leech

Máxima do discernimento	Minimize custos ao outro Maximize benefícios ao outro
Máxima da generosidade	Minimize benefícios a si próprio Maximize custos a si próprio
Máxima da aprovação	Minimize depreciação ao outro Maximize enaltecimento ao outro
Máxima da modéstia	Minimize enaltecimento a si próprio Maximize enaltecimento ao outro
Máxima da concordância	Minimize discordância entre si e o outro Maximize concordância entre si e o outro
Máxima da simpatia	Minimize antipatia entre si e o outro Maximize simpatia entre si e o outro

Fonte: (LEECH, 1983, *apud* CUNHA, 2009, p. 105).

Algumas críticas foram formuladas sobre a proposta do autor, dentre as quais, estão:

> [...] 1) ele baseia seu modelo de máximas no modelo do Princípio Colaborativo das máximas de Grice, fortemente criticado pela falta de clareza e pela sobreposição das máximas; 2) seu modelo tem máximas demais e 3) ele baseia sei exemplos em modelos de sociedades ocidentais, com ênfase ao inglês, o que comprimete seu caráter universal [...] (CUNHA, 2009, p. 106).

Seara (2017) afirma que embora a proposta de Leech seja simples e coerente, não lhe faltam críticas, sobretudo de estudiosos mais recentes, como é o caso de Kerbrat-Orecchioni (1992), Sifianou (1995, 1992a e b), Escandell-Vidal (1993) e Watts, Ide e Ehlich (1992).

Dentro de sua articulação teórica sobre as estratégias de polidez, o autor considerou dois níveis de escalas, de forma que a identificação da polidez não obedece a critérios rígidos ou estáticos, uma vez que podem sofrer variação entre dois prismas, a saber: i. escala de polidez absoluta, que faz menção a uma escala unidirecional, descartando o contexto das interpretações das elocuções; ii. escala de polidez relativa, que diz respeito à consideração do contexto para a interpretação das elocuções. Essas duas escalas englobam duas metas comunicativas divergentes: i. as metas ilocucionárias, que têm a ver com os primeiros objetivos a serem alcançados no ato da comunicação linguística; ii. as metas sociais, que dizem respeito às relações interpessoais entre os interactantes de determinada situação comunicativa. Além do mais, Leech faz uma divisão das elocuções de polidez em dois tipos, quais sejam: i. polidez-

pos: consiste na preocupação que o falante tem para "[...] aumentar a estima do ouvinte ou lhe ser prestativo. Ex: oferecer algo, elogiar."; ii. polidez-neg: consite na "[...] mitigação ou diminuição do grau com que o objetivo do falante é imposto ao outro. Ex: evitar ofensa." (CUNHA, 2009, p. 107).

Feitas essas considerações a respeito de teorias basilares a respeito da polidez, apresentamos as categorias teórias que são fundamentais para as nossas análises, as quais são oriundas do modelo estabelecido por Cunha (2009). Modele esse que apresenta tais categorias divididas em três elementos, para o aporte analítico: atos de fala profiláticos; atos de fala não-profiláticos e máximas interacionais. Cabe ressaltar que esse modelo tem como base os fundamentos apresentados neste item, contudo é uma extensão das ideias dos autores, por, sobretudo, se ancorar no eixo da interação entre os paticipantes, que, de modo significativo, requer o auxílio da etnografia da comunicaçao e da sociolinguística intercaional, para uma melhor compreensão dos fatos em apreço.

A polidez possui conceitos e direcionamentos diversos, a depender da concepção epistemológica que se tem como filiação. Com base em Cunha (2009), em nossa pesquisa entendemos a polidez como um fenômeno de natureza linguística que tem origem e gravita em torno das relações socioculturais, com o objetivo de arquitetar uma comunicação que se mantém em equilíbrio entre os sujeitos oriundos de um grupo social nos momentos de trocas conversacionais, as quais são motivadas por fatores externos, como as normas sociais, e internos, como os aspectos positivos e negativos da face.

Apresentamos os quadros que mostram as estratégias de polidez que são fundamentais para as nossas análises das interações comunicativas entre moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, de Timon-MA. Os quadros são divididos a partir dos três grupos orientadores das categorias teóricas de análise, quais sejam: atos profiláticos, atos não-profiláticos e máximas da interação.

Quadro 7 – Atos de Fala Profiláticos

I - Estratégia de preservação e manutenção da face do falante	A única intenção do falante [...] é se resguardar por trás de uma frase que lhe garanta o direito de estar errado ou de voltar atrás, caso algo não saia como previsto.

Fonte: (CUNHA, 2009, p. 130).

No quadro 7, temos estratégia de preservação e manutenção da face do locutor. Nesse aspecto, é interessante observar que, nas interações comunicativas cotidianas, as pessoas constantemente buscam formas linguísticas e, até mesmo, paralinguísticas (incluindo o tom de voz, o ritmo da fala, o volume de voz, as pausas utilizadas na pronúncia verbal, e mesmo algumas características que sobrepujam a própria fala), para resguardar a sua face perante os seus interlocutores.

A seguir, apresentamos os quadros 8 e 9, que trazem as categorias referentes aos atos de fala não-profiláticos e às máximas da interação:

Quadro 8 – Atos de Fala Não-Profiláticos

I – Ordem	O falante, ao dar uma ordem, gera um débito obrigatório para com o interlocutor, o qual deve, de alguma maneira, se pronunciar a respeito, aceitando ou recusando a ordem imposta. O grau de imposição 'R' vai oscilar em função das variáveis Poder e Distância social. De acordo com as normas sociais, as ordens devem ser evitadas ou, pelo menos, abrandadas por alguma indireta, a fim de evitar situações embaraçosas ou rudes por quaisquer das partes envolvidas.

II – Pedido	O falante abre um débito para com a face do interlocutor, fazendo com que este se comprometa com aquele de alguma maneira. O interlocutor pode aceitar ou recusar, mas, de acordo com as normas sociais, deve se pronunciar completando o par adjacente. A diferença desta para a estratégia I é que, minimizando a imposição, a chance de recusa dada ao interlocutor é maior do que no caso de uma ordem, tornando o pedido mais polido.
III – Sugestão, conselho	O falante pode usar essa estratégia com a finalidade de abrandar alguma vontade própria ou tentar ajudar o interlocutor em determinada situação.
IV – Advertência	O falante adverte o interlocutor sobre algo que esteja em desacordo com seu pensamento ou vontade. Espera-se que essa estratégia só ocorra por parte dos professores, uma vez que,no discurso de sala de aula, pela hierarquia depoder, o aluno não entre em desacordo com oprofessor. Não existe ameaça, como no modelo de Brown e Levinson.
V – Promessa	O falante se compromete com alguma ação que beneficiará o interlocutor ou o próprio falante, como no caso de se comprometer a estudar.
VI – Elogios, expressão de admiração	O falante expressa admiração por algum feito do interlocutor. Não necessariamente indica algum desejo daquele em relação a este, mas, certamente, pelas regras sociais, abre um débito de resposta à elocução.
VII – Aceitação do elogio	O interlocutor a quem se dirigiu o elogio deve aceitá-lo, agradecendo ou manifestando modéstia, com elocuções que disfarcem seu feito alvo do elogio. A ausência dessa estratégia, na maioria das situações sociais, pode gerar

	uma impolidez por parte desse interlocutor.
VIII – Expressão de chateação, raiva	O falante deixa claro que não aprova algum evento desenvolvido ao longo da interação. O uso desse tipo de estratégia pode resultar em momentos de impolidez, indelicadeza ou constrangimento. Muito pouco comum devido à natureza harmônica do evento, mesmo assim, foi identificado em algumas ocasiões.
IX – Agradecimento	O falante responde a algum elogio, oferta ou favor por parte do interlocutor, agradecendo. Não necessariamente indica algum desejo do falante em relação ao interlocutor, mas, certamente, por causa das regras sociais, há uma estrutura de resposta à elocução.
X – Aceitação do agradecimento	O interlocutor recebe o agradecimento e, a fimde completar o par conversacional, aceita, através de elocuções que abrandem o débito do desse falante, indicando que fez de bom grado.
XI – Pedido de desculpas	O falante se desculpa por algo que tenha feito ou dito ou deixado de fazer ou dizer, ou ainda algoque devesse saber, mas desconhecia.
XII – Aceitação do pedido de desculpas.	O interlocutor aceita as desculpas do falante, indicando que não há ressentimentos, suavizando a eventual face ferida do falante.
XIII – Justificativa	Seja em tom de desculpas ou não, o falante tenta justificar determinado ato a fim deamenizar determinada situação.

XIV – Pedido de desculpas retórico.	Por ter chegado atrasado, por ter digitado algo errado, o falante pede desculpa sem estar ligada à agressão à face alheia, mas uma desculpa que antecipa um eventual julgamento. Um tipo de auto-desculpa que poderia passar em branco facilmente sem causar danos à interação, mas que o falante faz questão de pontuar, deixando claro que não foi sua intenção.
XV – Reconhecimento de culpa ou falha.	O falante reconhece sua falha, abrindo um débito para consigo próprio por ter feito ou deixado de fazer, dizer ou saber algo que deveria.

Fonte: (CUNHA, 2009, p. 132-134).

Quadro 9 – Máximas da interação

I – Demonstrar aprovação ou simpatia pelo outro	O falante expressa simpatia deliberada pelo interlocutor, apenas pelo gesto de parecer agradável ao outro ou de, em aprovando o outro, ser também aprovado.
II – Demonstrar interesse pelo outro	O falante demonstra que se importa com os interesses ou vontades do outro ou que deles partilha. Em paralelo a esse tipo de elocução, pode estar agregada a vontade de que o outro faça o mesmo pelo falante. Manifesta-se, nas aulas, em assuntos relacionados ao tópico da aula (quando revela se preocupar se o outro está acompanhando) ou não.
III – Buscar concordância	É comum a busca pela concordância pelo uso de tag questions ou de repetição do que o outro disse. Não no sentido de falar de temas seguros, como sugerido por Brown e Levinson. Como é uma aula,não há situações de falar de temas seguros (pois isso implica perda de tempo), mas sim de temas da aula.
IV – Evitar discordância	O falante utiliza disfarces que evitem uma possível situação desagradável ou de conflito. No caso da aula, é comum que alguma resposta divirja da outra, nesse caso, é indicado que o falante evite ser indelicado, afirmando diretamente que o outro está errado.

V – Brincadeiras (temáticas)	O falante brinca sobre algo que está vinculado de alguma forma, ao tema da aula. Essa estratégia serve para descontrair a aula sem perder o foco pretendido.
VI – Brincadeiras (não-temáticas)	O falante assume uma postura divertida no falar, ajudando o interlocutor a se sentir mais à vontade na interação ou livrando a si próprio ou ao outro de alguma situação embaraçosa. Nas aulas Chat, essa estratégia ajuda na aproximação (mesmo que virtual) dos interlocutores.
VII – Criar envolvimento	O falante inclui a si próprio e ao outro na atividade, mesmo quando esta só diz respeito a uma das partes, a fim de indicar cooperação e interesse pelo outro ou de amenizar o peso do ato de fala. Nesse caso, o 'nós' deve ser substituído por 'eu' ou o 'você'.
VIII – Ser indireto, usar perguntas ou rodeios, pedidos indiretos.	O falante usa de rodeios para pedir ou afirmar algo, podendo, em alguns casos, ser vago para que o outro perceba o que ele, de fato, pretende. Em muitos casos, essa estratégia se mescla com a seguinte, de minimizar a imposição, haja vista que uma das funções dos rodeios é abrandar uma ordem ou uma situação de impolidez.
IX – Minimizar a imposição.	O falante usa recursos lingüísticos que suavizam um pedido ou mesmo uma ordem, demonstrando que está sensível ao interlocutor e ao evento em si.
X – Impessoalizar falante e ouvinte.	O falante generaliza o vocativo, estendendo sua colocação a todos quando, na verdade, pretende que apenas uma pessoa ou um grupo específico capte a mensagem.

Fonte: (CUNHA, 2009, p. 146-147).

Com esses quadros, ficam explícitas as categorias teóricas que serão utilizadas para as análises das situações de interações comunicativas entre monteirenses. Tal modelo serviu de alicerce para que pudéssemos, após a organização dos eventos de fala com base na etnografia da comunicação e da sociolinguística interacional, interpretar e compreender como se dão as estratégias de polidez nos dados em apreço. Consideramos, pois, que esse diálogo epistemológico foi crucial para a construção do trabalho, sem ele as estratégias de polidez perderiam a sua natureza ou condição interacionista.

4 PERCURSO METODOLÓGICO: caminhos possíveis para “estar lá”

A Comunidade Quilombola Monteiro está localizada na zona rural de Timon, a quarta cidade mais populosa do estado do Maranhão, tendo suas memórias registradas a partir do senhor Canuto dos Santos, o último ancestral de quem se tem registro. A comunidade é a única localidade pertencente ao município, que é oficialmente registrado pela Fundação Palmares, sendo reconhecida como comunidade quilombola apenas em 2004. Ademais, a comunidade possui certificação como quilombola, no âmbito municipal e estadual.

Monteiro faz parte de um território quilombola que abrange quinze comunidades em seu entorno. Muitas delas são consideradas quilombolas, contudo não possuem certificação. Interessante ressaltar que a maioria dessas localidades adjacentes correspondem a terras que eram de posse do ex-escravo Canuto dos Santos, pai daqueles que foram se espalhando por essas terras e formando outros grupos ligados ao Povoado Monteiro.

Antes de prosseguirmos com uma breve descrição de atividades e características socioculturais da comunidade, trazemos uma discussão acerca dos aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos da comunidade quilombola Monteiro. Aqui serão apresentados os principais aspectos que contribuíram para a consolidação da identidade do povoado.

Segundo a concepção de Moura (1993, p. 7-8):

> O trabalho escravo modelou a sociedade brasileira durante esse período, deu-lhe o *ethos* dominante, estabeleceu as relações de produção fundamentais na estrutura dessa sociedade e direcionou o tipo de desenvolvimento subsequente de instituições, de grupos e de classes, após a Abolição.

Durante o período escravocrata, em uma sociedade composta por brancos e negros, havia um ambiente marcado por punições, violências e resistência. Os negros eram punidos por meio da violência, mas não abriam mão da resistência, objetivando a tão sonhada liberdade. A resistência ao regime de escravatura se manifestava de diferentes maneiras, sendo elas: banditismo, guerrilhas, revoltas organizadas, insurreição armada, fuga individual e coletiva para o mato, justiçamentos de feitores e senhores, suicídio, lutas no cotidiano e formação de quilombos.

No território brasileiro, dentre os diversos tipos de manifestação de resistência, a formação de quilombos foi a mais recorrente. As comunidades quilombolas passaram a existir durante o período escravocrata e perdurando até após o período da escravidão. Os escravos que conseguiam fugir procuravam o sertão do Brasil, lugar onde se formavam comunidades que

iam desde pequeno a grande porte, ficando conhecidas também como comunidades camponesas clandestinas.

Ainda nos dias de hoje, existem comunidades quilombolas, tendo a sua maioria localizada em perímetros rurais. Algumas, embora em menor número, formaram-se em áreas periurbanas ou até mesmo urbana. Essas comunidades quilombolas resultam de fugas dos escravos, constituindo moradia em terras desocupadas, abandonadas e isoladas dos centros provincianos regidos pelos senhores dos escravos.

No que diz respeito aos estudos sobre a formação e compreensão da cultura dessas comunidades, é necessário a distinção entre quilombolas, remanescentes de quilombos e descendentes de quilombos. Para tanto, compreende-se a importância de revisitar aspectos históricos, bem como características antropológicas e territoriais que demarcam essas comunidades. Coelho (2010, p. 67) afirma que "[...] a identidade étnica de um grupo quilombola é o resultado da confluência de fatores por eles mesmos definidos, uma espécie de ancestralidade comum, formas de organização política, social e cultural, elementos linguísticos e religiosos." Compreendemos, então, que o sujeito que habita uma comunidade quilombola é responsável pela existência da comunidade, uma vez que é por meio dele que os aspectos sócio-históricos, culturais e antropológicos se manifestam em um ambiente representativo de um determinado povo.

Por quilombo, segundo a concepção de Guimarães (1988), entende-se que no século XVIII, o que o define é a existência do sujeito negro no local, isto é, a presença do elemento vivo, não estático e põe em ameaça a ordem escravista. Esse sujeito, em virtude da resistência à escravidão, foge do seu senhor para um lugar longe da fazenda, o então conhecido como quilombo. Percebemos que o que determina o quilombo não é o lugar em si, mas a presença do escravo fugido. Assim, o quilombo é determinado pela presença do escravo resistente à escravidão.

As comunidades remanescentes de quilombos são compreendidas como espaços que são habitados ao longo do tempo por descendentes escravos, ex-escravizados, bem como por negros livres. No entanto, foi só a partir da década de 1980, que esses lugares deixaram de ser vistos como comunidades pretéritas. Tal feito deve-se às ações políticas oriundas dos movimentos sociais representados por negros. O ponto de partida da legalidade dessa transição cultural, social e política, relativo a essas comunidades, está pautado na Constituição Federal de 1988, no Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

A legalidade dessas comunidades instituída na Constituição Federal levou a Fundação Cultural Palmares, em 1994, a pensar sobre um novo conceito para os quilombos, chegando à

conclusão de que: “toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo de uma cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado” (ITESP, 2000, p. 7). Portanto, para ser considerado quilombola, é necessário um documento de autodefinição, que confirme a caracterização do indivíduo como quilombola. Este documento passa pela burocracia municipal, estadual e federal.

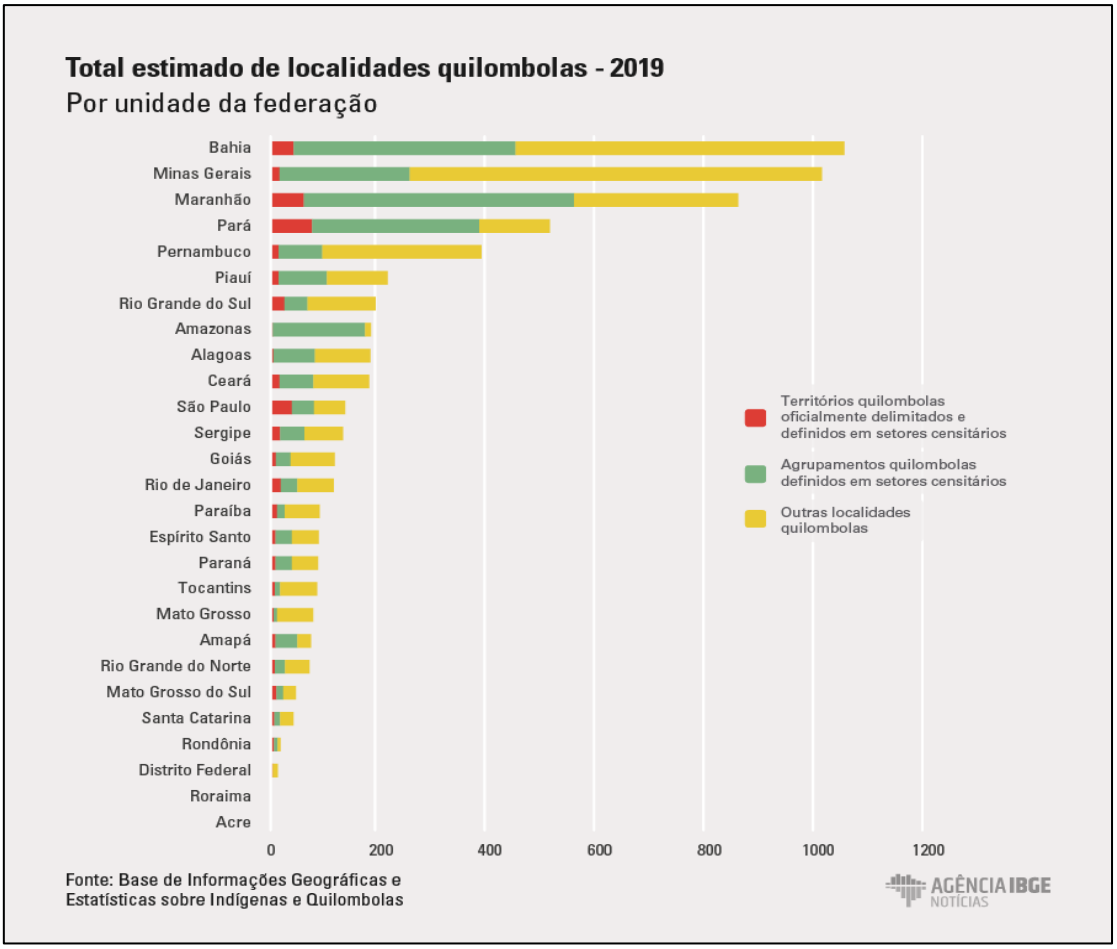
As imagens a seguir ilustram a distribuição das comunidades quilombolas no território brasileiro e o ranking dos estados com seus respectivos números de comunidades quilombolas.

Figura 1 – Comunidades quilombolas no território brasileiro



Fonte: IBGE, 2019.

Gráfico 1 – Total estimado de localidades quilombolas em 2019



Fonte: IBGE, 2019

Como podemos observar, principalmente na figura 1, há uma vasta extensão territorial de comunidades quilombolas no Brasil. Na figura 2, observamos que as cidades brasileiras, Barreirinha, no Amazonas, é a cidade com o maior número de localidades quilombolas do país (167), seguida de Alcântara (74) e Itapecuru Mirim (45), ambas no Maranhão, e Oriximiná (41) e Moju (38), no Pará. Observamos, ainda, que o estado do Maranhão é o 3º estado com o maior número de comunidades quilombolas, reconhecidas pela Fundação Palmares.

Para que uma comunidade seja reconhecida como quilombola e tenha acesso à política de regularização de territórios quilombolas, faz-se necessário que ela se autorreconheça como um quilombo. Para tanto, é preciso que haja uma relação histórica e antropológica com o território reivindicado. Essa solicitação de reconhecimento é enviada à Fundação Palmares, instituição responsável pela análise das informações, bem como a emissão da Certidão de Autorreconhecimento. Após a emissão do certificado, a Fundação Palmares passa a oferecer suporte para que a comunidade adquira o documento definitivo que garanta a posse da terra,

emitido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O INCRA é o responsável por fazer o levantamento territorial e estudos antropológicos e históricos, para que só assim seja possível se fazer uma correta demarcação da área a ser titulada.

Para que o processo de titulação se inicie, faz-se necessário que as comunidades interessadas entrem em contato com a Superintendência Regional do INCRA do seu estado. A partir de então, o Instituto inicia o estudo que resultará na confecção do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território. A solicitação de reconhecimento de uma comunidade deve ser feita às esferas municipal, estadual e federal. Assim, a comunidade quilombola passar a ter acesso a benefícios oferecidos pelo município, estado e pela união.

4.1 Aspectos históricos, socioculturais e econômicos da Comunidade Quilombola Monteiro

Nesta seção, descrevemos alguns pontos representativos da Comunidade Quilombola Monteiro, bem como aspectos históricos, socioculturais e econômicos. O objetivo é apresentar desde a formação da comunidade até a cotidianidade da localidade. Assim, compreender-se-á a importância sociocultural da comunidade aqui estudada.

4.1.1 O ambiente físico

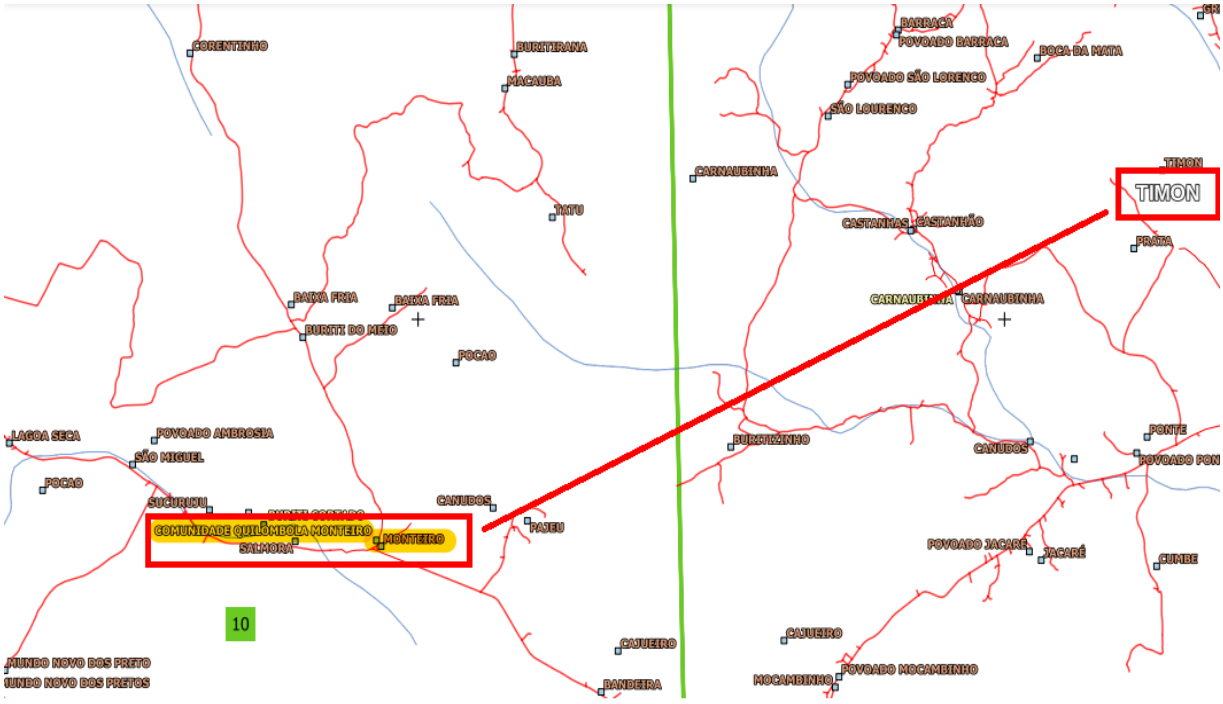
Monteiro é uma comunidade quilombola que está localizada a aproximadamente 37 km da cidade de Timon, Maranhão. A estrada que liga Timon à comunidade Monteiro não é pavimentada, o que dificulta o acesso à localidade. Quanto à sua origem, não se sabe ao certo quando fora formada. Só se sabe que a localidade data antes mesmo da emancipação política da cidade de Timon[23], Maranhão.

Alguns moradores relatam que a Comunidade Quilombola Monteiro formou-se a partir de um quilombo que refugiava escravos fugitivos que passaram a se organizar como um grupo social na localidade. Desde então, uma comunidade foi constituída no território maranhense, que futuramente seria reconhecida pela história e cultura do seu povo.

[23] Conforme o Portal da Transparência da Prefeitura de Timon (MA), a cidade tinha, anteriormente o nome de Flores, que passou a Timon apenas em 1922, na administração do Coronel Ribeiro Albuquerque. Assim, a Vila tornou-se em cidade, através da Lei N.º 1139, quando governava o Estado o Dr. Godofredo Mendes Vianna. Disponível em: http://timon.ma.gov.br/cgm/transparencia/cidade.php. Acesso em: 03 jun. 2022.

A imagem, a seguir, ilustra a localização da comunidade Monteiro, dentro do território maranhense, podendo então se observar a distância entre a comunidade Monteiro e a cidade de Timon.

Figura 2 – Mapa da comunidade Monteiro



Fonte: IBGE, 2022.

A história do Monteiro é narrada por meio de registros orais marcados a partir da existência do senhor Canuto dos Santos, personagem mais antigo da comunidade que se tem registro. Antes dele não se tem nenhum registro de moradores na comunidade Monteiro. Canuto era considerado o patriarca e líder do povoado. Antes de qualquer decisão a ser tomada por qualquer membro da comunidade, o ancião deveria ser consultado, com o intuito de conseguir sua autorização.

Canuto dos Santos era escravo, dono das terras de Monteiro e chefe de família, sendo pai de 11 filhos, 9 homens e 2 mulheres. Não se sabe como as terras passaram a pertencer a ele, pois todos os registros foram destruídos pelo tempo, não sendo mais possível resgatar a memória com mais riqueza de detalhe.

Em meados de 1947, o Senhor Loreno Antônio da Cunha Neto chegou à Comunidade Quilombola Monteiro, com apenas 16 anos. Ao conhecer a senhora Pedra, logo casaram-se. Mas, a sua chegada à comunidade tinha como principal objetivo cuidar do comércio e das terras de seu padrinho, Pedro Lopes, que era dono de uma parte do povoado. Para que Loreno pudesse

realizar suas atividades laborais na comunidade Monteiro, fazia-se necessário ele solicitar a permissão do chefe do quilombo, o senhor Canuto Santos.

No início, a comunidade Monteiro era composta por apenas 11 casas, hoje são 52. As casas no surgimento da comunidade eram feitas de taipa[24], com o piso feito de barro batido e teto de palha. Sem energia elétrica e água encanada, os habitantes da localidade sobreviviam a partir daquilo que a natureza lhe oferecia. Hoje as casas da comunidade, em sua maioria, ainda têm uma estrutura parecida com a do seu antepassado. As paredes são feitas de barro, com piso feito de barro batido e teto de palha. Entretanto, há algumas poucas casas de alvenaria na comunidade.

No ano de 1982 foi construída a estrada que liga Timon ao povoado Monteiro no mandato do Prefeito Luiz Pires. Com isso, abriram-se as portas para o progresso no povoado, como, por exemplo, a comercialização do azeite de coco na feira da cidade de Timon. Ademais, a estrada que liga Monteiro a Timon proporcionou que outros habitantes fossem povoar a localidade, resultando, assim, a miscigenação do povoado, uma vez que, antigamente, os monteirenses eram fechados a pessoas de fora, de forma que os casamentos eram realizados apenas entre primos, com a justificativa de que o "o sangue não podia se espalhar". Tanto é, que, a maioria dos casais mais antigos que ainda estão vivos e residentes lá, são primos legítimos de primeiro grau. Com isso, eles primavam por preservar a sua história, cultura e língua.

Em 1983, foi construído o Posto de Saúde, no mandato do Prefeito Napoleão Guimarães. Mas foi só em 1992 que a comunidade passou a ser assistida pelo Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). No ano de 1997, se deu a sua reforma e ampliação no mandato do Prefeito Sebastião de Deus. Em 2014, houve mais uma reforma de ampliação, no mandato do Prefeito Luciano Leitoa. Assim, a comunidade de Monteiro passou a ter uma melhor assistência à saúde, a considerar, inclusive, que o líder de lá e presidente da Associação de Moradores é, então, o agente de saúde da localidade, que engloba não só o Povoado Monteiro, mas algumas adjacências: Buriti do Meio, Salmoura, Baldino e Ambrósio. Todos esses povoados constituem uma microárea ligada ao Monteiro, conhecida, então, como Micro 3.

No ano de 1997, chegou eneria elétrica no povoado, no mandato do Prefeito Sebastião de Deus, após manifestações de insatisfação da população, liderada pelo Senhor Loreno Antônio da Cunha Neto e o Senhor Leônidas dos Santos. A população reivindicava pela energia

[24] Taipa consiste em um método construtivo antigo de casas, formadas no entrelaçamento de varas amarradas com cipós, que formam vãos. Essas aberturas, posteriormente, são preenchidas com barro. Essa técnica também é conhecida como pau a pique.

elétrica, uma vez que ela teria sido destinada apenas para a propriedade do senhor Antônio José, na localidade Salmoura, que se localizava a apenas 1 km de distância do Povoado Monteiro.

Em 2003, foi iniciada a construção da Escola no povoado, no mandato do Prefeito Francisco Leitoa, por intermédio do professor Francisco Carneiro dos Santos, feito que já estava sendo esperado a mais de dez anos pelos moradores da comunidade. Em agosto de 2003, iniciaram-se as aulas de 1º ao 9º ano. A escola teve sua conclusão no ano de 2005, já no mandato da Prefeita Socorro de Almeida Waquim.

No ano de 2007, a comunidade quilombola recebeu a construção de uma microusina beneficiadora de arroz e a forrageira para beneficiar o coco, milho, entre outros produtos cultivados no povoado. Ainda em 2007, aconteceu a instalação de um telefone público no Monteiro. Percebemos que a comunidade, originada a partir da busca de refúgio de escravos que fugiam de um regime cruel e injusto, recebe, mesmo que a passos lentos, o abraço do progresso.

4.1.2 População

Atualmente, a população da comunidade é de aproximadamente 173 habitantes, sendo quase todos negros, com estatura mediana. A maioria da população da comunidade Monteiro é descendente de negros escravizados que deram origem à localidade. Os casamentos eram realizados entre parentes (primos e primas), por imposição da própria comunidade. Isso se dava a partir da concepção de que não queriam que terceiros viessem habitar na comunidade Monteiro. Só com o passar do tempo que isso foi sendo desmistificado, havendo a formação de família com membros de outros lugares.

A maior parte da comunidade é formada por negros, havendo uma pequena miscigenação com o branco devido à formação familiar com pessoas de cor diferente. O que se sabe sobre a história da comunidade reflete as narrações feitas por alguns moradores idosos, os quais buscam rememorar os feitos de seus antepassados. Os mais novos se distanciam um pouco mais da cultura dos mais velhos, uma vez que esses pertencem a uma era diferente dos seus ancestrais, principalmente pelo avanço tecnológico e o acesso a parte dele, como, o acesso ao celular, à internet e à televisão, que, em tempos atrás, ninguém ouvia falar nesses artefatos.

Figura 3 – Uma das moradoras mais antigas da comunidade



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Na figura 3, temos o registro de uma das moradoras mais velhas da comunidade, que pertence à linhagem do Senhor Canuto do Santos, sendo sua neta. Alguns habitantes são oriundos de outros lugares. Isso quer dizer que nem todos os moradores de Monteiro são nativos da comunidade. Na localidade há uma mistura entre piauienses e maranhenses, devido à aproximação geográfica. Alguns moradores possuem residência tanto no Monteiro como na cidade de Timon. Esses usam suas residências no interior apenas para descanso, residindo mesmo na cidade. Muitos dos monteirenses foram morar em outros estados, em busca de estudo, trabalho e melhoria de vida, outros viajam, passam alguns meses trabalhando fora e voltam para lá, onde deixaram a família.

4.1.3 Atividades socioeconômicas

A principal atividade socioeconômica da Comunidade Quilombola Monteiro é a quebra de coco e a atividade agrícola denominada Roça de Multesseriado, atividade que consiste na plantação da Mandioca, Arroz, Feijão, Fava, Milho, entre outros tipos de plantios. As imagens a seguir ilustram os monteirenses em suas atividades laborais.

Figura 4 – A quebra de coco



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 5 - Roça Multisseriada



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Tais atividades são para o sustento das famílias, primordialmente. A quebra de coco é realizada pelas mulheres, para a produção do azeite de coco e do carvão de casca de coco. A

Roça de Multesseriado fica na responsabilidade dos homens. Isso mostra que as atividades são divididas, levando em consideração a questão do gênero. As atividades mais pesadas são destinadas aos homens e as atividades que não requerem tanta força são destinadas às mulheres, sendo ambos os gêneros ativos nas atividades econômicas da Comunidade Quilombola Monteiro.

A atividade da quebra de coco gera renda tanto pela venda dos cocos quanto pela produção do azeite de coco. Além da comercialização do fruto e da produção de azeite, as cascas do coco são aproveitadas para a produção de carvão. Assim, há um aproveitamento integral do coco. Geralmente, uma mulher fica responsável por organizar a quebra de coco. Contratam-se homens para colher e mulheres para quebrar. É interessante destacar que, habitualmente, os cocos são colhidos nas terras de uma das moradoras do Monteiro. Como pagamento, todas as mulheres se reúnem uma vez ao mês para a quebra, durante dois dias, e toda a produção de coco dessa quebra é direcionada à dona das terras.

Cabe às mulheres de faixa etária acima de 40 anos, a quebra de coco. Alguns monteirenses relatam que há a falta de mão de obra, e que a quebra de coco poderá se tornar uma atividade escassa, uma vez que a geração atual não tem aptidões para dar continuidade a cultura dessa atividade, de modo que buscam outras formas de subsistência que não seja por meio do coco. Não há a presença dos mais novos nesse tipo de produção.

Já a colheita de arroz, da fava, do feijão, da abóbora, da macaxeira, dentre outros tipos de alimentos, para o próprio consumo das famílias monteirenses, fica a cargo dos homens. Não se planta visando à comercialização, mas sim ao próprio consumo. A atividade do plantio é feita de forma comunitária e, no período da colheita, que compreende entre maio e junho, eles se dividem formando grupos de trabalhadores, entre aqueles que ajudaram a plantar e a colher. Vale ressaltar que, só são formados esses grupos quando o produtor tem uma roça de larga extensão territorial, quando se trata de pequenos produtores, o plantio e a colheita são feitos apenas com os membros da família.

A figura, a seguir, ilustra os monteirenses na atividade de colheita do arroz:

Figura 6 – Colheita de arroz



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Alguns moradores dependem também de benefícios sociais oriundos do poder público, que vão desde as esferas municipais até o governo federal. Benefícios como aposentadoria, Bolsa Família, que passou a ser atualmente o Auxílio Brasil, crédito agrícola, que influencia o plantio na comunidade ou criação de animais, são exemplos de outros tipos de renda que sustentam financeiramente a localidade Monteiro. Há também, na comunidade, a criação de animais, como porco e galinha. É difícil chegarmos em uma casa e não encontrarmos galinhas no terreiro. Já o porco é mais difícil, principalmente por causa do preço referente ao animal e pelo custo-benefício inacessível, para a criação.

Outra atividade econômica que acontece, informalmente, é a rifa de carne, bovina ou suína. Alguns moradores formam grupos, entre os quais é rifado apenas um quilo de carne. Essa prática é mais uma opção de renda quando não se consegue vender toda a carne do animal que foi morto. Tem-se, assim, um canal de comercialização utilizado pelo agronegócio rural de carne bovina e suína, que possui, ainda, um caráter de lazer entre os participantes, por causa do jogo de rifa, de forma a "unir o útil ao agradável".

Em relação às atividades comerciais da comunidade, observamos que não há comércios para a venda de alimentos, apenas bares com a comercialização de bebidas alcoólicas, que

compõe as opções de lazer do fim de semana. Se algum morador precisar comprar alimento, é preciso se deslocar até a cidade de Timon, para realizar a compra do que precisa. Como o arroz e o feijão plantados na comunidade são apenas para o consumo dos seus próprios habitantes, estes conseguem viver bem no que diz respeito à ausência da venda do gênero alimentício. Assim, os moradores que são produtores agrícolas possuem insumos que, geralmente, duram em torno de um ano, até que chegue a próxima colheita, de arroz e de feijão.

4.1.4 Atividades socioculturais

A Comunidade Quilombola Monteiro tem como Padroeira a Santa Nossa Senhora da Conceição e festeja a Santa no dia 08 de dezembro de cada ano, como uma tradição cultural. Um membro da comunidade fica responsável pela organização da festividade, com a ajuda de outras pessoas dividas em grupos, os quais ficam responsáveis por organizar a igreja, recepcionar as pessoas de fora, preparar a comida que é servida após a missa etc. O evento lota a comunidade com pessoas de regiões adjacentes.

A imagem a seguir ilustra a igreja católica, local onde se realizam os festejos de Nossa Senhora da Conceição.

Figura 7 – Barracão onde funciona a Igreja Católica do Povoado Monteiro



Fonte: Arquivo do pesquisador.

As comidas servidas a todos os participantes da festividade são oriundas de doações e os pratos são feitos por um grupo de mulheres que se voluntariam para preparar o cardápio. A comunidade tem tal evento como marco cultural, o qual movimenta as famílias do Monteiro e convidados de outros lugares.

Conforme relatos de alguns moradores mais antigos, os antepassados tinham algumas práticas culturais que foram se perdendo ao longo dos anos. Antigamente, era comum se praticar os “noitantes”, para festejar a Santa. Eles faziam baias, ou seja, tambor de crioula. Com o passar do tempo, essa prática foi se tornando esquecida. No santuário, toda a comunidade se reúne, assim como pessoas de outros lugares, para celebrar missas e novenas devotas aos santos. Apesar de não ter um templo tradicional, o “barracão”, onde funciona a igreja, tem uma representatividade considerável na comunidade Monteiro. Eles também praticavam as “brincadeiras de careta”, outra tradição que se perdeu.

Na Igreja Católica, além dos festejos de Nossa Senhora da Conceição, há ainda as rezas para São Francisco, que acontecem em 4 de outubro de cada ano. Existem, na comunidade, pessoas devotas ao Santo. Há também, as missas que são realizadas na Igreja da comunidade.

No mês de maio, comemora-se o Mês de Maria. Toda noite, durante esse mês, reza-se um terço em uma residência. A celebração é acompanhada por alguns membros da comunidade, tendo uma pessoa responsável por liderar as rezas, demarcando um mês inteiro de devoção à santa Maria, mãe de Jesus.

Além das atividades religiosas organizadas pelos membros integrantes da igreja católica, há também na Comunidade Quilombola Monteiro, a presença dos protestantes, religião cristã representada pela denominação Batista, que compõe a cultura religiosa da localidade.

A figura, a seguir, ilustra o templo da Igreja Batista na comunidade.

Figura 8 – Congregação Batista Vida Nova



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Poucos membros do Monteiro integram a Congregação Batista. No entanto, sua presença diversifica o contexto religioso que representa a comunidade monteirense. Podemos observar uma confluência que paira sobre o Monteiro, no que diz respeito à representação

religiosa. Uma questão sobre as igrejas do local refere-se à dependência de pastor ou padre da cidade de Timon, motivo pelo qual as atividades não são regulares.

Em janeiro de 2005, foi fundada a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Povoado Monteiro e adjacências, tendo como presidente o Senhor Reginaldo Costa Silva. Em maio de 2006, iniciou-se o processo de reconhecimento como comunidade quilombola em que se obteve a certidão de autodefinição, em novembro de 2007.

4.1.5 Atividades de lazer

As atividades de lazer realizadas pelos monteirenses acontecem, sobretudo, aos fins de semana. Dentre as atividades comuns, encontramos: o jogo de futebol (pelada), jogos de carta e de dominó, reuniões entre amigos nos bares, baião, pé de serra (forró). Momentos de lazer como esses é o que descontrai os monteirenses aos fins de semana, período que não estão trabalhando em suas roças ou quebra de coco, principalmente.

Como é possível observar, a partir dessas informações históricas, geográficas e culturais, o Povoado Monteiro possui uma organização social voltada para práticas rurais, as quais estão, ao longo dos anos, se modificando, principalmente pelo amplo contato com pessoas citadinas e, sobretudo, pelo acesso à televisão e internet. Feitas essas considerações nesta seção, discorremos, a seguir, sobre o ingresso na comunidade.

4.2 O ingresso na comunidade

Ao adentrar em um campo de pesquisa, o sociolinguista deve considerar algumas precauções para a sua atuação, como um estudioso da fala de pessoas oriundas de uma comunidade.

Neste contexto, Fernando Tarallo (2005) apresenta alguns conselhos para pesquisadores sociolinguistas, os que serão considerados:

a) Jamais esclarecer para os interlocutores que a pesquisa trata sobre a língua da comunidade, isto é, procurar uma explicação fora do campo da linguagem, a fim de não comprometer os dados e a própria entrevista[25];

[25] Este caso é especial. É um tipo /de pesquisa conhecido como “pesquisa encoberta”, como assegura a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016: “pesquisa encoberta: pesquisa conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa. A pesquisa encoberta somente se justifica em circunstâncias nas quais a

b) Esclarecer que a gravação com dados pessoais poderá ser inutilizada;
c) Procurar acomodar o falar do entrevistador ao da comunidade entrevistada, com a finalidade de não causar efeito negativo sobre o comportamento sociolinguístico da localidade;
d) Entrar na comunidade através de terceiros, nesse caso, o acesso à comunidade se deu por intermédio de uma amiga que tem parentes residentes nas adjacências da comunidade.

Dentre muitos obstáculos encontrados no trabalho de campo, destacamos as ações dos sujeitos nativos. Ingressar no campo é uma das tarefas mais conflituosas do "estar lá". No Monteiro, deparamo-nos com moradores completamente arredios com pessoas de fora da comunidade, quer dizer, sujeitos que voluntariamente buscam se afastar de pessoas desconhecidas, uma prática muito comum principalmente no que tange aos mais antigos. Para tanto, algumas estratégias foram necessárias, para que pudéssemos entrar em contato com eles.

A principal estratégia foi procurar o líder da comunidade, que de forma solícita e acolhedora nos recebeu e nos apresentou para a comunidade em uma das reuniões da Associação de Moradores. A partir de então, ele escalou um dos jovens da comunidade, que é como se fosse uma espécie de ajudante nas tarefas da Associação, para que nos acompanhasse nas visitas.

Para o contato com os monteirenses, é interessante ressaltar dois momentos distintos e importantes: o momento que equivale à pré-apresentação, o de recém-chegado à comunidade, procurando estabelecer os primeiros contatos e conhecer melhor os monteirenses; segundo, o momento pós-apresentação, que permitiu a quebra de barreiras entre os sujeitos – pesquisador e pesquisados –, em que os nativos passaram a ter mais confiança e liberdade com o estrangeiro ali situado.

Antes de ingressar na comunidade, ouvíamos comentários de regionais, como por exemplo: "os quilombolas do Monteiro são muito fechados, são ignorantes"; "o pessoal de lá joga pedra nas pessoas de fora"; "pra você entrar lá vai ser complicado"; "antigamente, até um camelô tinha dificuldade de vender na comunidade, porque se o primeiro morador comprasse, ele poderia prosseguir, que a venda seria boa nas demais casas, mas se o primeiro morador não comprasse, ele poderia voltar, que lá não vendia nada"; "o povo do Monteiro é estranho, eles falam cantando". Todos esses comentários nos surpreendiam e, ao mesmo tempo, nos

informação sobre objetivos e procedimentos alteraria o comportamento alvo do estudo ou quando a utilização deste método se apresenta como única forma de condução do estudo [...]" (BRASIL, 2016, p. 3).

instigavam a conhecer melhor a realidade das pessoas desse povoado. Queríamos saber o que de diferente das outras localidades acontecia ali, se ainda acontecia. Enfim, após o contato com eles e as conversas sobre as tradições, sobre o cotidiano deles, descobrimos que muitos desses comentários eram reais, de fato, faziam referência a acontecimentos e características marcantes dos monteirenses, o que sugerimos estar relacionado com a própria identidade negra que pertence a eles.

Contudo, esses comportamentos dos quais ouvimos falar, já não existem mais, principalmente por influência da chegada da urbanização na localidade, materializada, sobremaneira, pelo uso do celular, pelo acesso à internet e à televisão. Mas não são apenas essas as mudanças que ocorreram ou estão ocorrendo. Segundo relatos de moradores, muitas práticas culturais comuns aos monteirenses já se perderam, como cultos religiosos aos orixás e às entidades, chamados simplesmente de "macumba", as brincadeiras de careta, os "noitantes"; e outras estão amplamente enfraquecidas, como as festas juninas, e algumas atividades socioeconômicas, como a quebra de coco e o trabalho com a lavoura. Isto posto, é interessante evidenciar, ainda, que, nos primeiros contatos com os monteirenses, nos deparamos com pessoas que rejeitavam as conversas, não aceitavam receber visitas e, quando aceitavam, omitiam e/ou distorciam informações.

Alguns cuidados e estratégias foram imprescindíveis para nossa atuação no campo de pesquisa, quais sejam:

a) Estabelecer relações de confiança entre os sujeitos envolvidos;
b) Mostrar-se disponível, sempre que alguma interação estivesse planejada a acontecer;
c) Ter disponibilidade para conversar com os sujeitos e para ouvi-los, sempre que eles buscassem;
d) Familiarizar-se com o cotidiano e modo de vida dos monteirenses;
e) Ser flexível para mudanças e adaptações necessárias;
f) Sempre buscar orientações e auxílio do líder da comunidade, para um melhor convívio na localidade;
g) Trabalhar com autonomia e responsabilidade, de forma a inspirar confiança.

4.3 Os sujeitos da investigação

Ao adentrar em um campo de pesquisa, é comum que o investigador se questione sobre os sujeitos que participarão do seu trabalho. Nesse sentido, perguntas que reflitam sobre quem

serão os interlocutores, quais são suas características e como será a relação entre pesquisador e pesquisado, são importantes de serem pensadas.

A respeito da noção de sujeito participante de uma pesquisa etnográfica, Ezpeleta o caracteriza, como sendo:

> [...] Uma pessoa com a qual interajo; que me ensina as coisas; descobre-me seus mundos e outras visões dos meus e, além disso, enriquece-me. Um alguém concreto, com o qual devo relacionar-me numa tarefa comum e que, por isso mesmo, me modifica de algum modo [...] (EZPELETA, 1986, p. 90).

Neste sentido, lidamos, no campo, com "[...] *sujeitos que protagonizam processos sociais* [...]", no dizer de Ezpeleta (1986, p. 90, grifos da autora). Processos esses que são particulares, isto é, inerentes ao contexto em que os sujeitos estão inseridos, e que são observados e analisados sob o viés de algum construto epistemológico.

Além do mais, é mister destacar que os sujeitos envolvidos na pesquisa, os protagonistas dos processos sociais, possuem características distintas, que variam entre a estatura física, idade, gênero, escolaridade, nível socioeconômico, profissão, comportamentos, jeitos de falar etc. Além dessas características, é cabível evidenciar que os monteirenses se constituem mediante relações sociais específicas, tradições e histórias ímpares, as quais são geradas por normas e regras sociais também diferenciadas, mas que são compartilhadas entre eles.

Os sujeitos, possuidores dessas diferenças consideráveis, cumprem, em comum, um papel primordial: alimentar as facetas que configuram os processos interacionais reais e concretos na comunidade, os quais originaram os eventos comunicativos descritos no capítulo de análise desta pesquisa. Sobre essa questão, é imprescindível citar Ezpeleta (1986, p. 92), ao esclarecer que, embora os sujeitos conheçam as regras do jogo institucional, eles "[...] são capazes de distanciar-se delas, manejá-las de fora, compartilhá-las, readaptá-las, resistir-lhes ou simplesmente criar outras novas."

4.4 Classificação da pesquisa

Etimologicamente, a palavra etnografia é derivada do grego *ethno* (nação, povo) e *graphein* (escrever). *Grosso modo*, significa escrever sobre uma nação, ou melhor, sobre a cultura de uma nação, por intermédio da descrição. A etnografia tem suas raízes na antropologia, no século XIX, constituída pelos antropólogos sociais e culturais, que lançaram mão da coleta de dados diretamente na fonte.

Conforme Erickson (2004), a etnografia possui quatro características fundamentais: a) foco no particular, perspectiva que se interessa na descrição de interações sociais específicas que ocorrem naturalmente na fala; b) foco no geral, abordagem que versa sobre uma interpretação que prioriza uma análise integral dos fenômenos, que se preocupa com uma visão holística e comparativa na descrição etnográfica; c) foco no significado social da fala, que visa também ao significado literal e referencial; d) foco no significado da ação social, que preconiza identificar significados referentes aos sujeitos que atuam nos eventos em observação.

Catarina Costa (2020, p. 15) certifica que:

> [...] a etnografia garantiu, de forma segura, a construção de conceitos que constituíram a base antropológica dos estudos acerca das culturas e dos modos de organização social, o que levou o antropólogo Dell Hymes, professor e pesquisador da Universidade de Pensilvânia (EUA), a acreditar constituir-se a etnografia um modo adequado de investigação para aspectos linguísticos e culturais, até então não investigados, mas que são profícuos para as duas áreas de conhecimento e capazes de restabelecer aspectos da relação língua/fala e cultura numa visão holística e particularista.

Complementando o exposto, corroboramos Rockwell (1986, p. 38, grifos da autora), que esclarece:

> A etnografia proporcionou uma volta à observação da interação social em situações ‘naturais’, um acesso a fenômenos não-documentados e difíceis de serem incorporados às exigências do levantamento e do laboratório. Os antropólogos exprimiram um empenho em contextualizar e conservar a complexidade dos processos sociais, bem como uma tendência para encontrar ordem onde outras disciplinas só viam anormalidade e desvio, e uma sensibilidade para com a linguagem e as concepções dos sujeitos estudados. Armados com instrumentos e conceitos forjados nas ilhas, os etnógrafos entram no campo nas ‘sociedades complexas’ através do estudo de situações peculiares à vida cotidiana das ruas, bairros e comunidades, hospícios, cárceres, tribunais, clínicas e escolas. Ao desenvolver-se nestes campos do domínio clássico da sociologia a etnografia propõe uma nova visão, definindo novos objetos de estudo e elaborando conceitos pertencentes à escala estudada. A busca teórica traz consigo, ao mesmo tempo, uma adequação metodológica da etnografia aos novos problemas e contextos.

Para investigar os usos de estratégias de polidez em situações de interação comunicativa entre os moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, de Timon-MA, adotamos, nesse campo de pesquisa, a etnografia, não somente como uma técnica, mas como uma escolha metodológica, seguindo a concepção de que todo método implica, conscientemente, uma teoria (ROCKWELL, 1986; COSTA, 1988, 2020). Esse elo reflete uma perspectiva que tem como

finalidade realizar a tarefa científica de observação e de interpretação dos dados referentes à realidade que ainda não se conhece.

Mariza Peirano (2014) defende, categoricamente, que a etnografia não é método. Para tanto, ela esclarece que etnografias:

> [...] não são resultado simplesmente de 'métodos etnográficos'; elas são formulações *teórico-etnográficas*. Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria. Aos alunos sempre alerto para que desconfiem da afirmação de que um trabalho usou (ou usará) o 'método etnográfico', porque essa afirmação só é válida para os não iniciados. Se é boa etnografia, será também contribuição teórica; mas se for uma descrição jornalística, ou uma curiosidade a mais no mundo de hoje, não trará nenhum aporte teórico. (PEIRANO, 2014, p. 383).

Com base nisso, buscamos uma articulação entre a etnografia da comunicação, a sociolinguística interacional e a teoria da polidez, de modo a concordar com Rockwell (1986, p. 49), ao explicitar que "[...] a elaboração teórica é não apenas condição prévia da pesquisa etnográfica, mas se constitui – dadas as características particulares da etnografia – num excelente método para unir a pesquisa empírica com o processo de construção teórica [...]". Desse modo, destacamos que, nesta pesquisa, tal como sugere a etnografia, não foi possível chegar à Comunidade Quilombola Monteiro com um modelo teórico delineado para análise de dados, em razão da necessidade de considerarmos o estreito vínculo entre observação e análise, de tal modo que, as definições das categorias teóricas foram sendo constituídas ao longo do processo de pesquisa etnográfica.

Stella Bortoni-Ricardo (2008, p. 38) assevera que o: "etnógrafo participa, durante extensos períodos, na vida diária da comunidade que está estudando, observando tudo o que ali acontece; fazendo perguntas e reunindo todas as características daquela cultura, que é o seu foco de estudo [...]". Seguindo as atribuições de um etnógrafo, haverá a necessidade de se conviver com a comunidade em questão por um determinado período de tempo, a fim de que se possa ser viável a realização da pesquisa e o alcance do objetivo central, que é caracterizar linguística e culturalmente a referida comunidade rural negra.

A autora deixa claro que pesquisas etnográficas têm, consequentemente, a abordagem qualitativa. Neste caso, a proposta tem como base teórica a Sociolinguística Interacional, que tem como princípio analisar a fala em interação comunicativa. Para tanto, utilizará as conjecturas teóricas e metodológicas da Etnografia da Fala de Dell Hymes (1976), a fim de promover uma sistematização de dados e análise por meio de eventos de fala, considerando que Stella Bortoni-Ricardo (2008) esclarece que Dell Hymes é um sociolinguista de formação

antropológica, o responsável por estabelecer as bases programáticas de uma dimensão qualitativa. De tal maneira, segue-se à quarta tendência de possibilidades de relação entre os fatos linguísticos e sociais, já apresentada na identificação do problema, conforme Catarina Costa (1988), uma vez que não nos detemos somente em dados linguísticos, mas buscamos relacioná-los ao contexto social em que estão inseridos os falantes, na tarefa investigativa de estabelecer a relação entre as estratégias de polidez utilizadas pelos moradores do Povoado Monteiro com as práticas socioculturais inerentes a eles.

Entende-se, destarte, que o viés etnográfico que se propõe, condiciona a investigação ao atendimento de algumas características básicas, tais como: uso da observação participante, de entrevistas e de análise de documentos; interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa; ênfase no processo e não nos resultados finais; visão dos interlocutores sobre as suas experiências idiossincráticas; variação de período, que pode tornar-se mais extenso do que o esperado; coleta de dados descritivos e transcritos literalmente (BORTONI-RICARDO, 2008).

Em relação ao fazer etnográfico, Peirano (1995) deixa uma provocação em seu texto:

> Com este fecho a favor da etnografia, concluo: novas análises e reanálises virão para comprovar a fecundidade teórica do trabalho etnográfico. Elas certamente irão reforçar a convicção central dos antropólogos: de que a prática etnográfica — artesanal, microscópica e detalhista — traduz, como poucas outras, o reconhecimento do aspecto temporal das explicações. Longe de representar a fraqueza da antropologia, portanto, a etnografia dramatiza, com especial ênfase, a visão weberiana da eterna juventude das ciências sociais. (PEIRANO, 1995, p. 52-53).

Desde um ponto de vista sociolinguístico, a etnografia tem por finalidade realizar uma documentação e análise de aspectos específicos nas práticas cotidianas da comunidade que envolvem a fala. Quer dizer, são os hábitos comuns, as situações sociais de uso, a organização linguística e comportamental do uso em si, que constituem o foco da perspectiva em questão (ERICKSON, 2004).

Na esteira do autor, é importante destacar que a etnografia é uma abordagem que preconiza aspectos de significado, os quais não podem ser alcançados com uma simples pesquisa de campo que aplica questionários aos sujeitos envolvidos. Os procedimentos da pesquisa etnográfica vão além dessa técnica, uma vez que ela envolve a observação participante e entrevistas subsequentes, como forma significativa de documentação dos usos que habitualmente ocorrem nas práticas sociais da comunidade, as quais são auxiliadas por gravações em áudio e vídeo, tal como veremos na seção seguinte.

4.5 Procedimentos técnicos de produção e análise dos dados

Nesta seção, apresentamos os procedimentos técnicos que foram utilizados para a geração dos dados da pesquisa, bem como da análise deles, sem os quais não teria sido possível realizar a investigação.

4.5.1 Observação participante

Como procedimento técnico de produção de dados, utilizamos a observação participante e entrevistas informais. As discussões sobre os métodos em pesquisa etnográfica de Erickson (2004) e Saville-Troike (2005) foram fundamentais para a nossa pesquisa. Eles sugerem que a observação participante é o principal método de produção de dados, acompanhada, quando possível, de gravação em áudio e vídeo. Segundo os autores, esse método envolve a participação ativa com os sujeitos que são observados *in loco*.

No tocante à nossa participação, consideramos uma continuidade em relação ao papel de sujeito pesquisador, que envolve participação mínima (presença nos eventos comunicativos) e máxima (participação nos eventos comunicativos como se fosse um membro da comunidade). Para tanto, consideramos que estivemos no entremeio dessas escalas participativas, pois, ao tempo em que registrávamos os eventos comunicativos, participávamos das interações verbais e, ainda, não menos importante, fazíamos anotações no diário de bordo. Desse modo, estivemos inseridos no grupo, em relação face a face com os nativos, de forma livre para observar as coisas que eles ainda não se ativeram ou não conseguiram ver. Assim, enquanto observávamos as interações, realizávamos a produção de dados.

Ezpeleta (1986) explicita que a pesquisa participante apresenta três elementos centrais, que são: a pesquisa, a participação e a política. Esta última ora é explícita, ora não. A partir da conjugação de tais elementos, a autora distingue quatro linhas relacionadas à pesquisa: i. a pesquisa-ação, em que a ação se constitui em caráter duplo em direção ao referencial empírico; ii. a participação, a partir de técnicas e sistematização de dados; iii. o trabalho político, em que a participação se desenvolve por intermédio de alguma articulação com a política; iv. o equilíbrio entre a pesquisa e a participação, sobre a qual a pesquisadora desenvolve sua reflexão crítica.

A partir dessa relação entre pesquisa e participação, Ezpeleta (1986, p. 78-79, grifos da autora) tece críticas ao paradigma positivista, de modo a refletir sobre questões centrais que gravitam em torno da ciência social. A primeira questão diz respeito à linguagem, que, segundo

a autora, "[...] pretende denominar a realidade de 'outro' modo e que, assim, procura constituir-se ao mesmo tempo em linguagem crítica [...]". A segunda questão discutida é a "[...] frequente mudança de escalas ou transposição de categorias *estruturais* (sistema social, classe, reprodução) para a análise de situações *particulares, específicas* [...]". A terceira questão de sua reflexão crítica evidencia a transformação do termo participante em sujeito, de modo que implicam nessa mudança o conhecimento e a ação referentes à pesquisa.

Apoiada no modelo marxista, a autora discorre sobre o construto teórico e a criação de categorias de análise dentro da observação participante, pontos crucias para a pesquisa etnográfica, a considerar a atuação do pesquisador no campo, desde a sua convivência com os moradores de uma determinada comunidade até a atividade científica de fazer registros, analisando-os de forma minuciosa. Assim, após o ingresso na localidade, que possibilita o levantamento de percepções por parte do pesquisador em relação à realidade social em apreço, é possível organizar as categorias de análise as quais serão mobilizadas nos dados, que já foram previamente observados e refletidos, uma vez que informações empíricas e breves análises são frutos de um esforço intelectual do etnógrafo, que em diálogo com a sua visão de mundo e conhecimento teórico prévio, estabelece as categorias que lhe serão úteis para o trabalho investigativo.

> As categorias constituem as ferramentas intelectuais para analisar e ordenar a realidade em estudo. Sua articulação na teoria é o que possibilita a interpretação da realidade. Os projetos e estratégias transformadores, e os projetos e estratégias conservadores sempre se fundamentam em alguma interpretação do real. (EZPELETA, 1986, p. 89).

Tendo em vista essa discussão sobre a constituição de categorias de análise, cabe, aqui, ressaltar a importância do conhecimento prévio a respeito da teoria que fundamenta o estudo e o conhecimento que se constrói sobre a realidade em questão, envolvendo distintos fatores, tais como: a história da população, as práticas culturais, as práticas do cotidiano que materializam as interações verbais, dentre outros fatores que podem ser relevantes.

No percurso metodológico desta pesquisa, todos esses pontos foram cruciais, para que pudéssemos chegar às categorias utilizadas na análise referente a situações interacionais de moradores do Povoado Monteiro, de Timon-MA, as quais já foram detalhadas no capítulo teórico sobre as estratégias de polidez e que são retomadas neste capítulo, para a descrição dos procedimentos técnicos de análise dos dados. Destarte, conseguir alcançar esse processo é resultado da atenção que o etnógrafo dispõe à realidade e aos "processos sociais" (EZPELETA, 1986, p. 90), retratados no campo, em virtude de que os acontecimentos diversos inerentes ao

cotidiano dos sujeitos inseridos nas práticas interacionais foram responsáveis por nos motivar e nos afetar, de alguma forma, a partir da relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado.

4.5.2 Entrevistas

Além da observação participante, referida anteriormente, utilizamos com método de produção de dados, entrevistas informais, em razão de assim de Erickson (2004) orientar que as entrevistas no trabalho de campo devem ser realizadas informalmente, as quais foram registradas em instrumentos já especificados, como gravação em áudio e notas no diário de bordo.

Para o autor,

> Um dos propósitos principais da entrevista é fornecer evidências referentes aos pontos de vista dos participantes que estão sendo estudados. As evidências das entrevistas podem confirmar ou não confirmar as inferências sobre os pontos de vista dos participantes que foram feitas pelo pesquisador com base na observação participativa [...] (ERICKSON, 2004, p. 37).

Desse modo, consideramos as entrevistas como fundamentais para a constituição de dados referentes às interações entre os moradores da Comunidade Quilombola Monteiro. Elas contribuíram, sobremaneira, para uma variedade de informações culturais, sociais, históricas. Foi através de entrevistas informais que evidenciamos informações a respeito da história da localidade, das tradições religiosas, da vida cotidiana dos monteirenses, das questões que envolvem saúde, educação, economia e lazer. Tais informações foram relevantes, principalmente porque nos permitiram ter um conhecimento mais amplo e sistemática sobre a organização social da comunidade, e, posteriormente, sobre os possíveis eventos comunicativos próprios das interações sociais que existem no seio da comunidade.

Saville-Troike (2005, p. 126, tradução nossa[26]) adverte que é: "[...] melhor impor o mínimo de estrutura possível em uma entrevista e inserir perguntas em pontos naturais de seu desenvolvimento, em vez de ter um roteiro rígido de perguntas a seguir."

Ainda segundo autora, é importante destacar:

---

[26] Tradução do original:
"[…] mejor imponer tan poca estructura como se pueda a una entrevista e insertar las preguntas en puntos naturales de su desarrollo en lugar de tener un plan rígido de preguntas a seguir." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 126).

> A essência da entrevista etnográfica é que ela é aberta e assume o mínimo possível de preconcepções como seja possível, ou pelo menos tenta constantemente descobrir as possíveis fontes de perspectivas e minimizar seus efeitos. O etnógrafo deve estar aberto a novas ideias, informações e padrões que possam surgir no decorrer da entrevista e às diferenças entre a cultura 'ideal' e 'real' refletida nas manifestações de crenças ou valores e nas ações, respectivamente. (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 126, grifos da autora, tradução nossa[27]).

Com base nessas orientações, optamos, pois, por realizar entrevistas sem um roteiro de perguntas a ser seguido, ou seja, as perguntas que foram realizadas foram surgindo, naturalmente, conforme fluíam as entrevistas. Ademais, foi importante considerar algumas questões críticas para o trabalho com entrevistas etnográficas, pontuadas por Saville-Troike (2005, p. 129-130, tradução nossa[28]):

> (a) Selecione informantes confiáveis. Muitas vezes, as pessoas que se tornam mais prontamente disponíveis para um estranho são marginais na comunidade e podem, portanto, comunicar informações imprecisas ou incompletas e dificultar a aceitação do pesquisador por outros membros do grupo.
> (b) Formular perguntas culturalmente apropriadas. Isso inclui saber o que é apropriado ou inadequado perguntar, por que e como.
> (c) Desenvolver receptividade a sinais de aceitação, desconforto, ressentimento ou sarcasmo. Tal receptividade está relacionada às duas primeiras questões, contribuindo com informações sobre a confiabilidade dos informantes e a adequação das perguntas e sobre quando uma entrevista deve ser encerrada.
> (d) Procedimentos de transcrição, sistematização e análise de dados. Estes irão diferir até certo ponto com o tipo de informação coletada e geralmente com a orientação teórica do pesquisador […].

---

[27] Tradução do original:
"La esencia de la entrevista etnográfica es que es abierta y presupone tan pocas preconcepciones como sea posible, o al menos intenta constantemente descubrir las fuentes posibles de sesgos y minimizar sus efectos. El etnógrafo debe estar abierto a nuevas ideas, información y patrones que pueden surgir en el curso de la entrevista e a las diferencias entre la cultura 'ideal' y 'real' tal como se reflejan en manifestaciones de creencias o valores y en las acciones, respectivamente." (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 126).

[28] Tradução do original:
"(a) Seleccionar informantes confiables. Con frecuencia las personas que se ponen más fácilmente a disposición de un extraño son marginales en la comunidad y podrían, por lo tanto, comunicar información imprecisa o incompleta y obstaculizar la aceptación del investigador por otros miembros del grupo.
(b) Formular preguntas culturalmente apropiadas. Esto incluye saber qué es apropiado o inapropiado para preguntar, por qué y de qué modo.
(c) Desarrollar receptividad hacia los signos de aceptación, incomodidad, resentimiento o sarcasmo. Dicha receptividad se relaciona las dos primeras cuestiones al contribuir información sobre la confiablidad de los informantes y la adecuación de las preguntas, y sobre cuándo una entrevista debiera ser terminada.
(d) Los procedimientos de transcripción, sistematización y análisis de datos. Estos diferirán en alguna medida con el tipo de información recolectada y por lo general con la orientación teórica del investigador" […]. (SAVILLE-TROIKE, 2005, p. 129-130).

Essas questões críticas nos provocaram reflexões antes e durante a nossa atuação no campo de pesquisa. Adentrar no cotidiano de pessoas de outra localidade, como uma tarefa científica, é de uma complexidade considerável, uma vez que a presença de um estranho passa a ser uma constante, de modo que passará a fazer parte do grupo, pois começa a participar ativamente de situações sociais inerentes à comunidade. Assim, tornam-se imprescindíveis esses pontos, apresentados pela autora, que refletem sobre os sujeitos que serão entrevistados, aqueles que sejam de confiança, a adequação das perguntas que serão colocadas a esses sujeitos, o desenvolvimento de estratégias acerca de determinados comportamentos dos sujeitos pesquisados em relação ao sujeito pesquisador e os procedimentos que são, propriamente, relativos ao trabalho organizacional e analítico dos dados.

4.5.3 Instrumentos utilizados para a produção de dados

No que respeita aos instrumentos utilizados para a produção de dados, seguimos as orientações de Erickson (2004, p. 34-35), que especifica:

> [...] Frequentemente em etnografia sociolinguística, registro em áudio e vídeo podem acompanhar a escrita de notas de campo. Neste caso as notas de campo incluem informações sobre os registros, e a descrição escrita forma um índice dos conteúdos das gravações. Quando a gravação acompanha as notas de campo, o observador está de algum modo livre para cobrir largamente a observação já que a gravação irá fornecer informações para uma transcrição literal. O registro é feito muito simplesmente, já que o propósito não é produzir um registro tecnicamente ou esteticamente de alta qualidade, somente uma fonte de dados razoavelmente exata. A simplicidade do registro deixa o pesquisador livre para escrever ou tomar algumas notas [...].

De tal modo, utilizamos uma filmadora (Canon EOS Rebel T3i), não somente para gravações em vídeo, mas para registros fotográficos, e aplicativo de voz disponível em *android* (Smartphone Moto E7), para as gravações em áudio. Para o registro de fotos, utilizamos também o Smartphone. O diário de bordo, escrito *in situ*, foi um instrumento fundamental para algumas percepções sobre as situações sociais da comunidade.

Como dito, anteriormente, enquanto observávamos, narrávamos notas descritivas sobre as interações verbais e não-verbais dos sujeitos, nos eventos comunicativos. Além do mais, aproveitávamos essas notas para especular algumas questões teóricas sobre os significados do que estava sendo observado.

Além das gravações em áudio e em vídeo, dos registros fotográficos e das notas descritivas em diário de bordo, também utilizamos a transcrição de dados, como uma forma de melhor identificar as estratégias de polidez nos eventos comunicativos.

4.5.4 Procedimentos de análise dos dados

Considerando que a pesquisa etnográfica gera um enorme volume de dados que são produzidos durante a atuação no campo, buscamos um aparato teórico que desse conta tanto quanto permitisse uma melhor compreensão deles, em um processo contínuo que é dividido em duas dimensões analíticas, a fim de que alcançássemos o nosso objetivo central que consiste em investigar as estratégias de polidez em situações de interação de moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, de Timon-MA. Essas duas dimensões analíticas se concretizaram da seguinte maneira:

1) Descrição etnográfica dos eventos comunicativos, a considerar os componentes previstos por Muriel Saville-Troike (2005), na abordagem teórica e metodológica da etnografia da comunicação:
    a) Cena (gênero, tema, propósito/função, marco);
    b) Chave;
    c) Participantes;
    d) Forma da mensagem;
    e) Conteúdo da mensagem;
    f) Sequência dos atos;
    g) Regras de interação;
    h) Normas de interpretação.

Esses são os componentes etnográficos utilizados na primeira dimensão de análise dos dados, os quais já foram descritos no capítulo teórico sobre a etnografia da comunicação.

2) Análise dos enunciados com base na teoria da polidez, a considerar, especificamente, o modelo analítico preconizado por Eva Cunha (2009), a partir de três categorias básicas, as quais são descritas no capítulo teórico sobre a polidez:
    a) Atos de fala profiláticos;

b) Atos de fala não-profiláticos;
c) Máximas da interação.

Os dados produzidos por meio das gravações na observação participante e nas entrevistas foram transcritos, o que nos possibilitou evidenciar detalhes do comportamento verbal e não verbal dos sujeitos em interações reais de comunicação, para que pudéssemos analisar o uso das estratégias de polidez que fazem parte do repertório comunicativo dos monteirenses.

4.5 Questões éticas referentes à pesquisa

Esta pesquisa apresentou riscos mínimos aos informantes. Assim, os riscos propensos a suceder é o fato de que eles serão convidados a realizar as atividades propostas nos instrumentos de coleta de dados, e, neste momento, podem apresentar aspectos pessoais e frequentemente íntimos de sua vida particular, de modo a construir certo constrangimento e desconforto entre pesquisador e informante.

Contudo, apresentamos preocupação de contornar tais ricos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, bem como fazer análise prévia das questões a serem utilizadas nos instrumentos, atentando-se para a presença de tópicos de sensibilidade, de sigilo, de confidencialidade e de anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo e preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos de pesquisa. A pesquisa poderá trazer algum benefício aos participantes, tais como: o conhecimento de estratégias comunicativas utilizados pelos monteirenses, em relação à polidez e à preservação da face.

A investigação está pautada no respeito ao participante, assegurando-lhe sua vontade de contribuir e permanecer ou não na pesquisa, por meio da manifestação expressa, livre e esclarecida, na oportunidade, destacamos que será apresentado a cada sujeito, considerando que as entrevistas serão individuais, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando sua inteireza e dignidade durante e depois da pesquisa, conforme os padrões estabelecidos pela Instituição na qual será feita a pesquisa.

Por questões éticas, faremos uma codificação dos informantes, com vistas ao comprometimento da preservação da identidade dos informantes cujos dados serão coletados através da Ficha, questionários e gravações de entrevistas.

As informações que serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto, somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no PPGEL-UFPI, por um período de dois anos, sob a responsabilidade da Profa. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa. Após este período, os dados serão destruídos.

A produção de dados foi realizada em locais públicos, como por exemplo, campo de futebol, nas quebras de coco, etc., respeitando a disponibilidade dos informantes. Deixamos claro, ainda, que o informante (voluntário) estará livre para a qualquer momento desistir e encerrar a pesquisa, sem que lhe custe nenhum dano. É valido destacar, também, que para a pesquisa não teremos nenhum custeamento, por conseguinte, é vedada qualquer relação financeira entre entrevistador e entrevistado.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos as análises dos dados da pesquisa, conforme a seguinte divisão: primeiramente, no item 5.1, fizemos a descrição etnográfica dos dados produzidos em situações de interações comunicativas entre moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, de Timon-MA, elencando os componentes dos eventos comunicativos previstos por Saville-Troike (2005); posteriormente, fizemos as análises dos dados, a fim de compreender como se dá o uso das estratégias de polidez entre os interactantes dos eventos comunicativos, replicando as categorias teóricas do modelo proposto por Cunha (2009), quais sejam: atos de fala profiláticos, atos de fala não-profiláticos e máximas da interação.

5.1 Descrição etnográfica dos eventos comunicativos

Nesta seção do capítulo, descrevemos os eventos comunicativos mais produtivos, a partir de interações sociais entre os moradores do Povoado Monteiro, de Timon (MA). Vale ressaltar que trazemos apenas quatro, para a amostra dos dados qualitativos, visto que os demais eventos registrados não apresentaram elementos palpáveis para descrição e análise de estratégias de polidez.

Os eventos são, portanto: Evento comunicativo 1 – Reunião da Associção dos Moradores; Evento comunicativo 2 – Colheita de arroz na roça; Evento 3 – Almoço dos trabalhadores de roça; e Evento 4 – Cobertura do rancho na roça. Nesses eventos, particularizamos componentes etnográficos previstos por Hymes (1976) e Saville-Troike (2005).

Nesse caminho, objetivamos ilustrar o tipo de informação percebida, aquela que se mostrou mais relevante para a nossa análise, seguindo um modelo possível de organização dos dados da interação comunicativa, sem dar exemplos literais e extensos das falas dos interactantes, tendo em vista que as próximas seções do capítulo dão conta de trazer os recortes de falas necessários, para a descrição e análise das estratégias de polidez reveladas em contextos interacionais dos monteireneses.

5.1.1 Evento Comunicativo 1 – Reunião da Associação dos Moradores

GÊNERO:

Reunião.

TEMA:

Reunir a associação para: apresentação do pesquisador para os associados presentes; conflitos gerados no grupo do WhatsApp; levantamento de fundos para a compra de uma caixa-d'água de 10 mil litros, para uso coletivo na comunidade; débito da associação com a Prefeitura Municipal de Timon.

FUNÇÃO/PROPÓSITO:

Tornar o pesquisador conhecido dos demais moradores, a fim de que as barreiras entre os nativos e um estrangeiro possam ser atenuadas. Dar direcionamentos sobre o uso do grupo da comunidade no WhatsApp. Tomar decisões a respeito da compra da caixa-d'água, como a divisão do valor que custeará a compra, entre os moradores da comunidade, e a definição dos prazos a serem cumpridos para o pagamento da taxa que foi atribuída a cada um. Informar sobre o débito da associação com a Prefeitura.

MARCO:

A. Ocorre na rua principal da comunidade, onde passa a estrada que dá acesso a outras localidades adjacentes.

   O tempo é entre às 14h e 15h, numa tarde ensolarada.

   A maioria dos participantes estava sentados em bancos enfileirados, outros estavam em pé, ao redor do local. Todos estão de frente para o Presidente da Associação, que comanda a reunião.

B. O local específico da reunião é na capela, onde funcionam as atividades da Igreja Católica do povoado. Tais reuniões comumente ocorrem lá, pelo fato de a Associação dos Moradores ainda não possuírem uma casa própria, chamada de sede, ou em casas dos moradores. A Igreja Católica da localidade não é um templo comum da forma como conhecemos, tradicionalmente, é uma espécie de casa com planta aberta (só há parede levantada ao fundo e tem cobertura de palha), para otimizar o espaço, principalmente na época do festejo do 8 de dezembro que ocorre anualmente. Dentro, há imagens na parede, um púlpito e bancos, onde se acomodam as pessoas. Ao redor há uma cerca de arame, com um portão gradeado para entrada e saída dos fiéis ou participantes de reuniões. Além do mais, há uma cruz de madeira no espaço frontal, antes do portão.

   As reuniões da Associação de Moradores, que sempre são gravadas em vídeo, são organizadas e guiadas pelo líder da comunidade. Elas ocorrem sempre que há um assunto pendente ou novo, de interesse da comunidade.

CHAVE:

Situação formal e séria.

PARTICIPANTES:

Há a presença do líder da comunidade (presidente da associação), de um secretário ou assistente jovem (responsável por registrar a reunião), de homens e mulheres habitantes do povoado, que, geralmente, são chefes de família, e de algumas crianças que foram acompanhando seus pais. Na reunião, há a participação de duas pessoas de fora da comunidade, que são o pesquisador deste estudo e um companheiro. São aproximadamente 35 pessoas participando da reunião.

FORMA DA MENSAGEM:

Verbal: português falado (o líder da comunidade utiliza voz mais alta e forte e os demais associados utilizam voz mais baixa e suave, em momentos que vão fazer alguma pergunta ou dar opinião); escrita, produzida pelo líder, para tomar nota de datas e informações importantes sobre a reunião; e leitura, também realizada pelo líder, a fim de lembrar das pautas a serem discutidas na reunião.

Não verbal: silêncio; risos; quinesia (gestos, expressões faciais, olhares, postura corporal; proxêmica (distanciamento entre o líder da comunidade e os associados).

CONTEÚDO DA MENSAGEM E SEQUÊNCIA DE ATOS:

1. O Presidente da Associação, que está ao lado de uma mesa defronte dos demais, apresenta o pesquisador para os outros participantes da reunião. Como os moradores da comunidade são, em sua maioria, pessoas fechadas e desconfiadas com pessoas desconhecidas de outras localidades, foi importante esse contato, para que o pesquisador pudesse atenuar futuras barreiras ao entrar em contato com eles.
2. O pesquisador vai à frente, se apresenta e fala um pouco sobre o seu trabalho na comunidade. Logo após, agradece a todos e retorna para o banco, na primeira fileira, para acompanhar o prosseguimento da reunião.
3. O Presidente toma o turno de fala para destacar a importância de pesquisas que são realizadas sobre a história e cultura da comunidade.
4. Posteriormente, o Presidente dá seguimento com a segunda pauta da reunião, que é tratar sobre eventuais conflitos que estão sendo gerados entre os moradores do povoado no grupo do WhatsApp, e com a terceira pauta,

que é tratar acerca do orçamento da compra de uma caixa-d'água de 10 mil litros para uso coletivo na comunidade.

5. Uma associada chega e interrompe a fala do Presidente para dar boa tarde.
6. O Presidente retorna a falar e continua a discutir sobre os orçamentos, os quais vêm sendo feitos ao longo de mais de dois anos, de modo a apresentar uma proposta a todos, a fim de que o montante referente ao valor da caixa-d'água seja levantado.
7. Em seguida, o Presidente pergunta aos demais participantes se alguém tem uma proposta diferente da dela a ser apresentada.
8. Uma das associadas toma o turno de fala para concordar com a proposta feita pelo Presidente.
9. Posteriormente, o Presidente retorna a falar e adverte a todos sobre a falta de água na comunidade na época do verão. Discorre sobre a importância de comprarem a caixa-d'água, pois, segundo ele, quando chega o BRO (expressão utilizada para fazer referência aos meses mais quentes do ano: setembro, outubro, novembro e dezembro, todos com a terminação BRO), "a água evapora".
10. O Presidente interrompe o assunto sobre o orçamento, para conferir em suas anotações em um papel, se as pautas foram todas elencadas. Após, volta a falar sobre a escassez de água e sobre uma bomba d'água que tem guardada, esperando a caixa ser comprada.
11. O Presidente marca a próxima reunião e pergunta se todos entenderam sobre o orçamento.
12. No meio da discussão, o Presidente pede a opinião do pesquisador (uma pessoa de fora da comunidade) sobre os prazos estabelecidos aos orçamentos que são feitos em lojas, como forma de legitimar o seu discurso e as diretrizes dadas aos moradores em relação ao cumprimento dos prazos de pagamento da taxa referente ao valor que está sendo levantado para custear a compra.
13. O Presidente encerra as pautas de apresentação do pesquisador e do orçamento e passa a outra pauta, que versa sobre as casas dos moradores e sobre um débito da associação na Prefeitura Municipal de Timon. Além disso, orienta que os moradores regulamentem os seus documentos, pois

futuramente terá um projeto para construção de casas em comunidades quilombolas.

14. Mais uma vez, o Presidente pergunta se alguém tem dúvida.
15. Uma associada, com voz baixa e suave, faz uma pergunta sobre o DAP.
16. Em seguida, o Presidente responde à pergunta.
17. Algumas participantes falam entre si, até que algumas delas fazem perguntas diretamente ao Presidente.
18. Após responder às perguntas, o Presidente encerra a reunião e agradece a todos pela participação.

REGRAS DE INTERAÇÃO:

O Presidente da Associação dos Moradores é responsável por conduzir a reunião, isto é, ele é quem domina os turnos de fala.

Apenas os associados solicitam turnos de fala, para fazerem algum questionamento ao Presidente.

O Presidente cumpre a função de apresentar propostas interventivas sobre algo que está precisando de resolução. Contudo, ele é aberto a possibilidades, uma vez que pede aos associados para, também, apresentem as suas.

Os associados não precisam pedir permissão para falar, caso queiram expor alguma pergunta ou dar alguma sugestão. Contudo, para um melhor desempenho da interação, é preciso que cada um tenha o seu turno de fala.

O Presidente e os associados falam diretamente entre si, não há a presença de um vice, de um secretário ou de outra pessoa que tenha a função de intermediar os turnos de fala.

Os associados têm o direito de fala, mas devendo ter a noção de que o assunto deve ter relação com as pautas da reunião ou com alguma questão séria referente à comunidade.

O Presidente fala com seriedade e, às vezes, com dureza e império, contudo tem momentos que faz brincadeiras temáticas, “arrancando risos” dos participantes.

NORMAS DE INTERPRETAÇÃO:

Fala direta – lacônica e clara –, de modo a significar a defesa de um ponto de vista, por parte do falante.

As pessoas se conservam sérias durante a reunião, com a exceção de alguns momentos em que o Presidente lança brincadeiras, de forma espontânea e rápida.

O Presidente se conserva sério, mas às vezes chega a fazer brincadeiras e dar risos comedidos.

5.1.2 Evento Comunicativo 2 – Colheita manual de arroz na roça

GÊNERO:

Conversa.

TEMA:

Assuntos variados.

FUNÇÃO/PROPÓSITO:

Colher o arroz da roça.

MARCO:

A. Ocorre em uma roça compartilhada por dois irmãos, que são moradores da Comunidade Quilombola Monteiro.

   A roça fica um pouco distante do povoado, aproximadamente 20 km de distância.

   O horário da colheita varia entre 6h e 14h.

   No dia da colheita, houve uma chuva fina em uma parte da roça, pela manhã; a tarde foi ensolarada.

B. Há roças de moradores do Povoado Monteiro que são trabalhadas bem próximas da localidade, contudo são pequenas e com baixo potencial de produção. Alguns agricultores monteirenses optam por fazer roças em terras que ficam distantes da comunidade, porque consideram a terra da localidade pouco produtiva, uma vez que são extremamente arenosas, sendo ruins para o plantio por, principalmente, não segurarem por muito tempo a humidade das chuvas, que já são poucas na região. Assim, buscam fazer plantios de arroz, milho etc, em terras que são barrosas, aquelas que pegam chuva e conseguem permanecer húmidas por um tempo considerável, contribuindo, sobremaneira, para uma alta potencialidade da produção. Cada trabalhador carrega uma faca amolada e uma cesta feita com palha de palmeira de coco babaçu, conhecida como “cofo” ou “tiracó”. Eles vão cortando o arroz e juntando-o dentro do cofo, para, posteriormente, ensacá-lo. Todo o arroz colhido passará por vários procedimentos (secagem, batida, pilagem, catação), até que fique pronto para consumo.

C. A colheita de arroz é uma das atividades econômicas de subsistência da comunidade, que não ocorre rotineiramente, mas apenas uma vez a cada ano, no período entre maio e junho, pois é quando o arroz está maduro e pronto para ser colhido. Os agricultores que possuem grandes roças, têm uma boa produção. Eles organizam grupos, chamados de "mutirões", de trabalhadores para poderem dar conta de toda a colheita e os grãos não apodrecerem. Esses grupos, que às vezes possuem pessoas diversificadas, passam dias, ou até mesmo semanas, indo com o dono do plantio para a colheita, até que todo o produto esteja ensacado.

CHAVE:

Situação informal e amistosa.

PARTICIPANTES:

Homens moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, com idades variadas entre 16 e 55 anos.

FORMA DA MENSAGEM:

Linguagem verbal: português falado (voz alta).

Linguagem não verbal: silêncio; risos; quinesia (gestos, expressões faciais, olhares, postura corporal; proxêmica (distanciamento entre os trabalhadores, pois eles ficam espalhados em um determinado espaço da roça, chamado "tarefa", que corresponde a 50m, para colher o arroz).

CONTEÚDO DA MENSAGEM E SEQUÊNCIA DE ATOS:

P1 pergunta sobre a P2 sobre a sua produção, se já colheu muito arroz.

P2 responde que o saco que usa é grande e que não costuma colocar muita palha.

P3 dá um espirro.

P4 pede para P3 usar máscara.

P3 fica em silêncio.

P5 pergunta se não é Corona.

P6 diz "tá cum Corona"

P3 continua em silêncio.

O pesquisador pergunta se os milhos já estão todos secos.

P6 responde que sim.

Barulho de motosserra e todos ficam calados.

P7 faz um comentário a respeito de uma pessoa que "zangô e mandô todu mundu imbora" de algum lugar.

P8 não entende e pergunta o que aconteceu.

P7 explica com mais detalhes o ocorrido, com ironia e humor.

P8 pergunta se ele, o homem que se zangou por algo, “pegô A”, e ri da situação.

P7 continua a falar sobre o assunto.

P2 tece comentários sobre a conversa que está em andamento e relato que está com câimbra nas mãos.

P7 não entende bem o que P2 falou e pergunta se ele está “danu câimbra nas mão”.

P2 continua a cortar o arroz e volta ao assunto anterior sobre o homem que se zangou, perguntando a P8: “zangô u homi?”.

P7 responde que o homem zangou demais.

P2 começa a fazer mais comentários a respeito do homem que está zangado, relatando outros ocorridos.

P7, P8 e P2 riem.

P1 comenta que ele “tarra zangadu mermu qui ele tarra cortanu a fala”.

P2 e P1 continuam o diálogo com trocas de turnos e risos, ainda sobre mesmo assunto.

P8 também faz comentários.

P7 apresenta mais relatos, com o tom de voz mais alto, já que está mais distante de P1 e P2.

P7 diz: “fazê um rancho aqui agora”.

Pesquisador pergunta sobre um rancho que tem mais adiante.

P7 explica que pertence à roça de outro dono e que há outros ranchos ainda mais distantes.

P8 vai passando, carregando madeira e diz que rancho “é igual residência, cada um tem a sua”.

P2 questiona se P7 vai cobrir o rancho ainda hoje.

P7 pergunta o porquê de tal questionamento, dizendo que “é ligeiro demais”.

P2 faz umas brincadeiras com P7 e ambos riem.

P2 e P7 continuam trocando turnos de fala.

P1, P2 e P7 conversam.

REGRAS DE INTERAÇÃO:

Os participantes podem falar sobre qualquer tema.

Comenta-se algo, preferentemente, de algum conhecido ou companheiro que não estão ali presentes.

Há participantes que preferem ficar em silêncio porque consideram que as conversas podem acarretar no desvio do foco, atrapalhando a produção do corte de arroz.

Ao falar, é preciso usar um tom de voz mais alto, pois os trabalhadores se encontram espalhados na "tarefa".

NORMAS DE INTERPRETAÇÃO:

A colheita manual de arroz é uma atividade, que, embora todos estejam em um momento de trabalho e mantendo distanciamento, há interações comunicativas entre eles.

O grau de proximidade entre os participantes é importante para que possam desenvolver diálogos diversos.

5.1.3 Evento Comunicativo 3 – Almoço dos trabalhadores de roça

GÊNERO:

Conversa.

TEMA:

Assuntos diversos.

FUNÇÃO/PROPÓSITO:

Almoçar, para que possam voltar ao corte de arroz.

MARCO:

A. O almoço ocorre em um pequeno espaço dentro de um matagal, que fica defronte da roça onde os trabalhadores estavam realizando a colheita de arroz.

   No horário do almoço, após o meio dia, o tempo estava bastante quente, embora tenha chovido nas localidades adjacentes.

   Houve atraso em relação ao horário do almoço dos trabalhadores. Como de costume, as mulheres ficam em casa preparando a comida que será levada para alimentar os lavradores. Nesse dia, o almoço foi preparado bem cedo, em torno das 10h 50min., no Povoado Monteiro, que fica a aproximadamente 20 km da roça. Contudo, quando a pessoa responsável

por levar o almoço já estava se organizando, colocando a panela de arroz, a bacia com macarrão e outra com feijão, pratos de plástico e colheres, em um caixote na garupa da moto, iniciou uma forte chuva. Foi preciso esperar passar, para não correr o risco de entrar água nos recipientes onde estavam os alimentos.

B. Ao chegar o almoço, os trabalhadores deram uma pausa no corte de arroz, se reuniram todos na frente da roça e se deslocaram para o matagal que se encontra defronte. A roça é rodeada por cerca de arame farpado e não tem porteira. Assim, as pessoas que entram e saem têm de passar entre os arames.

   Chegando no local reservado para o almoço, os recipientes são colocados no chão, em um local centralizado, e cada lavrador passa a se servir. Eles vão se aconchegando no chão. Ao tempo que comem, conversam e riem sobre piadas que alguém conta ou sobre histórias de outras pessoas, que são narradas. Há, também, brincadeiras entre eles, com o intuito de humorizar determinadas situações. Entre o almoço e a volta ao trabalho, eles têm um momento de descanso, que gira em torno de 20min. Nesse momento, alguns preferem cochilar, para um melhor descanso, e a maioria fica conversando e rindo, até que todos se reúnem e voltam ao corte de arroz.

CHAVE:

Situação informal e amistosa.

PARTICIPANTES:

Homens moradores da Comunidade Quilombola Monteiro, com idades variadas entre 16 e 55 anos.

FORMA DA MENSAGEM:

Linguagem verbal: português falado (tom de voz moderado).

Linguagem não verbal: silêncio; risos; quinesia (gestos, expressões faciais, olhares, postura corporal; proxêmica (há um distanciamento entre os trabalhadores, pois eles se dividem em pequenos grupos, a considerar os espaços que possuem pouco mato, para que possam se sentar).

CONTEÚDO DA MENSAGEM E SEQUÊNCIA DE ATOS:

Pesquisador pergunta a P1 se ainda tem muito arroz na roça.

P1 responde que agora que estão começando o corte de arroz e mostra a extensão da roça, bem como a divisão dela com as outras roças adjacentes.

Pesquisador comenta com P2 que agora chegou a parte boa do dia, que é a do almoço.

P1 pergunta ao pesquisador “tu ainda vai passar no Monteiro, quando tu subir? Se quiser descer por aqui [um caminho à esquerda], tu sai lá nas Piranha dijundo Castelo oh, sobe ali assim que eu te dêxo lá, tem errada não”.

Pesquisador responde que prefere ir pelo caminho que já conhece.

P1 continua explicando o trajeto.

P1, P2 e P3 comentam sobre a chuva e a possibilidade de molhar o arroz que já está ensacado.

P1 diz que onde estava [uma extremidade da roça que fica cerca do local em que os trabalhadores estavam cortando o arroz] não choveu.

P3 informa que na “tarefa” onde estavam ele e os outros lavradores, apenas chuviscou.

P1 se dirige aos trabalhadores e diz que era para ter matado uma leitoa no dia anterior, para que uma parte fosse preparada para o almoço daquele dia. Assim, garante que no almoço de dia seguinte terá carne de leitoa cozida.

P1 pergunta ao pesquisador se ele não quer almoçar.

Pesquisador responde que almoçou ainda no Monteiro antes de ir para a roça, por volta das 10h 30min.

P1 pega seu prato, olha para o arroz e, em tom de brincadeira, comenta que está meio mole.

P1 e P2 puxam brincadeiras com P3 e começam a rir.

P1, P2, P3, P4 e P5 conversam sobre a agilidade deles no corte de arroz e sobre a lentidão de alguns. Falam sobre o cansaço de alguns e sobre as “tarefas” já concluídas.

P4 expõe que demorou a sair do Monteiro porque começou a “cair água de verdade mesmo”.

P1 conta que onde estava não “caiu um pingo”.

P5, em tom de brincadeira, diz que viu um companheiro correndo para abrir a boca do saco de arroz na hora da chuva, para cair água dentro.

Todos riem da brincadeira.

P5 fala: “rapá, vocêis são mau com o Piqueno”.

P1 ri e diz que o Beto foi o primeiro a abri a boca do saco para a chuva.

P5 descreve que os “caba do Monteiro são ruim”.

P1 diz: “é água daqui a pôco de novo”.

P1 direciona o olhar para um dos companheiros e fala: “corre Gean, daqui pa de noite tá longe”.

P4 comenta que estava preocupado de o arroz não ser suficiente para a quantidade de homens trabalhadores que iam almoçar.

P2 coloca mais comida no prato e diz para outro companheiro: “tô nem aí, num come não pa tu vê”.

P1 comenta que o Elso está suado.

P1 e P4 começam a relatar histórias sobre uma pessoa que não está lá, eles e os outros riem.

P1 olha para P6 e diz: “ele tá suado mermo”.

P1 e P4 riem.

P1 diz que P6 já quer ir porque já está amolando a faca.

P4 explica que, quanto mais cedo ele entrar, mais cedo acabará a produção.

P1 relata: “o arroiz tano moiado, toda hora é hora”.

P4 diz que tem que secar primeiro.

P2 interpõe: “o arroiz já secô”.

P4, em voz alta, comenta: “o Beto disse que os cara tarra era correno pa abir a boa do saco”.

P6 e P7 comentam sobre o horário.

P1, P5, P6 e P7 falam sobre uma pessoa que, certa vez, foi cortar arroz, bêbada e não conseguiu trabalhar.

P1, P2 e P5 conversam sobre a agilidade de alguns lavradores no corte de arroz e na quebra de milho.

P1 relata que não conseguiu comprar carne para fazer o almoço, porque onde estavam vendendo, o animal que foi matado era pequeno.

P4 diz que tem um “pêxe do tamanho dum jumento na geladêra”.

P1 comenta sobre alguém que o chamou para “tomar umas” e ele teve que rejeitar. Fala também que o “Zé Lorim, ontem, tarra bêbo pa disgrota”.

P2 não entende o nome da pessoa e pergunta quem era.

P1 diz: “o Lorim”.

P3 narra que dita pessoa fez uma viagem e teve um prejuízo, pois ia ter de pagar um sofá alheio.

P1, P2, P3 e P4 brincam sobre o assunto, contam outras histórias e riem.

P1 comenta sobre pessoas do Monteiro que não estão querendo trabalhar.

P4 diz: “é Bolsonaro, minino, é R$400 todo mês”.

P1 incrementa o comentário de P4: “é quase R$2 mil porque tem um apusentado”.

P3 fala para P4 que ontem quase ganhava um bingo de R$50,00.

P4 conta que tem outras pessoas com muito dinheiro no bolso.

P1 pergunta a P7 se dá para cobrir o rancho e diz para ele não cochilar.

P2 diz que falta só ele “se istirá no chão”.

P1, P2, P3 e P4 começam a se articular sobre o corte do dia seguinte e falam sobre o jogo do Real Madrid.

P4 brinca com os demais para que eles tenham cuidado no que estão falando porque, de repente, poderiam passar no Piauí TV[29].

P1 ri e estende a brincadeira, dizendo como P6 passaria no programa.

P1, P2, P3 e P4 falam sobre o trabalho que ainda falta e começam a se articular para o retorno à roça após o almoço, uns para o cortar arroz, outros para levantar e cobrir o rancho.

REGRAS DE INTERAÇÃO:

Todos os participantes do evento comunicativo têm o direito de fala. Isto é, a fala é conduzida por qualquer um. Alguns, porém, ficam em silêncio, pois buscam, no horário do almoço, uma forma de descansar.

Não são estabelecidas regras interacionais para o desempenho da conversa, qualquer participante pode tomar o turno de falar e colocar o que lhe interessa.

As conversas são, geralmente, eivadas de humor, possivelmente para que se possam amenizar marcas daquele momento cansativo.

NORMAS DE INTERPRETAÇÃO:

Em uma situação como essa, é natural que todos os participantes falem sobre assuntos dos mais variados temas, tais como, trabalho, política, lazer (principalmente sobre as saídas para beber), anedota etc.

Nesse evento, todos os trabalhadores são emissores e receptores, de igual modo, não havendo modos de fala específicos de um ou outro participante, a considerar papeis desempenhados na comunidade.

[29] O Piauí TV 1ª edição é um programa jornalístico que destaca tudo o que acontece de mais importante no estado do Piauí.

5.1.4 Evento Comunicativo 4 – Cobertura do rancho na roça

GÊNERO:

Conversa.

TEMA:

Assuntos variados.

FUNÇÃO/PROPÓSITO:

Levantar uma cobertura de palha de palmeira de coco, para proteger o arroz que já foi colhido, da chuva.

MARCO:

A. Ocorre na roça, local onde é levantado o rancho, a fim de que os trabalhadores possam guardar todo o arroz colhido e ensacado, para evitar que sejam molhados pela chuva.

   O horário do levantamento e cobertura do rancho foi em torno das 2h da tarde, logo após o horário do almoço. Um dos participantes, durante o período da manhã, estava em outras localidades próximas em busca do material: palhas e madeiras.

CHAVE:

Situação informal.

PARTICIPANTES:

Dois homens com idade aproximada de 40 anos e um rapaz com idade entre 16 e 17 anos.

FORMA DA MENSAGEM:

Linguagem verbal: português falado (tom de voz moderado e alto).

Linguagem não verbal: silêncio; quinesia (gestos, expressões faciais, olhares, postura corporal; proxêmica (há um pequeno distanciamento entre os trabalhadores, pois fica um embaixo para ir entregando as palhas os outros dois que estão em cima do rancho, organizando-as e amarrando-as, para que fiquem firmes).

CONTEÚDO DA MENSAGEM E SEQUÊNCIA DE ATOS:

P1 pergunta ao pesquisador se ele já trabalhou de roça.

Pesquisador responde que nunca trabalhou e narra histórias relacionadas à participação de sua família em atividades agrícolas.

P1 diz, então, com tom de brincadeira, que o pesquisador pode ter uma experiência boa, agora, sugerindo a troca de papeis, em que P1 filmaria o evento comunicativo e o pesquisador passaria a ajudar na cobertura do rancho.

Pesquisador ri e relata mais fatos sobre suas experiências com a roça.

P1 relata sobre a dureza do trabalho na roça, diz que, quando era criança, não sabia o que era um brinquedo, apenas o que era inchada, facão, foice, instrumentos, habitualmente, utilizados na lavoura.

Conversa rapidamente interrompida pelo barulho de motosserra.

P1 e P2 sobrem para o rancho que será coberto, enquanto P3 fica auxiliando, embaixo, entregando as palhas.

P1 pergunta a P2 se é para ir quebrando as palhas.

P2 responde que sim.

P1 comenta que está colocando as palhas no limite.

P2 pede palhas a P3 e lhe chama a atenção para que tenha mais habilidade.

P3 fica em silêncio.

P1 demonstra preocupação sobre a quantidade de palhas que podem ser insuficientes para cobrir todo o rancho.

P2 fala sobre a importância de cobrirem bem o rancho, para que o arroz não seja molhado pela chuva.

P3 diz que ainda vai chover mais tarde.

P2 pede as “imbira” e diz que P3 é lento, que ele tem que ficar esperto, pois o tempo está curto para o cumprimento com as obrigações do dia.

P2 continua a reclamar da pouca agilidade de P3, dizendo que ele não dá certo para ser “piloto da Fórmula 1”, por ser muito lento no trabalho.

P1 pergunta se vão colocar mais uma palha antes de amarrarem com as “imbiras”.

P2 pede mais palhas a P3 e diz: “bota paia, bota paia”, apressadamente.

P1 pede para que P2 tenha mais cautela: “cuidado cum o santo, que o santo é de barro”.

P1 diz a P3: “bota aqui cidadão!”.

P2 continua pedindo agilidade a P3: “bor, moço!”.

P2 contesta: “tem calma, Piqueno, óia aí, óia!”.

P1 diz que as palhas já passam uns 2 metros do local.

P2, em tom de advertência, diz que P1 começou colocando as palhas no limite do rancho e que agora já está deixando muita palha sobrando.

P2 diz a P3: “bora meu fi, abre o ôi”.

P3 fica em silêncio.

P1 e P2 falam sobre a estrutura das palhas e fazem comentários sobre assuntos paralelos.

P1 relata para P2 que pediu a uma pessoa para cozinhar feijão para ele, pois há muitos dias não comia.

P2 fica em silêncio.

P3 pergunta a P1: “a madrĩa nunca gãiô neném?”

P1 responde que ela só dará à luz na semana seguinte.

P2 pede agilidade a P3: “vai meu fi, vai meu fi, se não o cupim come o chinelo”.

P1 diz a P2: “pera aí cidadão, deixa eu passar po ôto lado” e pergunta se P2 “num qué coloca uma travessa do ôto lado”.

P2 responde que não carece.

P1 passa de um lado para o outro e diz a P2: “num rodá a bagaça não, cidadão” e ainda comenta: “segurança do trabaio é zero”.

P1 e P2 falam sobre a qualidade do rancho, que está ficando bom.

P2 está ansioso pelo fim da coberta e pede mais agilidade a P3.

P1 e p2 discutem sobre o almoço que será feito no dia seguinte.

P3 pergunta sobre o facão, ao tempo em que P1 e P2 falam sobre a quantidade de palhas.

P3 entrega o facão a P2, este diz que o facão não corta, está cego.

P1 diz que não está cego, que já o tinha usado muito, anteriormente.

P2 comenta que a palha não vai ser suficiente.

P1 fala sobre os seus dias de recesso para cuidar do seu filho que está prestes a nascer.

P2 combina com P1 sobre o peso do arroz.

P1 grita para os trabalhadores que estão no corte: “quereno trazê o arroiz pode trazê pessoali”.

REGRAS DE INTERAÇÃO:

Todos os participantes do evento comunicativo têm o direito de fala. Isto é, a fala é conduzida por qualquer um. As interações são mais específicas no evento, pois

há uma troca maior em relação à atividade que estão desenvolvendo, como pedidos de ajuda e de materiais.

Não são estabelecidas regras interacionais para o desempenho da conversa, qualquer participante pode tomar o turno de falar e colocar o que lhe interessa.

As conversas são, geralmente, sérias. Em alguns momentos, há uma descontração com alguma brincadeira.

NORMAS DE INTERPRETAÇÃO:

Nesse evento, todos os trabalhadores são emissores e receptores, de igual modo, não havendo modos de fala específicos de um ou outro participante, a considerar papeis desempenhados na comunidade.

5.2 Análise das estratégias de polidez

Tabela 1 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Ouvinte

SITUAÇÃO COMUNICATIVA	**OCORRÊNCIA ENTRE FALANTES**
Evento 1: Reunião da associação dos moradores	26 (96,30%)
Evento 2: Colheita de arroz na roça	0 (0%)
Evento 3: Almoço dos trabalhadores de roça	2 (3,70%)
Evento 4: Cobertura do rancho na roça	0 (0%)
TOTAL	**27 (100%)**

Fonte: Dados da investigação.

A tabela 1 mostra o percentual de uso de atos profiláticos em interações comunicativas no Povoado Monteiro. Com base em Cunha (2009), temos a necessidade de, diariamente, preservar a nossa imagem perante o outro, em sociedade, com a finalidade de nos protegermos, resguardarmos, antecipadamente, de alguma falha ou infortúnio que venha a suceder.

Para tanto, imbuídos pela necessidade de verificar tal uso nos eventos descritos, percebemos, com a tabela 1, que há um uso quase categórico para o Evento 1: Reunião da Associação dos Moradores, com um percentual de 96,30% dos dados. Ou seja, quase 100% de ocorrência. Temos, além disso, um percentual de 3,70% para o Evento 3: Almoço dos trabalhadores de roça; e 0% para os Eventos 2: Colheita manual de arroz na roça e 3: Cobertura do rancho na roça.

Para corroborar esse resultado, evocamos a voz de Goffman (1970), ao descrever o processo de evitação como um tipo básico de trabalho com a face. Por um lado, os dados desta pesquisa mostram que nos eventos 2 e 4 não houve ocorrência de atos profiláticos em que o falante protege a sua face em interações comunicativas. Contudo, o seu comportamento em esconder a sua face, também pode ser considerado como uma estratégia de ato profilático. O falante se silencia na situação comunicativa, estrategicamente, para não se colocar em evidência, protegendo-se, antecipadamente, contra possíveis falhas de conhecimento ou de comportamento, como foi possível perceber em alguns momentos da interação.

Por outro lado, temos um uso quase que categórico no evento 1 em relação ao evento 3, que apresenta um pequeno percentual de uso de atos profiláticos. Nessas situações comunicativas, os dados sugerem que os falantes afrontam o risco de um encontro, utilizando medidas defensivas – manobras de proteção –, como poderemos ver nos enunciados analisados, a seguir.

Quadro 10 – Atos profiláticos: aparato de análise

ESTRATÉGIAS previstas por Cunha (2009)	DESCRIÇÃO
1. Estratégia de preservação e manutenção da face do falante	Manobra protetora utilizada pelo falante, a fim de preservar a sua face perante seus interlocutores.
ESTRATÉGIA não prevista por Cunha (2009)	DESCRIÇÃO

1. SILÊNCIO	O falante tende a esconder a sua face perante o outro, como uma forma de preservar a sua imagem e se proteger de futuros infortúnios.

Fonte: Dados da investigação.

ATO PROFILÁTICO: PRESERVAÇÃO DA AUTOIMAGEM
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Uma outra coisa!
Os anseios sobre a água...
Colocaram lá e eu não quis colocá em pauta porque eu pensei que vinha mais gente.
Quando se trata de fala de água, aí é que num vem ninguém.
Todo mundo gosta de falá nos particulares, mas ninguém qué se comprometer.
Só qué que o agente de saúde... oh... que o presidente da associação corra atrás.
E eu já disse, num sô urubu não.
Preto sô, urubu não.
E nem sô andorinha pra fazê milagre sozim.
Nunca vi falá nisso também não.
Eu fiz um orçamento há dois anos atrás.
Custava cento e cinquenta reais pra cada um.
Cento e vinte cinco reais pra cada um.
[...]
Falante 2 – Boa tarde, gente!
[...]

Podemos observar no fragmento, que o falante 1 busca preservar a sua face na referida situação: foi agendada uma reunião para que ele, juntamente com os membros da associação pudessem conversar e deliberar resoluções sobre o problema com respeito à falta de água na comunidade. Tendo em vista a pouca participação das pessoas para tal desiderato, o falante reclama o ponto e preserva a sua face, a considerar eventuais infortúnios que possam vir a acontecer em relação à problemática instaurada na localidade.

Neste sentido, percebemos um envolvimento entre faces, dentro do contexto observado, como uma condição de interação entre os falantes. Os dados sugerem que o apego do informante 1 com a face dos demais participantes do evento comunicativo é, portanto, um compromisso, em virtude de que ele mantém a sua face, a partir do entendimento conceitual de Goffman (1970), e a preserva ante uma ameaça. É evidente que o falante busca uma manutenção da

imagem que tem de si perante os seus interlocutores, ao adotar um posicionamento de autoconfiança e segurança em seu discurso.

Observemos o trecho sublinhado: "Só qué que o agente de saúde... oh... que o presidente da associação corra atrás. E eu já disse, num sô urubu não. Preto sô, urubu não. E nem sô andorinha pra fazê milagre sozim". Percebemos, aqui, o delineamento de uma face em termos de atributos sociais aprovados não compartilhado pelos interlocutores. Trata-se de um falante que é o "agente de saúde comunitário" e, ainda, o "presidente da associação".

É manifesto em sua fala um sentimento de contrariedade ou descontentamento em relação ao fato de ser o responsável por solucionar as demandas da comunidade, principalmente por ser o porta-voz do local, dentro e fora de lá, não por essa responsabilidade, mas porque espera uma maior participação das pessoas que são beneficiadas com suas ações e isso, pelo notado, não acontece. De tal modo, manifesta que sempre esperam por ele. Nesse contexto, ele preserva a sua face diante de uma ameaça, quando expressa que é "preto", mas não "urubu" ou "andorinha" para fazer milagre sozinho. Ou seja, se eventuais desventuras acontecerem na comunidade, não é sobre ele que deve cair a culpa, exclusivamente, pois, apesar de ter determinada representação social, como agente comunitário de saúde e líder da comunidade, é preciso que haja coletividade quando se trata de demandas que envolvem o todo.

ATO PROFILÁTICO: PRESERVAÇÃO DA AUTOIMAGEM
EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA

[...]
Falante 1 – É ismuricido demais. Nós já tamo terminano a tarefa.
Falante 2 – Numa semana num possa não.
Falante 1 – Nós já tamo terminano uma tarefa já.
Falante 3 – Ah! Terminano uma tarefa im um dia!!!
Falante 4 – Corta é porra!
Falante 5 – Olha o que rapaz!? Essa tarefa no vermelho aí? Num acaba [...].
Falante 4 – <u>Ainda num foi mêa tarefa, num corta não. À tarde é mais fraco!</u>
Falante 6 – <u>Da mêa tarefa não, rapaz!</u>
Falante 7 – <u>Dá não!</u>
[...]

Um ato profilático de preservação da autoimagem é evidente no evento "Almoço dos trabalhadores de roça". No trecho, acima, os homens estão conversando durante o horário de almoço, acerca da produtividade do dia de trabalho em relação à colheita de arroz na roça.

Evidenciamos que o falante 4, em seu turno de fala, assegura que ainda não cortaram meia tarefa de arroz. Tarefa, nesse contexto, significa um pedaço de terra que equivale a quatro quadros, uma área de 4.356 m2. Vale ressaltar que os homens são contratados em mutirões para a produção do corte de arroz. Cada mutirão fica responsável por X tarefas em Y dias ou semanas, a depender da quantidade e extensão das tarefas. Dito isto, é perceptível uma estratégia profilática do falante 4 de preservação de sua face diante uma ameaça relativa a comentários ou reclamações que possam ser direcionados ao grupo, sobre o cumprimento do desejado naquele dia laboral. Na sua fala ele diz: "Ainda num foi mêa tarefa, num corta não. À tarde é mais fraco!". Quer dizer, a manhã é muito produtiva para a colheita, pois chegam cedo e param apenas para o almoço. Já o turno da tarde torna-se menos produtivo porque param para o almoço, após tem um pequeno intervalo, o sol está mais quente e há a preocupação em terminarem o mais cedo possível para que possam, ainda, pesar todo o arroz colhido no dia, por trabalhador.

Os falantes 6 e 7 dizem: "Da mêa tarefa não, rapaz!" e "Dá não!", respectivamente. O tom exclamativo enunciado pelos falantes 4, 6 e 7 corrobora a intensidade da ideia de preocupação que eles têm de assegurar a manutenção da face na presença de pessoas que possam ameaçar a face deles, de modo a chamar a atenção de tais interlocutores a partir de uma entonação diferenciada.

Assim sendo, eles buscam salvaguardar a imagem de trabalhadores em uma colheita de arroz, por intermédio de uma justificativa que vise a salvar tanto a própria face quanto a dos colegas que compartilham a mesma responsabilidade, via estratégia "salvadora da face", no dizer de Goffman (1970), a qual pode ser exposta a uma situação de ameaça por outros falantes (os donos das terras e do plantio de arroz).

Tabela 2 – Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do Ouvinte

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO descritas por Cunha (2009)	**USOS NOS EVENTOS COMUNICATIVOS**				
	Evento 1: Reunião da associação dos moradores	**Evento 2: Colheita manual de arroz na roça**	**Evento 3: Almoço dos trabalhadores de roça**	**Evento 4: Cobertura do rancho na roça**	**Ocorrência nos eventos 1, 2, 3 e 4**
1. Ordem	1	1	2	1	5

	(1,64%)	(33,33%)	(7,41%)	(16,67%)	(5,15%)
2. Pedido	7 (11,48%)	0 (0%)	3 (11,11%)	0 (0%)	10 (10,31%)
3. Sugestão, conselho	18 (29,51%)	1 (33,33%)	10 (37,04%)	4 (66,67%)	33 (34,02%)
4. Advertência	4 (6,56%)	0 (0%)	1 (3,70%)	1 (16,67%)	6 (6,19%)
5. Promessa	15 (24,59%)	0 (0%)	1 (3,70%)	0 (0%)	16 (16,49%)
6. Elogios / Expressão de admiração	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,70%)	0 (0%)	1 (1,03%)
7. Aceitação de elogio	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
8. Expressão de chateação / Raiva	6 (9,84%)	0 (0%)	7 (25,93%)	0 (0%)	13 (13,40%)
9. Agradecimento	3 (4,92%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (3,09%)
10. Aceitação do agradecimento	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
11. Pedido de desculpas	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
12. Aceitação do pedido de desculpa	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
13. Justificativa	7 (11,48%)	1 (33,33%)	2 (7,41%)	0 (0%)	10 (10,31%)
14. Pedido de desculpas retórico	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
15. Reconhecimento de culpa ou falha	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	**61**	**3**	**27**	**6**	**97**

	(100%)	(100%)	(100%)	(100%)	(100%)
ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO não descritas por Cunha (2009)	**Evento 1: Reunião da associação dos moradores**	**Evento 2: Colheita manual de arroz na roça**	**Evento 3: Almoço dos trabalhadores de roça**	**Evento 4: Cobertura do rancho na roça**	**Ocorrência nos eventos 1, 2, 3 e 4**
1. Realização de questionamento	4 (15,38%)	7 (63,64%)	30 (27,78%)	8 (44,44%)	49 (30,06%)
2. Resposta ao questionamento	0 (0%)	3 (27,27%)	11 (10,19%)	3 (16,67%)	17 (10,43%)
3. Realização de pergunta retórica	8 (30,77%)	0 (0%)	7 (6,48%)	0 (0%)	15 (9,20%)
4. Resposta à pergunta retórica	4 (15,38%)	0 (0%)	3 (2,78%)	0 (0%)	7 (4,29%)
5. Aceitação de sugestão	1 (3,85%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,61%)
6. Prospecção	2 (7,69%)	0 (0%)	18 (16,67%)	0 (0%)	20 (12,27%)
7. Chamado	1 (3,85%)	0 (0%)	1 (0,93%)	3 (16,67%)	5 (3,07%)
8. Confirmação de uma ideia	4 (15,38%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (2,45%)
9. Comparação	1 (3,85%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,61%)
10. Apresentação de uma dúvida	1 (3,85%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,61%)
11. Expressão de espanto, surpresa	0 (0%)	1 (9,09%)	38 (35,19%)	4 (22,22%)	43 (26,38%)
TOTAL	**26 (100%)**	**11 (100%)**	**108 (100%)**	**18 (100%)**	**163 (100%)**

Fonte: Dados da investigação.

Como podemos observar, na tabela 2 apresentamos a ocorrência dos atos não-profiláticos em eventos comunicativos do Povoado Monteiro. A tabela possui uma divisão na organização dos dados. São descritas duas partes: a primeira traz as categorias previstas por Cunha (2009), as que também foram encontradas em nosso *corpus* de estudo; a segunda traz categorias distintas, novas categorias encontradas, descritas e analisadas em nossos dados.

No que respeita às categorias previstas por Cunha (2009), trazemos no nosso trabalho as seguintes, em ordem decrescente: Sugestão, conselho, com 34,02% de ocorrência; Promessa, com 16,49%; Expressão de chateação/Raiva, com 13,4%; Pedido, com um percentual de 10,31%; Justificativa, com 10,31%; Advertência, com 6,19%; Ordem, com 5,15%; Agradecimento, com 3,09%; Elogios/Expressão de admiração, com 1,03%. Outras estratégias previstas pela autora apresentam ocorrência de 0% em nossos dados, como, Aceitação de elogio; Aceitação de agradecimento; Pedido de desculpas; Aceitação de pedido de desculpas; Pedido de desculpas retórico; e Reconhecimento de culpa ou falha.

Das novas categorias analisadas, temos, em ordem decrescente: Realização de um questionamento, com um percentual de 30,06% de ocorrência; Expressão de espanto, surpresa, com 26,38%; Prospecção, com 12,27%; Resposta ao questionamento, com 10,43%; Realização de pergunta retórica, com 9,20%; Resposta à pergunta retórica, com 4,29%; Chamado, com 3,07%; Confirmação de uma ideia, com 2,45%; Aceitação de uma sugestão, Comparação e Apresentação de uma dúvida, com um total de 0,61%.

Considerando o fato de termos encontrado novas categorias analíticas em nossos dados, oriundos dos eventos comunicativos do Povoado Monteiro (1. Reunião da associação de moradores; 2. Colheita manual de arroz na roça; 3. Almoço dos trabalhadores de roça; e 4. Cobertura do rancho na roça), ajustamos a nossa contribuição no quadro, a seguir, de modo a trazer os atos não-profiláticos utilizados como aparato de análise nesta investigação, colocando em destaque os que ainda não foram descritos.

Quadro 11 – Atos não-profiláticos: aparato de análise

ESTRATÉGIAS	**DESCRIÇÃO**
1. Ordem	Já descrita neste trabalho.
2. Pedido	Já descrita neste trabalho.
3. Sugestão, conselho	Já descrita neste trabalho.
4. Advertência	Já descrita neste trabalho.

5. Promessa	Já descrita neste trabalho.
6. Elogios / Expressão de admiração	Já descrita neste trabalho.
7. Expressão de chateação / Raiva	Já descrita neste trabalho.
8. Agradecimento	Já descrita neste trabalho.
9. Justificativa	Já descrita neste trabalho.
10. REALIZAÇÃO DE QUESTIONAMENTO	O falante interpela o seu interlocutor, indiretamente, com forma de minimizar qualquer imposição ou distanciamento.
11. RESPOSTA AO QUESTIONAMENTO	O interlocutor interage com o falante, respondendo-lhe a pergunta que foi proferida. A não resposta pode caracterizar um indício de distanciamento ou impolidez, a depender da situação comunicativa. Assim, o interlocutor demonstra zelo e atenção pelo falante que o interpela.
12. REALIZAÇÃO DE UMA PERGUNTA RETÓRICA	O falante enuncia uma pergunta retórica, a qual não exige resposta de seu interlocutor. É uma estratégia comunicativa que o falante utiliza com o fim de declarar algo.
13. RESPOSTA À PERGUNTA RETÓRICA	O próprio falante que interpela o seu interlocutor se responsabiliza por responder ou não a sua pergunta retórica. Essa estratégica tem por fim validar uma declaração. Esta poderia ter sido enunciada diretamente. Mas, com o fim de minimizar a imposição ao outro, o falante articula o movimento de pergunta retórica e resposta a ela. Isto posto, destacamos a estreita relação entre esta estratégia e a anterior, de modo que evidenciamos certa dependência.
14. ACEITAÇÃO DE UMA SUGESTÃO	O falante aceita uma sugestão feita pelo seu interlocutor, deixando claro que acata a ideia do outro, numa dada situação comunicativa.

	Nos dados que analisamos, o falante tende a aceitar a sugestão integralmente. Contudo, presumimos que pode haver uma aceitação parcial, a depender do contexto em apreço.
15. CHAMADO	O falante tenta se aproximar de seus interlocutores por meio de chamamentos. Geralmente por meio de vocativos e exclamações.
16. CONFIRMAÇÃO DE UMA IDEIA	O falante ouve a ideia que seu interlocutor enuncia e a confirma. Podemos encontrar nesta estratégia não apenas expressões verbais, como, "sim" ou "ok", mas expressões corporais que indicam uma confirmação, tais como, indicar o dedo polegar para o alto, com os outros dedos encostados na palma da mão; e balançar a cabeça com movimentos alternados para cima e para baixa, indicando um retorno positivo.
17. COMPARAÇÃO	O falante pode comparar determinadas situações, a fim de minimizar uma imposição de aceitação de uma ideia por parte do interlocutor e convencê-lo de algo.
18. APRESENTAÇÃO DE UMA DÚVIDA	Com o uso dessa estratégia, o falante coloca algum fato em dúvida, a fim de não se comprometer fatos pouco prováveis de serem exatos.
19. EXPRESSÃO DE ESPANTO, SURPRESA	Ao longo da interação, o falante apresenta um comportamento de espanto ou surpresa com algo proferido pelo seu interlocutor. Além das expressões verbais, é válido observar as expressões faciais.

Fonte: Dados da investigação.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: ORDEM
EVENTO 2: COLHEITA MANUAL DE ARROZ NA ROÇA

[...]
Falante 1 – Fica aí, Toim. Num vem não, viu!
[...]
Falante 2 – Quem?
Falante 1 – É longe demais.
[Falas e risos bem distantes]
[...]

A ordem é uma estratégia produtiva em eventos comunicativos da comunidade investigada. Como podemos observar no trecho, acima, o falante 1 diz: "Fica aí, Toim. Num vem não, viu!"; "É longe demais". Percebemos um comando funcional de orientação e recomendação por intermédio dos verbos ficar e vir, flexionados no imperativo.

Embora o falante 1 não tenha usado expressões, tais como, por gentileza, por favor, por obséquio, as quais têm por finalidade suavizar e tornar a ordem expressamente polida, vemos marcas que nos possibilitam chegar a tal sentido.

Para dar polidez ao enunciado, o falante provoca uma repetição no ato de dar uma ordem. Em primeiro momento, ele profere a expressão verbal afirmativamente, e, em segundo momento, negativamente. Nesse contexto, é perceptível que o falante 1 não sugere uma imposição de império, ameaçando a face alheia, mas a protege, a partir do momento em que ele interage com o outro, enunciando: "É longe demais".

ATO NÃO-PROFILÁTICO: PEDIDO
EVENTO 2: COLHEITA MANUAL DE ARROZ NA ROÇA

[...]
Falante 5 – Comê esse espaguete também aqui.
Falante 2 – Quem é? O Elso?
Falante 2 – [parte não compreendida] naquela panela ali ó.
Falante não identificado – Vem pra cá, meu fi!
Falante não identificado – Aqui um canto.
Falante não identificado – Aqui um canto aqui.
[Falas e risos bem distantes]
[...]

No trecho, um falante não identificado enuncia: “Vem pra cá, meu fi”. Nesse contexto, evidenciamos uma estratégia comunicativa de pedido. Na situação, um indivíduo convida o outro a sentar-se próximo, para juntos almoçarem.

Percebemos o uso do verbo vir, flexionado no modo imperativo, por meio do qual o falante realiza o pedido e sugere um local para acomodação. Destarte, evidenciamos no trecho “meu fi”, uma expressão que tende a suavizar o sentido expresso pelo império verbal, contribuindo, assim, para a produção de uma estratégia de polidez.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: ADVERTÊNCIA E SUGESTÃO
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – É [...]
Quando botá o dinheiro na minha mão, vocês sabem que eu tenho compromisso pra isso, botano o último, bontano dinheiro na minha mão, eu vou lá.
Tal dia a caxa chega.
No oto [mês] já vou armá.
Agora dizê assim: eu vô pegar cartão de fulano, [pa botá] no cartão de fulano, eu vô fala com cicrano pra me imprestá dinheiro, não contem comigo pra isso aí, favô.
A proposta é: dividir o valor do orçamento em seis ou sete parcelas no máximo. Porque vai dá aí uma média de se for trezentos reais pra cada um, vai dá cinquenta.
[...]

Há duas estratégias de comunicação manifestas no fragmento, acima, a saber: advertência e sugestão. Em discussão sobre a compra da caixa d’água, uma das pautas da reunião da associação, o líder da comunidade, falante 1, percebe, previamente, a existência de muitos imbróglios acerca da arrecadação do dinheiro destinado à compra da caixa que solucionará o problema da falta de água no Monteiro. Nesse âmbito, ele adverte aos demais membros sobre a mobilização de estratégias de arrecadação. A advertência consiste no fato de que ele não irá usar o cartão de um ou pedir dinheiro emprestado de outro.

Assim, ele diz: “não contem comigo pra isso aí, favô”, tal enunciado estrutura a ideia de aviso, que, de certo modo, ameaça a face dos outros interlocutores. No entanto, a expressão “favô” sugere uma suavização dessa ameaça. Além disso, o tom exclamativo do enunciado

realça que a advertência é importante e necessária, a fim de que os outros moradores da comunidade busquem formas de resolver o problema ilustrado na discussão.

A estratégia comunicativa de sugestão, é um ato não-profilático claramente perceptível no fragmento, tendo em vista o uso da expressão "A proposta é: [...]", a qual já evidencia uma sugestão que visa a solucionar a questão da falta de água com a compra da caixa, por meio do dinheiro arrecadado. Para tanto, ele faz uma nota explicativa para corroborar a sua sugestão dentro do turno de fala.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: PROMESSA E ELOGIOS/ADMIRAÇÃO
EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA

Falante não identificado – Rapaz, o que é que o cumpade João faz pa esse minino que ele tem sorte?
Falante 2 – Eu aposto que eles disseru que o [parte não compreendida] matou a leitoa que o Laécio foi.
Rapaz, nós vamo comê leitoa lá. Eu vô.
Rapaz, se eu num fô, te dô cem reais.
Rapaz! Moço, tô dizeno que vô. Se eu num fô, te pago cem reais.
Aí logo o Gilvan: rapaz, num vai pagá o negoço não?
Não! Tá valendo. Pode pegar a cerveja aí.
Ele num foi, por pagou mermo o urubu.
Dinhêro sooolto! Tá fácil pa ganha.
Falante não identificado – É Bolsonaro, mininu!
É quatuceento todo dia, todo mês.
Falante não identificado – Quatocento? É quase dois mil. A Dona Minina é apusentada.
Falante não identificado – Aaaaah! É! E tem o Bolsonaro também com o auxílio.
[...]

No evento referente ao almoço dos trabalhadores que estavam dispostos na roça, o falante 2 se compromete em participar de um encontro com colegas, onde vão preparar uma leitoa. Ele valida a estratégia comunicativa de promessa, a partir de comprometimentos: "vamos comê leitoa lá"; "Rapaz, se eu num fô, te dô cem reais"; "Rapaz! Moço, tô dizeno que vô. Se eu num fô, te pago cem reais"; "Pode pegar a cerveja aí". Com esses enunciados, observamos que o falante 2 se endivida com um falante não identificado.

No enunciado: "É Bolsonaro, mininu! É quatuceento todo dia, todo mês", um falante não identificado encaminha elogios ao presidente da república, à época, Jair Messias Bolsonaro. Nesse contexto, o elogio tem como justificativa o fato de o Governo Federal ter disponibilizado um Auxílio Emergencial como benefício financeiro durante a pandemia da Covid-19, destinado a brasileiros em situação de vulnerabilidade econômica.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: EXPRESSÃO DE CHATEAÇÃO/RAIVA
EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA

[...]
Falante não identificado – Mas o Mateu tá agora tão lá em casa.
Falante não identificado – Hoje eu fui lá que era pra ele [parte não compreendida]. Mas era quase onze hora. Eu num esqueci do diabo do caboco, rapaz!
Falante 2 – Eu tava cum... na ca do seu [Vanderlei], [parte não compreendida]. Nãão! Era pa rifa.
Viiiixe! Eu pensava que era pa vim cumê.
Aí eu disse assim: Rum! Quando chegou lá já tinha acabado.
Só deu uns quinze quilo.
Parece que um deu 6 e ôto deu 9.
[...]

Em relação à estratégia comunicativa expressão de chateação ou raiva, percebemos a sua materialização no seguinte enunciado: "Hoje eu fui lá que era pra ele [parte não compreendida]. Mas era quase onze hora. Eu num esqueci do diabo do caboco, rapaz!". Nesse turno de fala, percebemos que um falante não identificado valida a sua chateação, raiva, por meio de expressões faciais e alteração do tom de voz, elementos que ajudam o falante ser mais enfático no que diz.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: AGRADECIMENTO
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Que vamo precisá do NIT de quem é apusentado.
Mais alguma dúvida?
Ninguém tem dúvida?
Muito obrigado pela presença de vocês.
Brigado, Thiago!
Brigado, Jorge!
Pur mim tá dado como incerrado a reunião, viu!
Que Deus lhes levem pa casa da mesma forma que trôxe a gente pra cá.
Falante 3 – Ei, Reginaldo, a gente pode ir pa tua casa pa pegá a (parte não compreendida).
[...]

No final do evento recortado, o falante 1, a fim de realizar a finalização da reunião, utiliza a estratégia comunicativa de agradecimento pelo comparecimento dos participantes na reunião. Para tanto, ele utiliza as expressões: “Muito obrigado” e “brigado”.

É interessante observar que o ato não-profilático de agradecimento é uma estratégia pouco produtiva nas situações de interação entre os participantes. E, como podemos ver nos enunciados, o informante 1 agradece a todos por estarem ali de certo modo contribuindo para com as deliberações relativas às demandas pendentes da comunidade, mas, no entanto, não há uma troca de agradecimentos entre eles.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: CHAMADO E JUSTIFICATIVA
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Gente, olha!
Olha!
É o seguinte, vocês têm que intendê que eu tô pra agilizar, mas quem me ajuda a resolvê é vocês.
Eu num tenho como obrá milagre não.
Eu tenho dinhêro pra sustenta minha família e pra pagá a minha parte. Da merma forma que vocês vão pagá, eu também vou tê que cobrir a minha parte. Embora esteje correndo por fora, gastando, porque eu pago mais do que vocês, eu num me canso de dizê isso, mas eu tenho que falá.
O que vocês pagam aqui, é pra recebe aqui. E o que eu pago aqui, eu ainda tenho que corrê atrás lá.
E na merma quantia que vocês pagam em viage, meu nome tá lá na relação também, viu!
Num tá apareceno naquela relaçãozinha de quem tá pagano porque sô eu que tá recebeno, mas na hora que o último daquele lá pagá, o meu já vai tá no bolso pra cubri pra pagá o talãozim que tá lá.
O meu nome entra na contage também. Você pode pergunta que tem a folhazinha. Eu acho que já botei lá no grupo uma vez a relação de nome das pessoas que pagam lá.
[...]

Identificamos no fragmento, acima, duas estratégias comunicativas, a saber: chamado e justificativa. No enunciado: “Gente, olha! Olha! É o seguinte, vocês têm que intendê [...]”, percebemos a produção de chamamento. É caracterizado como um ato não-profilático de polidez, à medida que o falante 1 chama a atenção dos interlocutores, para que compreendem

o que está sedo explanado. Nesse contexto, é exposta a situação da arrecadação de dinheiro para a compra coletiva da caixa d'água.

É preciso, portanto, que o presidente da associação utilize expressões, tais como, "Gente!"; "Olha!", "É o seguinte, vocês têm [...]!", a fim de colocar, apelativamente, os demais membros da associação em evidência no discurso. Como podemos alcançar, as expressões que estão demarcando um chamado, nos enunciados, são ligadas a um conteúdo volitivo da forma verbal, de modo a exprimir uma vontade do falante, quer dizer, um desejo seu direcionado ao seu interlocutor. Outro ponto importante a ser destacado é a entonação exclamativa do enunciado, com o intuito de chamar a atenção do interlocutor com maior ênfase.

No que respeita ao ato não-profilático de justificativa, percebemos uma grande relevância dessa estratégia comunicativa no enunciado proferido pelo informante 1, à medida que busca explicar e/ou justificar um fato. Nesse ínterim, ele está tentando mostrar aos demais membros que, embora cumpra determinadas funções, como, líder da comunidade, presidente da associação de moradores e agente comunitário de saúde, não está isento de cumprir com suas obrigações como morador, contribuindo, financeiramente, para comprar algo que beneficiará a todos da comunidade.

A partir dessa estratégia comunicativa, depreendemos que o falante pretende constatar como verdadeira a sua colocação, para, finalmente, validar o seu discurso, com um propósito interacional relevante, demarcado por uma função argumentativa, na busca de convencer os seus interlocutores para realizarem determinada atitude. Dito isto, cabe destacar o uso do "porque", nos enunciados, como um articulador discursivo-argumentativo.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: REALIZAÇÃO DE QUESTIONAMENTO E RESPOSTA AO QUESTIONAMENTO
EVENTO 2: COLHEITA MANUAL DE ARROZ NA ROÇA

[...]
Falante não identificado – Ei Piqueno, foi no dia que o Carlim foi buscar foi?
Falante não identificado – O quê?
Falante não identificado – O Diêro.
Falante não identificado – Não, ali é o que ele tinha cortado. Pegô foi adiantado.
Falante não identificado – [Ali foi o que ele ganho com o que tinha cortado.]
Falante não identificado – Ele tinha cortado trinta e três quilo já.
Falante não identificado – O dia todim?
Falante não identificado – Até mei dia.
Falante não identificado – Trinta e três?
Falante não identificado – Humrrum!
[...]

Os dados evidenciam que a realização de questionamentos é uma estratégia comunicativa que interfere na construção discursiva dos monteirenses. Sugerimos que a polidez é projetada nesse ato não-profilático mediante à entonação interrogativa engendrada na fala, no contexto da interação verbal. Para tanto, um falante não identificado questiona: “Ei, Piqueno, foi no dia que o Carlim foi buscar foi?”.

A interrogação é tencionada a partir de um acontecimento ou assunto que venha a surgir na situação de comunicação. É uma forma de o indivíduo interpelar o seu interlocutor, na busca de uma resposta, outra estratégia presente no fragmento destacado, acima. Instaura-se, assim, um movimento esquemático de pergunta-resposta.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: REALIZAÇÃO DE PERGUNTA RETÓRICA E RESPOSTA À PERGUNTA RETÓRICA
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]

Falante 1 – É... de coloca, gente, o valô de duzentos e cinquenta reais, entre aspas, vou explica bem, entre aspas, de eu fazê um novo orçamento ainda dentro dessa semana, pra no fim de semana, eu trazê pra cá pra esta casa pra gente debatê o valô, e dependendo do valor, nós divide nos próximos talão, talões em seis meses. Reginaldo, aí tu recebendo o primêro mês tu vai comprar?
Deus me livre!
Já te digo logo que num vô.
Eu só vô quando o último pagá.
[...]

A realização de pergunta retórica e resposta dada a ela, são mais duas estratégias encontradas nos dados analisados. No fragmento, acima, o falante 1 enuncia: “Reginaldo, aí tu recebendo o primêro mês tu vai comprar? Deus me livre! [...]”. Como podemos observar, a pergunta retórica não é um questionamento que exige resposta, é uma estratégia comunicativa que o falante utiliza com o fim de declarar algo.

No exemplo, percebemos que o falante 1 se questiona sobre algo e, em seguida, dá a resposta, com um tom de ironia. Ou seja, o interlocutor não precisa dá uma resposta, uma vez que ela é dada pelo próprio falante que profere a pergunta retórica. Deste modo, é perceptível

uma função comunicativa relevante com essas estratégias, uma vez que, por intermédio delas, é possível que os interlocutores levantem reflexões sobre determinado assunto em pauta.

No caso em apreço, os interlocutores são levados a pensar a respeito da falta de água e do que podem fazer para reverter tal situação que tanto vem afligindo a população local. Apreendemos, então, que ele utiliza tal ato para ser menos diretivo com os seus interlocutores, como uma forma de estimular a reflexão, tanto quanto de proteger a sua face/imagem.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: ACEITAÇÃO DE UMA SUGESTÃO
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Se fô menos, vai sê menos.
Aí colocaria o valô do talão mais o valô da prestação pra cada pessoa. Ratiado pa quela pessoa não metê a mão toda de uma vez, porque diz que pesa. Então, bora ratiá pa cada um.
Quando chega o fim do sétimo meis que todo mundo pagá, aí o Reginaldo vai lá e diz assim: meu amigo, eu vim comprá a caxa.
Vocês tão intendeno?
Tá tudo gravadim num tá?
Tá gravano direitinho, Alex?
Tá dano pra todo mundo oví.
Essa é a proposta que eu tenho.
Alguém tem alguma outra proposta aí?
Falante não identificado – Essa aí tá boa.
Falante não identificado – Tá boa demais!
Falante não identificado – A principal ninguém qué, né! Mas essa aí, num é possívi que ninguém num vai aceita ela.
[...]

No fragmento, acima, o falante 1 está deliberando sobre a questão da compra da caixa d'água para a comunidade. Nesse ínterim, ele faz uma proposta, sugerindo como deve ser feita a arrecadação coletiva do dinheiro necessário. Em resposta à sugestão feita por ele, um falante não identificado dispara: "Essa aí tá boa", e o outro diz: "Tá boa demais".

Percebemos, então, a aceitação de uma sugestão dentro do recorte. Além do mais, é interessante ressaltar que, para validar uma estratégia polida, alguns falantes emitem juízos de valor no ato comunicativo, por intermédio do adjetivo "boa".

ATO NÃO-PROFILÁTICO: CONFIRMAÇÃO DE UMA IDEIA
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Vocês intendero?
Ela vai tê um acréscimo de percentual in cima, num vai não?
Falante não identificado – Vai.
Falante 1 – Né isso?
Então, o que a gente vai compra é base e caxa. Num é só a base, num é só a caxa.
Base e caxa e os cano pa fazê os [tranco], viu!
[...]

Nesse fragmento, percebemos o uso da estratégia comunicativa de confirmação de uma ideia. É a expressão verbal que materializa tal ato, como podemos observar no enunciado: "Vai". Um falante não identificado utiliza tal estratégia para confirmar uma situação exposta pelo informante 1 a respeito de deliberações relativas a demandas da comunidade.

A produção desse ato preconiza a anuência de determinados fatos que foram pensados e recomendados; e que demanda uma tomada de decisão ou atitude por parte do interlocutor. Usar tal estratégia de polidez sugere tolerar o pensamento do outro, mas isso não quer dizer que a avaliação daquilo que está sendo sugerido seja omitida. Assim, o interlocutor estará ajudando o falante (o outro) a preservar a sua face em uma situação de interação comunicativa.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: COMPARAÇÃO
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Eu vou fazê o orçamento e trazê pra vocês, porque tipo assim gente, eu num vô...
uma coisa eu num vô garantir pra vocês é que o orçamento que eu vô fazer esta semana é o orçamento entre aspas válido por quinze, vinte dias.
Nós vamos tê mais ou menos a noção de quanto custa uma caxa. Tem que botá um a mais por cima, por que é pra seis meses depois.
Tem que vê isso daí, viu!
Não é o valô...
Thiago, me ajuda bem aqui.
Se eu faço o orçamento na tua loja hoje de uma camisa, daqui a seis meses ela vai tá o mesmo valô?
[...]

No enunciado “Se eu faço o orçamento na tua loja hoje de uma camisa, daqui a seis meses ela vai tá o mesmo valô?”, percebemos o uso de uma estratégia comunicativa de comparação, em que o falante chama a atenção de um interlocutor para corroborar o que está querendo determinar.

Nesse caso, o falante 1 está tratando sobre os valores referentes à caixa d’água indicados em orçamentos feitos em lojas na cidade de Timon. Ele sugere que o valor da caixa irá aumentar, a depender da data da efetivação da compra. Com a finalidade de convencer os seus interlocutores sobre a diferença de preço, ele chama a atenção de um participante e faz uma comparação com outro produto. Tal ato indica uma estratégia de polidez com função argumentativa.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: APRESENTAÇÃO DE UMA DÚVIDA E PROSPECÇÃO

EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]

Falante 1 – Né isso?

[...]

Eu, particurlarmente, tô passano pra vocês hoje, <u>mas eu ainda num sei como vai sê resovido não</u>. O Branco ficô veno isso lá pra mim, porque é o incarregado do projeto das casas e tá veno isso aí pra mim. Mas qualquer coisa se ele dissé que que vai tê que pagá, tô passano pra vocês. <u>Num sei como é que a gente vai resolvê não</u>. <u>É pro futuro.</u>

No fragmento, acima, podemos observar a apresentação de uma dúvida, a partir dos enunciados: “mas eu ainda num sei como vai sê resovido não”; “Num sei como é que a gente vai resolvê não”. Vejamos que há uma marca linguística comum nos dois enunciados, que é uso da negação sobre um fato, para, assim, validar a dúvida. Entendemos que essa estratégia sugere que o falante procura proteger a sua face perante os outros, ao invés de se comprometer com fatos pouco prováveis de serem exatos.

Também, percebemos o uso de uma estratégia de prospecção, no enunciado: “É pro futuro”. Essa estratégia consiste também na preservação da face do falante, proponente, uma vez que ele busca se resguardar quanto à tomada de decisões aleatórias ou precipitadas. Nesse sentido, a prospecção consiste em uma busca minuciosa e estudo de condições ou ações futuras que podem ser consideradas em um determinado planejamento.

ATO NÃO-PROFILÁTICO: EXPRESSÃO DE ESPANTO, SURPRESA
EVENTO 4: COBERTURA DO RANCHO NA ROÇA

[...]
Falante 1 – Tu num sabe o que o Álisso falô cuntigo!
Eu te falei!
Falante 2 – Mentira! Mentira! [expressões faciais]
Eu num falei nada não, Ivan.
Falante 3 – [Parte não compreendida] bem no zói.
Falante não identificado – Se chatiô.
Falante 1 – Ói! Ahhhhh! [expressões faciais]
Oh o que o Álisso tá dizeno aqui agora!
Agora o Álisso falô!
Falante 2 – Rapaz! [expressões faciais]
Num tô falano nada aqui não.
Tu tá é mintino.
[...]
Falante não identificado – Daquele jeito mermo.
Pode ter trabalho nem de [capim].
Falante não identificado – Ai meu Deus! [expressões faciais]
[...]

Evidenciamos, ainda, uma estratégia comunicativa por meio de expressões que manifestam espanto e/ou surpresa, como nos enunciados: “Mentira, mentira!”; “Ói! Ahhhhh!”; “Rapaz!”; “Ai meu Deus!”. É importante destacar que a entonação desses enunciados contribui para a validação da estratégia, a partir de um tom expressivamente exclamativo. Nesses casos em análise, podemos observar o uso de interjeições mediante palavras, sons vocálicos e locuções interjetivas, as quais manifestam as circunstâncias do falante.

Tabela 3 – Máximas conversacionais

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO descritas por Cunha (2009)	**USOS NOS EVENTOS COMUNICATIVOS**				
	Evento 1: Reunião da associação dos moradores	**Evento 2: Colheita manual de arroz na roça**	**Evento 3: Almoço dos trabalhadores de roça**	**Evento 4: Cobertura do rancho na roça**	**Ocorrência nos eventos 1, 2, 3 e 4**

1. Demonstrar aprovação ou simpatia pelo outro	1 (3,23%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,95%)
2. Demonstrar interesse pelo outro	2 (6,45%)	0 (0%)	1 (1,47%)	0 (0%)	3 (2,86%)
3. Buscar concordância	6 (19,35%)	1 (50%)	14 (20,59%)	0 (0%)	21 (20%)
4. Evitar discordância	0 (0%)	0 (0%)	14 (20,59%)	0 (0%)	14 (13,33%)
5. Brincadeiras (temáticas)	0 (0%)	0 (0%)	21 (30,88%)	0 (0%)	21 (20%)
6. Brincadeiras (não-temáticas)	1 (3,23%)	1 (50%)	6 (8,82%)	1 (25%)	9 (8,57%)
7. Criar envolvimento	2 (6,45%)	0 (0%)	8 (11,76%)	2 (50%)	12 (11,43%)
8. Ser indireto, usar perguntas e rodeios	19 (61,29%)	0 (0%)	4 (5,88%)	1 (25%)	24 (22,86%)
9. Impessoalizar o falante e ouvinte	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	**31**	**2**	**68**	**4**	**105**
ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO não descritas por Cunha (2009)	**Evento 1: Reunião da associação dos moradores**	**Evento 2: Colheita manual de arroz na roça**	**Evento 3: Almoço dos trabalhadores de roça**	**Evento 4: Cobertura do rancho na roça**	**Ocorrência nos eventos 1, 2, 3 e 4**
1. Descrever um fato	0 (0%)	0 (0%)	32 (100%)	1 (50%)	33 (97,06%)
2. Negar um fato	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	1 (2,94%)
TOTAL	**0 (100%)**	**0 (100%)**	**32 (100%)**	**2 (100%)**	**34 (100%)**

Fonte: Dados da investigação.

Como podemos observar na tabela 3, muitas das estratégias comunicativas relativas às máximas conversacionais descritas por Cunha (2009) foram encontradas em nosso *corpus*. Em ordem decrescente, temos: Ser indireto, usar perguntas, rodeios, com 22,86% de ocorrência; Demonstrar concordância, com 20%; Brincadeiras (temáticas), com 20%; Evitar discordância, com 13,33%; Criar envolvimento, com 11,43%; Brincadeiras não-temáticas, com 8,57%; Demonstrar interesse pelo outro, com 2,86%; Demonstrar aprovação ou simpatia pelo outro, com 0,95%; e Impessoalizar o falante ou o ouvinte, com 0%.

Em relação às novas categorias relativas às máximas interacionais, encontradas nesta pesquisa, destacamos em ordem decrescente: Descrever um fato, com um percentual de 97,06% de ocorrência; e Negar um fato, com um total de produção de 2,94%.

Assim, ajustamos a nossa contribuição no quadro, a seguir, de modo a trazer as máximas interacionais utilizadas como aparato de análise nesta investigação, colocando em destaque as que ainda não foram descritas.

Quadro 12 – Máximas da interação: aparato de análise

ESTRATÉGIAS	**DESCRIÇÃO**
1. Demonstrar aprovação ou simpatia pelo outro	Já descrita neste trabalho.
2. Demonstrar interesse pelo outro	Já descrita neste trabalho.
3. Buscar concordância	Já descrita neste trabalho.
4. Evitar discordância	Já descrita neste trabalho.
5. Brincadeiras (temáticas)	Já descrita neste trabalho.
6. Brincadeiras (não temáticas)	Já descrita neste trabalho.
7. Criar envolvimento	Já descrita neste trabalho.
8. Ser indireto, usar perguntas, rodeios	Já descrita neste trabalho.
9. Minimizar imposição	Já descrita neste trabalho.
10. DESCREVER UM FATO	O falante utiliza a estratégia de descrever acontecimentos, em determinada situação comunicativa, a fim de se minimizar o distanciamento com o seu interlocutor.
11. NEGAR UM FATO	O falante expressa discordância de algo, com um uso excessivo da negação (não,

	nem, num). É uma estratégia utilizada pelo falante para evitar o comprometimento com alguma situação desagradável com o seu interlocutor.

Fonte: Dados da investigação.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: DEMONSTRAR APROVAÇÃO OU SIMPATIA PELO OUTRO
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Gente, eu vou apresenta pra vocês aqui o Thiago, pode vim pra cá, e o Jorge. Ambos são universitários e tão quereno fazer um trabalho aqui dento da comunidade.
É... Eles vão passa uns dias vino pra cá pra tá convessano com vocês, porque do jeito que tá hoje né, se a pessoa não se apresenta fica difícil pra incostar nas casas. Então vocês olhem bem po pequeno aqui, viu!
Ele vai se apresenta já já.
Ele vai tá aqui com a gente.
Ele vai dizer os dias que vai vim e, meu grande amigo Alex, no dia que ele chega aqui, vou pidi pra ele te procura pra vocês estarem andando com ele na comunidade, porque como eu falei pra, nem sempre eu tô aqui dentro. Sempre tô fora. Sempre tô resolveno alguma coisa.
[...]

No fragmento, acima, percebemos que o falante 1 demonstra aprovação ou simpatia pelo outro, a partir do momento em que apresenta interlocutores que estão participando da reunião. Nesse caso, trata-se da apresentação do pesquisador e seu companheiro que estavam no início de suas visitas na comunidade e precisavam ser apresentados para conhecimento e aceitação por parte da população, tendo em vista que há uma dificuldade de os monteirenses abrirem as portas para desconhecidos, como uma estratégia de preservação de sua face perante o outro, dentre outros fatores sociais que requerem investigação mais acurada.

Além dos mais, o presidente da associação delibera uma pessoa para acompanhar o pesquisador em suas visitas aos habitantes da localidade. Tal estratégia comunicativa implica um gesto que viabiliza uma aproximação entre o pesquisador e os monteirenses, a considerar os anseios e as conveniências do falante 1 em relação ao seu ambiente.

Por meio de expressões faciais, movimentos com a cabeça sinalizando positivamente no momento do turno conversacional do falante 1, verificamos a validação da confirmação de estratégia de aprovação e simpatia pelo outro.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: DEMONSTRAR INTERESSE PELO OUTRO
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Deixa eu falá pra vocês.
É... mas se hoje a gente teve essa visibilidade que a gente tá tendo hoje, é por conta daqueles trabalhos que foram feitos onde foi tirado fotos de vocês, foi contado a história de vocês.
Hoje a gente tem vacina..
Por que que eu abro porta sempre pra esse pessoal que vem pra fazer a faculdade, que querem fazê trabalho, que querem conhece?
Porque eles divulgam nossa história e cada vez mais a gente se sacramentano como como deve ser, sem precisar... e automaticamente, os benefícios virão.
Aqui na comunidade, a gente já teve cesta básica, já teve vacina, a gente já tem projetos de casa aí, a gente já tem tudo isso.
Então, eu peço sempre que, vocês quando chegá uma pessoas dessas pra fazer um trabalho, conta a história de vocês, conta a nossa história, [não deixa morrê], que a gente acolha bem.
[...]

Nesse fragmento, temos vários enunciados que corroboram a estratégia comunicativa de demonstração de interesse pelo outro, em que o falante 1 pondera a relevância de pesquisas dentro da comunidade.

No tópico, averiguamos o uso de justificativa para convencer os interlocutores sobre a importância da entrada de pesquisadores na comunidade, de modo que é necessário que eles sejam aceitos, uma vez que esse tipo de atividade tende a beneficiar a população em vários aspectos, sobretudo em se tratando de visibilidade.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: BUSCAR CONCORDÂNCIA
EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA

[...]
Falante 2 – O barrão?
Ah, sim!

Aquele que tu falô naquele dia.
É bom que tá engordando, né. Vocês pegam ele lá na frente.
Falante não identificado – <u>É certeza!</u>
[...]

Os falantes 2 e um não identificado conversam sobre a criação de um animal, o qual será matado para venda na comunidade. Vejamos que o falante não identificado utiliza uma estratégia de concordância com o falante 2, à medida que enuncia "É certeza!". Essa exclamação afirmativa corrobora a concordância com a ideia do interlocutor.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: EVITAR DISCORDÂNCIA
EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA

[...]
Falante 1 – Rapaz, eu me cabulo! O Hélio é ruim de acerto.
Falante 2 – O Hélio vei aqui umas três vez não!
Falante 3 – Ele vei beboo, como é que num vem!
Falante 2 – Ah, mas também!
Falante 4 – Ele vei três veiz, rapaz!
Falante 1 – <u>Ele só vei uma veiz!</u>
Falante 3 – <u>Foi duas, rapaz!</u>
Falante 2 – <u>Ele só vei uma vez e ainda vei morto de bebo essa disgraça.</u>
[...]

Na interação entre os falantes 1, 2 e 3, percebemos o uso da estratégia comunicativa que busca evitar discordância sobre um fato. Assim, observemos os enunciados do falante 1: "Ele só vei uma veiz!"; do falante 3: "Foi duas, rapaz!"; e do falante 2: "Ele só vei uma vez e ainda vei morto de bebo essa disgraça".

Nesses enunciados, evidenciamos uma estratégia de polidez, em virtude de que os falantes suavizam as elocuções proferidas. Os falantes 1, 2 e 3 não discordam diretamente ou mesmo negam a veracidade da informação proferida pelo informante 4, isso demonstra a busca por uma interação mais polida, fluida e harmônica.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: BRINCADEIRAS (TEMÁTICAS)
EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA

[...]
Falante não identificado) – Vô comê um pôco desse aí
Falante 2 – Vai almoçá um pôquim não [...]?
Falante 1 – Já almocei [Risos]. Almocei por lá mesmo.
Falante 2 – Hoje a comida da cumadi saiu mêi mole.
[Risos]
[...]

No fragmento, acima, verificamos o uso de brincadeira temática. No contexto, o evento diz respeito ao almoço entre os trabalhadores de roça. Eles estão se reunindo em um local reservado, enquanto a comida chega para que eles possam se servir. Daí, o falante 2, ao observar a comida que foi enviada, enuncia: "Hoje a comida da cumadi saiu mêi mole", logo após, ele ri. Consideramos essa uma brincadeira temática porque tem relação com o contexto do evento. O uso de tal estratégia cumpre um importante papel nessas ocasiões, em que eles estão muito cansados do trabalho, então, a brincadeira pode levá-los a uma descontração, como forma de amenizar a dureza da situação.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: BRINCADEIRAS (NÃO-TEMÁTICAS)
EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA

[...]
Falante 2 – Rapaz, o Fifi tá mole!
Rapaz, ele largava a mão na paia, ele levava 15 minuto pa leva pa bater do oto lado.
[Risos]
Falante 5 – Rapaz o cupim come a tua chinel, meu fi!
Falante 2 – Rapaz, o Fifi tá mole!
[Risos]
Comê, Fifi.
Falante 5 – Comê esse espaguete também aqui.
[...]

Assim como as brincadeiras temáticas, as não-temáticas cumprem um importante papel no almoço entre os lavradores. No fragmento, acima, percebemos o uso de tal recurso, contudo, com uma temática fora do contexto do almoço. Eles fazem uma brincadeira em relação à colheita de arroz. Comentam sobre a produtividade de um dos trabalhadores, como podemos

ver nos enunciados do falante 2: “Rapaz, o Fifi tá mole! Rapaz, ele largava a mão na paia, ele levava 15 minuto pa levá pa bater do oto lado”; e do falante 5: “Rapaz o cupim come a tua chinel, meu fi!”. O tom de brincadeira é validado com os risos dos interagentes.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: CRIAR ENVOLVIMENTO
EVENTO 4: COBERTURA DO RANCHO NA ROÇA

[...]
Falante não identificado – Tu vai que dia, Piqueno?
Falante não identificado – Já já!
[Parte não compreendida / vozes muito distantes e barulho do motosserra ao mesmo tempo]
Falante não identificado – É os caibo né! Quais cai!
Falante não identificado – É o motô, cidadão.
Tá lá na frente lá onde tu botô lá.
[Parte não compreendida. Vozes distantes]
Falante não identificado – Agora tamo cansado!
[...]

No enunciado “Agora tamo cansado!”, um falante não identificado cria um envolvimento ao usar a expressão “tamo cansado”, o verbo estar, flexionado no primeira pessoa do plural do presente do indicativo, indica que o falante se insere no grupo ao relatar o cansaço provocado pelo dia intenso de trabalho na roça.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: SER INDIRETO, USAR PERGUNTAS, RODEIOS
EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

[...]
Falante 1 – Então gente, voltano aqui pra nossa pauta.
A pauta principal, que é a casa, eu vô dêxar aqui por último, porque dentro do grupo aqui tá tenho muito disse me disse, muita brincadêra, muito rárrárrá...
Aquele grupo foi criado pro anseio de vocês...
Eu num ia criá não...
Então, tipo assim, é um grupo que é pra tá passano informação e dano informação.
Né pra ninguém tá tirano sarro de ninguém dentro do grupo não.
Tá intendeno?
Porque tem gente aí que já tá...
Às vezes acontece da pessoa pensá que vai enviá, bota no grupo lá e vai automaticamente tira [...]

Beleza! Deixa pra lá!
Agora, fica comentano, retucano, incheno o celular.
[...]

Ser indireto é uma marca do falante 1, bem como fazer perguntas, como podemos ver nos enunciados: “Né pra ninguém tá tirano sarro de ninguém dentro do grupo não. Tá intendeno? Porque tem gente aí que já tá... Às vezes acontece da pessoa pensá que vai enviá, bota no grupo lá e vai automaticamente tira [...]

O falante utiliza marcas linguísticas que ajudam a construir indiretas, pois não se refere especificamente a uma pessoa do grupo. Disto isto, as palavras ninguém, gente, pessoa, nos ajudam a perceber tal estratégia. Também, percebemos o uso de perguntas utiliza pergunta, como: “Tá intendeno?”. É uma pergunta geral, não há um referente evidente. Percebemos, então, essas estratégias como uma forma de construir um discurso mais polido e menos impositivo em relação aos direcionamentos sobre o uso do grupo no *WhatsApp*.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: DESCREVER UM FATO
EVENTO 4: COBERTURA DO RANCHO NA ROÇA

[...]
Falante 1 – Trabalhei muito porque era obrigação, né!
Falante 2 – Ia mais o pai, né!
Falante 1 – É.
Fumos criado na roça direto.
Trabalhano desde criança.
Num sabia nem o que era um brinquedo novo.
Carrim só de lata de sardinha.
[...]

Nas interações entre falantes, percebemos a estratégia de descrição de um fato como um recurso de polidez para se aproximar do interlocutor, como nos enunciados do falante 1: “Trabalhei muito porque era obrigação, né!”; “Fumos criado na roça direto. Trabalhano desde criança. Num sabia nem o que era um brinquedo novo. Carrim só de lata de sardinha”. Nos exemplos, temos o predomínio de verbos flexionados no passado – trabalhei, fumos, sabia –,

utilizados pelo falante 1 para se reportar a acontecimentos em sua vida referentes à sua experiência na roça, que vem desde criança, quando já era levado pelo pai e ensinado por ele.

MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: NEGAR UM FATO
EVENTO 4: COBERTURA DO RANCHO NA ROÇA

[...]
Falante 1 – Tu num sabe o que o Álisso falô cuntigo!
Eu te falei!
Falante 2 – Mentira! Mentira! [expressões faciais]
Eu num falei nada não, Ivan.
Falante 3 – [Parte não compreendida] bem no zói.
Falante não identificado – Se chatiô.
Falante 1 – Ói! Ahhhhh! [expressões faciais]
Oh o que o Álisso tá dizeno aqui agora!
Agora o Álisso falô!
Falante 2 – Rapaz! [expressões faciais]
Num tô falano nada aqui não.
[...]

Nesse fragmento, detectamos mais uma estratégia de polidez presente em interações dos monteirenses: negar um fato. Percebemos tal máxima da interação nos enunciados do falante 2: "Eu num falei nada não, Ivan"; "Num tô falano nada aqui não". Vejamos o uso excessivo da negação, é uma estratégia de negação de um fato utilizada pelo falante para não se comprometer com determinada situação. Verificamos, portanto, uma forma de se resguardar de algo ou mesmo proteger a sua face perante o outro.

5.3 Amalgamento entre estratégias comunicativas

ATO PROFILÁTICO: PRESERVAÇÃO DA AUTOIMAGEM EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES	**ATO NÃO-PROFILÁTICO: CHAMADO E JUSTIFICATIVA** EVENTO 1: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES	**MÁXIMAS DA INTERAÇÃO: EVITAR DISCORDÂNCIA** EVENTO 2: ALMOÇO DOS TRABALHADORES DE ROÇA
[...] Falante 1 – Uma outra coisa! Os anseios sobre a água...	[...] Falante 1 – Gente, olha! Olha!	[...] Falante 1 – Rapaz, eu me cabulo! O Hélio é ruim de acerto.

Colocaram lá e eu não quis coloca em pauta porque eu pensei que vinha mais gente. Quando se trata de fala de água, aí é que num vem ninguém. Todo mundo gosta de falá nos particulares, mas ninguém qué se comprometer. Só qué que o agente de saúde... oh... que o presidente da associação corra atrás. E eu já disse, num sô urubu não. Preto sô, urubu não. E nem sô andorinha pra fazê milagre sozim. Nunca vi falá nisso também não. Eu fiz um orçamento há dois anos atrás. Custava cento e cinquenta reais pra cada um. Cento e vinte cinco reais pra cada um. [...] Falante 2 – Boa tarde, gente! [...]	É o seguinte, vocês têm que intendê que eu tô pra agilizar, mas quem me ajudar a resolvê é vocês. Eu num tenho como obra milagre não. Eu tenho dinhêro pra sustenta minha família e pra pagá a minha parte. Da merma forma que vocês vão pagá, eu também vou tê que cobrir a minha parte. Embora esteje correndo por fora, gastando, porque eu pago mais do que vocês, eu num me canso de dizê isso, mas eu tenho que falá. O que vocês pagam aqui, é pra recebe aqui. E o que eu pago aqui, eu ainda tenho que corrê atrás lá. E na merma quantia que vocês pagam em viage, meu nome tá lá na relação também, viu! Num tá apareceno naquela relaçãozinha de quem tá pagano porque sô eu que tá recebeno, mas na hora que o último daquele lá pagá, o meu já vai tá no bolso pra cubri pra pagá o talãozim que tá lá. O meu nome entra na contage também. Você pode pergunta que tem a folhazinha. Eu acho que já botei lá no grupo uma vez a relação de nome das pessoas que pagam lá. [...]	Falante 2 – O Hélio vei aqui umas três vez não! Falante 3 – Ele vei beboo, como é que num vem! Falante 2 – Ah, mas também! Falante 4 – Ele vei três veiz, rapaz! Falante 1 – Ele só vei uma veiz! Falante 3 – Foi duas, rapaz! Falante 2 – Ele só vei uma vez e ainda vei morto de bebo essa disgraça. [...]

Fonte: Dados da investigação.

Com base nos dados apresentados, sentimos a necessidade de colocar em relação três atos de fala por meio dos quais é possível perceber uma questão coadunada, qual seja: uma ideia de barreira que se sustenta na necessidade que o falante tem de, ao tomar a palavra, garantir a manutenção de sua tópica. O que se dá a partir de uma estratégia argumentativa que, em sua

fala, mantém sua autoridade no modo como justifica-se bem como na maneira como constrói em sua fala uma barreira na qual evita que os interlocutores apresentem pontos de discordância sobre o que o falante toma como premissa.

Ao compreendermos os atos profiláticos, não profiláticos e as máximas de interação em nossas tabulações, isolados uns dos outros, um elemento acabou chamando atenção. Ele diz respeito ao modo como uma espécie de articulação entre três itens nos atos analisados tiraram de suspensão uma relação. É sobre essa relação, a estabelecida entre os profiláticos e as máximas que fizemos um recorte. Ou seja, experimentamos provocar a articulação entre o ato profilático "preservação da autoimagem", o ato não profilático "chamado e justificativa" e a máxima da interação "evitar discordância".

Nessa tentativa experimental, percebemos uma espécie de barreira no ato de fala que parece ligar os três pontos citados acima no sentido de que essa barreira intenta evitar a contradição. Ou seja, nos três tipos de possibilidades parece não haver espaço locutório para que adentrem argumentos que desestabilizem a construção frasal.

Tal barreira parece seguir três passos que são acionados no ato de fala e se articulam para formar a barreira argumentativa de manutenção da tópica: a) preservação e manutenção da face; b) justificativa e c) evitar discordância. Perceba-se que são elementos tabulados que pertencem a ordens distintas (profilático, não-profiláticos e máximas da interação). O que leva a uma reflexão a respeito do modo como o turno de fala precisa pode ser compreendido. Em um ato de fala, a premissa da manutenção da tópica leva o falante a buscar em ordens distintas a própria prerrogativa de manutenção de seu turno para defender a tópica.

Estamos compreendendo esse movimento em prol da manutenção como um elemento incontornável do processo, qual seja, o soerguimento do que estamos chamando de barreira argumentativa de manutenção da tópica. Se estivermos compreendendo bem este fenômeno, esta barreira pode ser definida, provisoriamente, enquanto uma obrigatoriedade para a preservação e manutenção da face do falante que só consegue justificar e evitar discordância mediante o soerguimento dela. O que possibilita manter a tópica longe dos perigos que a abertura do turno para os argumentos de outros falantes, os quais poderiam distorcer a linha da própria tópica.

Dito isso, podemos trazer nos dados de fala uma tentativa de observar, descrever e interpretar o funcionamento de tal barreira. Para tanto, trazemos a seguir o ato profilático: preservação da autoimagem e o ato não profilático: chamado e justificativa, os quais se deram no evento 1: reunião da associação dos moradores. Articulamos tais atos à máxima da interação: evitar discordância, que se deu no evento 2: almoço dos trabalhadores de roça.

Recapitulemos, sinteticamente, o que constitui tais atos e máxima no intuito de afinarmos os conceitos que são mobilizados nessa análise. Conforme os apresentamos com base em Cunha (2009), o ato profilático de preservação da autoimagem, isto é, da face do falante, apregoa que este sustenta-se em uma frase específica. A qual parece cristalizar-se a ponto de garantir ao falante a possibilidade de manter-se atrás dela para se defender de uma eventual distorção interpretativa da parte de seu interlocutor. Por sua vez, o ato não-profilático chamado e justificativa utiliza-se de uma espécie de vocativo. Compreendemos esse chamado como um elemento apelativo, um recurso linguístico que se pretende muito mais próximo daquilo que se fala do que de quem fala.

Desse modo, a justificativa se instaura no ato tanto sem necessariamente apresentar a necessidade de uma escusa. O propósito é de amenizar no outro alguma distorção que tenha ocorrido no ato em si. Finalmente, a máxima da interação evitar discordância, que também tomamos a partir de Cunha (2009) toma a necessidade de evitar o conflito. Nessa máxima, faz-se uso de disfarces tecidos linguisticamente que dispersam quaisquer ocorrências desagradáveis aos partícipes da interação.

Articulamos esses três elementos compreendendo que a "resguarda por trás de uma frase" (presente na preservação da autoimagem – ato profilático), a "amenização de uma situação" (presente na justificativa – ato não-profilático) e a "utilização de disfarces" (presente na máxima da interação – evitar discordância) corroboram na construção da barreira argumentativa de manutenção da tópica (BAMT).

Perceba-se que o percurso de configuração da BAMT segue sua sustentação a partir de três frentes. A primeira é a elaboração de uma frase que servirá de escudo e de saída de escape no caso de sua argumentação o leve ao erro. A segunda é a tentativa de o falante de justificar-se por meio da amenização dos efeitos provocados no seu interlocutor, numa dada situação. A terceira é utilizar-se da própria frase e da justificativa já formulada para anular o conflito.

Assim sendo, a BAMT que o falante constrói impede a entrada de "erros" de interpretação de seus pares em seu argumento, bem como dilui qualquer possibilidade de incomodo, uma vez que ameniza, via justificativa que toma a frase de garantia (inclusive de estar errado). Esta frase serve de disfarce frente a ruídos, ondulações negativas que são anuladas, já que o falante ao evitar discordância utiliza-se de terá como parâmetro central de sua máxima expelir possibilidades de conflito.

Isto posto, vejamos nos dados de fala o funcionamento dos atos e máxima na formulação da BAMT.

Do ato profilático: preservação da autoimagem (AP-PA), realizado no evento 1 (E1), reunião da associação dos moradores (RAM). Temos dados de fala como os seguintes:

“Os anseios sobre a água”. Nele percebemos que a tópica é a água. O uso de “anseios” demonstra situação monitorada, uma vez que a palavra verbalizada é articulada frente a outras formulações que se instauram em um uso mais normatizado no contexto investigado, por exemplo: “num sô urubu não”.

Continuando na linha de **Os anseios sobre a água**, percebemos que essa formulação entra na pauta como um elemento extra. O que é indicado pela introdução: **Uma outra coisa**!, exclamada pelo falante 1 como algo a ser acrescentado à discussão socializada. Na continuidade, **Colocaram lá e eu não quis colocá em pauta.** Nesse ponto, o falante informa que não queria trazer a discussão. Na “justificativa”, apresenta **porque eu pensei que vinha mais gente**. Percebemos nos trechos trazidos, acima, que a instauração do AP-PA traz consigo tanto o ato não-profilático “justificativa” quanto a máxima da interação “evitar discordância”. O falante ameniza a situação ao fazer uso de “pensei que vinha mais gente” e com isso evita desagradar os demais participantes do (E1) (RAM). Ao ligarmos “pensei que vinha mais gente” a “quando se trata de fala de água, aí é que num vem ninguém” lemos “num vem ninguém” em termos de monitoramento estilístico em atrito como o termo “anseios sobre água”. No mesmo enunciado, olhando agora ao que se refere à configuração da barreira argumentativa que o falante 1 está construindo, vemos na manifestação: “Quando se trata de falta de água, aí é que num vem ninguém” a frase de resguarda, ou seja, a frase atrás da qual ele pode manter sua imagem de experiente nas discussões sobre a tópica. Sua experiencia o faz pensar que, “quando se trata de fala de água”, ou seja, toda vez que se fala de água, constata-se empiricamente que “num vem ninguém”. No entanto, o falante 1, ao introduzir a tópica, disse “eu pensei que vinha mais gente”. Ao dizer isso, e depois utilizar AP-PA, usa a frase como garantia, caso viesse alguém, a frase continuaria significando coerentemente, uma vez que, costumeiramente, nesse contexto das (RAM), sempre que a tópica água aparece, a comunidade não vem. Na configuração da construção de sua BAMT, o falante 1 se desloca entre (AP-PA), o ato não-profilático “justificativa” e as máximas da interação “evitar discordância”. A sustentação do falante 1 anula investidas contrárias quando informa que “lá” (no grupo) ou “nos particulares”, enquanto lugares nos quais essa tópica é discutida, ao passo que no tempo e no lugar onde o evento 1 ocorre, a tópica não se desenvolve. A proatividade constitutiva da imagem do falante 1 se arremata quando ele acrescenta a seu argumento o que segue: “Eu fiz orçamento há dois anos atrás” > Custava cento e cinquenta reais pra cada um (autocorreção-monitoramento

estilístico-corrige a informação) “cento e vinte e cinco reais pra cada um”. O falante 1 preserva sua imagem dentro da barreira que configura para enunciar.

Ao percebermos o falante 1 utilizar-se de frases para preservar a autoimagem notamos que alguns pontos parecem ameaçar a barreira argumentativa. A polidez no trato com os demais falantes, o tom de cobrança, o nervosismo que isso implica pode deslocar a imagem de proativo para o lugar do pedantismo. Para remediar isso, a argumentação do falante vai se remodelando colocando-o em paridade com seus pares. O que pode ser percebido em outro turno conversacional no qual ele trata de uma viagem que está sendo organizada.

Ele assim se reporta aos demais no intuito de dirimir dúvidas sobre os gastos:

“E na merma quantia que vocês pagam em viagem, meu nome tá lá na relação também, viu!

“Num tá apareceno naquela relaçãozinha de quem tá pagano porque sô eu que tá recebeno, mas na hora que o último daquele lá pagá, o meu já vai tá no bolso pra cubri pra pagá o talãozim que tá lá”.

“O meu nome entra na contage também [...] Eu acho que já botei lá no grupo uma vez a relação de nome das pessoas que pagam lá”.

A situação de conflito que poderia ser causada ao se questionar quem custearia sua viagem é amenizada pelo falante 1 quando ele esclarece que também pagará.

As frases e os enunciados proferidos pelo falante 1 corroboram a construção da BAMT por meio da qual ele ao mesmo tempo preserva sua imagem, proativa, justifica-se antevendo qualquer dúvida sobre suas condutas no que concerne ao coletivo e, pode disfarçar-se por meio dessa mesma imagem mantida de proatividade para que em sua interação não possibilite discordâncias quanto ao que apregoa em seus atos de fala.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta investigação evidenciaram estratégias de comunicação contempladas pela literatura, bem como novas estratégias que detectamos nas interações verbais e não verbais no cotidiano da comunidade Monteiro. Todas essas estratégias são relevantes e recorrentes em situações comunicativas, tal como é possível verificar no capítulo 5 desta tese. E constituíram o principal objetivo deste trabalho, por meio das quais foi possível trazer uma contribuição à área.

A fim de entendermos essas estratégias na vida da comunidade e como foi possível a sua perepção, vamos apresentar o processo em que elas foram se revelando no decorrer da investigação.

Desse modo, urge esclarer que, desde um primeiro momento da pesquisa, detectamos estratégias comunicativas que nos chamaram a atenção, como a troca do próprio nome no contato com o estrangeiro. A suspeição das estratégias veio à tona logo no primeiro contato que tivemos com uma das moradoras mais antiga do lugar, conforme fomos encaminhados. Após algumas conversas com outros moradores, posteriores ao primeiro contato, descobrimos que o nome que a moradora havia nos dado era outro. Esse dado nos preocupou bastante, e na busca por uma explicação para tal fato, avaliamos tal troca como uma estratégia de comunicação para com um não nativo da comunidade. Apesar de termos ficado surpreso com esse dado, não investigamos as estratégias dos monteirenses em situação de contato com o estrangeiro, até porque é restrito esse tipo de contato na localidade, assim, notamos como mais significativas e produtivas as estratégias comunicativas entre eles mesmos, no tocante à polidez.

De tal modo, pareceu-nos razoável investigar estratégias comunicativas no que diz respeito à polidez, embora elas não fossem perceptíveis por eles, e, possivelmente, nem pelos interactantes da circunvizinhança com os quais os monteirenses mantêm contato.

Parece óbvia a necessidade de estratégias próprias em qualquer comunidade, tradicional ou não, para marcar a sua diferença identitária e asseguar condições que evitem invasões e apropriações de seus direitos, tanto territoriais como culturais, inclusive envolvendo questões de uso da linguagem ou comunicativos. Neste sentido, é razoável o argumento de Saville-Troike (2005) de que um indivíduo, desde a infância, aprende a selecionar e a usar estratégias comunicativas que sejam apropriadas a uma determinada situação interativa e que o seu repertório comunicativo vai mudando ao longo do tempo, tanto quantitativamente quanto qualitativamente, à medida que vai amadurecendo.

Assim, ao usar a língua, os sujeitos criam e mantêm uma hierarquia social programada dentro do grupo a que pertencem, por intermédio de rotinas cotidianas que são conhecidas, compartilhadas e controladas por todos os participantes. O uso de formas polidas no ato comunicativo consente que os utentes da língua verticalizem estratégias comunicativas, as quais são mobilizadas na interação, que são, portanto, uma condição própria da interação para a manutenção da face perante o outro, conforme preconiza Goffman (1970), de modo que o cuidado com a própria imagem e a imagem do outro reverbere e contorne consequências simbólicas que efetivamente colocam a face em perigo.

Razão por que nesta tese, delineamos, como objetivo geral, investigar estratégias de comunicação no contexto sociocultural do Povoado Monteiro de Timon (MA), de modo a considerar fenômenos da interação comunicativa inerentes a seus habitantes. E como objetivos específicos, particularizamos: a) descrever eventos comunicativos pertinentes aos moradores do Povoado Monteiro, constituídos na interação verbal, por intermédio de componentes etnográficos previstos por Saville-Troike (2005); b) identificar e analisar as estratégias de polidez nas interações verbais entre os moradores da comunidade, a partir do modelo analítico previsto por Cunha (2009), que preconiza a descrição de três categorias: atos de fala profiláticos, atos de fala não profiláticos e máximas da interação; c) descrever e analisar estratégias comunicativas de polidez que ainda não foram previstas, bem como evidenciar aquelas que são mais e menos produtivas no *corpus*.

Isso posto, realizamos a investigação e, a partir da constituição do capítulo de análise, podemos constatar que tais objetivos foram alcançados ao longo desta jornada de pesquisa etnográfica. Para tanto, levamos em consideração a descrição de eventos comunicativos oriundos das interações entre os moradores do Povoado Monteiro, de Timon, Maranhão. Os eventos comunicativos produtivos e analisados neste estudo, foram: Evento 1: Reunião da associação dos moradores; Evento 2: Colheita manual de arroz; Evento 3: Almoço entre os trabalhadores; e Evento 4: Cobertura do rancho. Vale ressaltar que esses foram os escolhidos para a amostra de eventos interacionais como consta no capítulo de análise.

Metodologicamente, a pesquisa foi constituída mediante uma abordagem etnográfica, na qual foi necessária a contribuição de Saville-Troike (2005), dentre outros autores importantes para o estudo. A partir da descrição etnográfica dos eventos, foi possível constatar que os eventos comunicativos 1 e 3 foram os mais produtivos e significativos para a nossa análise.

Atrelamos tal relevância a esses eventos em virtude de que neles houve um bom aproveitamento de dados, tendo em vista que os interactantes apresentaram um maior índice de

participação e interação comunicativa. É interessante observar que muitos dos monteirenses ficaram inibidos diante das filmagens e gravações em áudio, fato que dificultou também o percurso da produção de dados, embora tivéssemos tentado contornar qualquer situação que viesse constranger ou mesmo expor o interlocutor da pesquisa.

Além desse ponto, inferimos que o nosso maior obstáculo foi adentrar a comunidade. Pois, como já descrevemos no capítulo do percurso metodológico, deparamo-nos com nativos muito arredios com pessoas de fora da comunidade. Daí, sentimos dificuldades em nos inserirmos em atividades socioculturais da localidade. Entretanto, buscamos o líder da comunidade, o qual nos recebeu com muito interesse em nos acolher, reconhecendo a importância de abrir as portas do Monteiro para que investigações acadêmico-científicas sejam realizadas, conforme consta no evento 1, na página 106 e na página 143, ao analisarmos a máxima da interação que consolida a aceitação e aprovação do outro em determinados contextos.

É valido citar, ainda, outro fator que trouxe dificuldade em nossa atuação no campo: a pandemia da Covid-19. No início de 2020, houve uma paralisação mundial em decorrência da proliferação da doença, em que as pessoas precisavam se isolar e manter distanciamento umas das outras, como medidas protetivas. Começamos a nos questionar sobre a execução do trabalho, e, por muitas vezes, pensamos em escolher outra estratégia de pesquisa que não envolvesse campo. Depararmo-nos com esse contexto não foi fácil, tendo em vista que precisaríamos cumprir metas e prazos dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). No entanto, isso não foi motivo de desistirmos de nossos anseios e desejos por realizar uma investigação em uma comunidade quilombola maranhense.

Para melhorar compreendermos as interações entre os interlocutores, foi importante descrever os eventos comunicativos, com base nos postulados de Saville-Troike (2005), a partir de seus componentes formadores: gênero, tema, função/propósito, marco, chave, participantes, forma da mensagem, conteúdo da mensagem, sequência de atos, regras e normas de interação. Essa proposta se inspira no modelo mnemônico SPEAKING, conforme Hymes (1976). Tal modelo nos possibilitou uma organização dos dados, de forma a verificar a produção linguística dos falantes em relação a experiências culturais vivenciadas e compartilhadas por eles. Para tanto, foi possível perceber o modo com os nativos percebem e estruturam as suas experiências comunicativas, a fim de, a partir desses eventos, sistematizar os dados que materializam as estratégias de polidez.

No Evento 1: Reunião da associação dos moradores, evidenciamos normas de interação que correspondem à fala direta – lacônica e clara –, de modo a significar a defesa de um ponto

de vista, por parte do falante. Por tratar-se de uma situação formal, os participantes se conservam sérios durante quase toda a reunião, cabendo, em alguns momentos, brincadeiras leves e espontâneas.

No Evento 2: Colheita manual de arroz, percebemos que a colheita manual de arroz é uma atividade, que, embora todos estejam em um momento de trabalho e mantendo distanciamento, há interações comunicativas entre eles. O grau de proximidade entre os participantes é importante para que possam desenvolver diálogos diversos.

No Evento 3: Almoço entre os trabalhadores e Evento 4: Cobertura do rancho, percebemos que todos os participantes falam sobre assuntos dos mais variados temas, tais como, trabalho, política, lazer (principalmente sobre as saídas para beber), anedota etc., em que os trabalhadores são emissores e receptores, de igual modo, não havendo modos de fala específicos de um ou outro participante, a considerar papeis desempenhados na comunidade. Havendo, às vezes, especificidades em um evento ou outro.

Em relação aos dados analisados sobre os atos profiláticos, percebemos que há um uso quase categórico para o Evento 1: Reunião da Associação dos Moradores, com um percentual de 96,30% dos dados. Ou seja, quase 100% de ocorrência. Além disso, um percentual de 3,70% para o Evento 3: Almoço dos trabalhadores de roça, o que mostra uma diminuição considerável dessas estretégias; e 0% para os Eventos 2: Colheita manual de arroz na roça e 3: Cobertura do rancho na roça, ou seja, não houve recorrência de atos profiláticos nas estratégias comunicativas utilizadas pelos participantes desses eventos.

O que se concluiu da ocorrência dessa estratégia comunicativa em atos profiláticos, que, por definição, são atos pelos quais os interactantes se resguardam na interação com o interlocutor, a fim de preservar a sua autoimagem, é que eles tentam evitar se comprometer, se expor perante o outro, inclusive silenciando-se, de modo a esconder a sua face na interação, de qualquer intenção do outro, tal como preconiza Goffman (1970). O resultado de 96,30% para o Evento 1 pode ser entendido pelo contexto em que a situação comunicativa foi desenvolvida, uma vez que trata-se de uma reunião da Associação dos Moradores, que exige certo grau de formalidade entre os interactantes.

Ainda sobre o *silêncio*, voltamos ao trabalho de Saville-Troike (2005), que discute sobre a comunicação não verbal. Para a autora, as pessoas que interagem são influenciadas por determinadas características comunicativas específicas de sua cultura e de sua língua e que a comunicação verbal, tanto quanto a não verbal, são apreendidas do mesmo modo dentro da conduta cultural e linguística da comunidade em questão. Para exemplificar, ela cita a aquisição da competência comunicativa pela criança, quando ela aprende a “não falar” em determinadas

situações e o siginificado que essa estratégia tem em sua comunidade de fala. No contexto desta pesquisa, o *silêncio* é considerado uma estratégia comunicativa de polidez; um ato profilático de preservação da autoimagem em situação de interação com o outro, de modo a envolver regras distintas, evidentemente, entre adultos e crianças, o que foi possível perceber na página 121 deste trabalho.

No que respeita aos atos de fala não-profiláticos previstos por Cunha (2009), trazemos no nosso trabalho, em ordem decrescente: *sugestão, conselho,* com 34,02% de ocorrência; *promessa*, com 16,49%; *expressão de chateação*/*raiva*, com 13,4%; *pedido*, com um percentual de 10,31%; *justificativa*, com 10,31%; *advertência*, com 6,19%; *ordem*, com 5,15%; *agradecimento*, com 3,09%; *elogios*/*expressão de admiração*, com 1,03%.

Além dessas estratégias não profiláticas, percebemos a ocorrência de outras estratégias ainda não previstas na literatura relacionada, mas também pertinentes e frequentes nos eventos. Nesse contexto, evidenciamos novas categorias analíticas que foram capazes de dar conta de um contexto sociocultural específico, como o investigado neste trabalho, uma comunidade quilombola. Portanto, indicamos novas categorias que foram analisadas, a saber: *realização de um questionamento*, com um percentual de 30,06% de ocorrência; *expressão de espanto*, *surpresa*, com 26,38%; *prospecção*, com 12,27%; *resposta ao questionamento*, com 10,43%; *realização de pergunta retórica*, com 9,20%; *resposta à pergunta retórica*, com 4,29%; *chamado*, com 3,07%; *confirmação de uma ideia*, com 2,45%; *aceitação de uma sugestão*, *comparação* e *apresentação de uma dúvida*, com um total de 0,61%, como demonstrado no capítulo 5.

Além dos atos não-profiláticos, evidenciamos também estratégias de polidez por intermédio de máximas interacionais. As descritas por Cunha (2009) são: *ser indireto*, *usar perguntas*, *rodeios*, com 22,86% de ocorrência; *demonstrar concordância*, com 20%; *brincadeiras (temáticas)*, com 20%; *evitar discordância*, com 13,33%; *criar envolvimento*, com 11,43%; *brincadeiras não-temáticas*, com 8,57%; *demonstrar interesse pelo outro*, com 2,86%; *demonstrar aprovação ou simpatia pelo outro*, com 0,95%; e *impessoalizar o falante ou o ouvinte*, com 0%. Além dessas categorias, e a partir delas, sugerimos como categorias analíticas possíveis, relativas às máximas interacionais: *descrever um fato*, com um percentual de 97,06% de ocorrência; e *negar um fato*, com um total de produção de 2,94%.

Este estudo contribui para a área, a partir da análise de dados que revelam uma produção de estratégias de polidez e preservação da face diante do outro, na qual foi possível identificar, descrever e analisar estratégias comunicaticas produtivas em eventos comunicativos dos monteirenses, as quais atravessam um discurso relativo à situação de comunicação e papéis

sociais atribuídos aos interclocutores. Em se tratando de atos profiláticos, evidenciamos o ato de silenciamento, em que o falante tende a esconder a sua face perante o outro, a fim de se resguardar e preservar a sua autoimagem. Percebemos essa estratégia como relevante em nossas observações, sobretudo no contexto do primeiro evento, reunião da associação dos moradores, um evento formal, ao contrário dos demais em que teve recorrência reduzida ou nula, em eventos não formais. Por tratar-se de um contexto de formalidade, os participantes se mantêm atentos, buscando se resguardar de fututos infortúnios.

Assim, percebemos que o *silêncio* é uma estratégia que se localiza dentro da preservação da autoimagem como uma categoria ou subcategoria analítica, embora não esteja prevista no modelo de Cunha (2009) que nos orienta neste trabalho. Para se obervar tal estratégia, foram importantes o registro e a descrição dos eventos comunicativos, através dos componentes etnográficos de Saville-Troike (2005) e Hymes (1976), bem como as contribuições de Goffman (1970) sobre os rituais da interação.

No tocante aos atos não profiláticos, a nossa contribuição reside nos achados de categorias analíticas que são percebidas e recebidas como possibilidades de análise em contextos interacionais. Em relação ao contexto comunicativo do Povoado Monteiro de Timon (MA), evidenciamos como categorias ainda naõ descritas em pesquisa desta natureza: *realização de um questionamento*; *expressão de espanto, surpresa*; *prospecção*; *resposta ao questionamento*; *realização de pergunta retórica*; *resposta à pergunta retórica*; *chamado*; *confirmação de uma ideia*; *aceitação de uma sugestão*; *comparação*; e *apresentação de uma dúvida*.

Contribuimos também com os achados sobre as máximas interacionais, tendo em vista que encontramos as seguintes estratégias: *descrever um fato*; e *negar um fato*. Tais estrátegias de comunicação são importantes para a análise da polidez, em virtude de que demonstra modos de suavização de determinados atos em situações de contato entre os falantes envolvidos em situações diversas de interação.

O uso de estratégia é, portanto, uma competência de essencial importância para o desenvolvimento da comunicação humana. Consequentemente, depreendemos que sobre ela recai uma responsabilidade significativa mediante atos verbais e não verbais na comunicação, em razão de ser, a nosso ver, uma necessidade voltada à interação social, através das quais os falantes desempenham distintos papéis com finalidades diversas: se projetar enquanto sujeito em um ato comunicativo, solucionar problemas etc. Por fim, evidenciamos, por meio de situações comunicativas cotidianas, formais e informais, que as estratégias de comunicação cumprem um papel preponderante no ato comunicativo e que merecem atenção investigativa,

em virtude, ainda, de agregar novas estruturas linguísticas ou sociolinguísticas, a considerar a diversidade da língua e a prática social intrínseca a ela.

A existência humana se efetiva pela interação linguística e comunicativa, no sentido de garantir a sua produção, recepção e reprodução, já as funções da linguagem, enquanto especificidades da língua, destacam características de grupos sociais que refinam os processos interacionais, e as estratégias comunicativas inter e intragrupais asseguram as intenções do ato comunicativo para garantir e preservar direitos essenciais à manutenção do grupo. Enquanto atos, tais estratégias se revestem de ações coletivas que as possibilitam como ações e reações construídas e compartilhadas no processo interacional.

Este estudo não traz uma análise que engloba todas as estratégias comunicativas da comunidade quilombola em questão. Logo, o nosso foco consistiu nos atos profiláticos, atos não profiláticos e máximas interacionais, como estratégias de polidez possíveis no ato interativo. Contudo, é necessário destacar que não objetivamos esgotar tais estratégias, mas apresentar um retrato sociocomunicativo do Povoado Monteiro, a partir de uma amostra de dados delimitada em quatro eventos comunicativos distintos.

A partir da nossa contribuição prático-teórica, é possível que esta pesquisa se estenda na própria comunidade em outras instâncias, bem como em outras comunidades tradicionais, para que se possa descobrir outras estratégias. Embora este estudo não tenha sido explicitamente voltado para a socilinguística interacional, o trabalho do Goffman como um dos mentores dessa área nos trouxe aqui resultados de estratégias comunicativas presentes no ato interacional, conforme propõe essa corrente teórica. Como proposição para pesquisa futura, que poderá ser realizada por nós ou a quem interessar, sugerios a realização de um estudo que correlacione a consideração dessas estratégias enquanto pistas de contextualizadas, com um rigor que exige.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Cláudia Menezes. **O português falado na baixada maranhense:** uma análise sociointeracionista da fala de Viana-MA. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2015.

ARRUTI, J. M. A. As comunidades negras rurais e suas terras: a disputa em torno de conceitos e números. **Dimensões**, Vitória, v. 14, p. 243-269, 2002.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John J. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). 2. ed. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. **Pelas falas do Canto**: uma etnografia. 1988. 316f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem, 1988.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. Da antropologia à etnografia da comunicação: perspectiva teórico-metodológica da sociolinguística. *In*: COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da; IBIAPINA, Darkyana Francisca; AMORIM, Thiago de Sousa. (Orgs.). **Práticas interacionais no ensino de língua materna**: um olhar etnográfico. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CUNHA, Eva Carolina da. **Estratégias de polidez na interação em aulas *Chat***. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/eva-cunha.pdf Acesso em: 11 maio 2022.

ERICKSON, Frederick. Descrição etnográfica. *In*: MATOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **Etnografia na educação**: textos de Frederick Erickson, 2004a. Disponível em: file:///C:/Users/Thiago%20Amorim/Downloads/e-bookEtnografia_na_Educacao.pdf. Acesso em: 31 abr. 2021.

ERICKSON, Frederick. Microanálise. *In*: MATOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **Etnografia na educação**: textos de Frederick Erickson, 2004b. Disponível em: file:///C:/Users/Thiago%20Amorim/Downloads/e-bookEtnografia_na_Educacao.pdf. Acesso em: 31 abr. 2021.

ERICKSON, Frederick. Registros audiovisuais como fonte primária de dados. *In*: MATOS, Carmen Lúcia Guimarães de. (Org.). **Etnografia na educação**: textos de Frederick Erickson,

2004c. Disponível em: file:///C:/Users/Thiago%20Amorim/Downloads/e-bookEtnografia_na_Educacao.pdf. Acesso em: 31 abr. 2021.

ERICKSON, Frederick. O que faz a etnografia na escola "etnográfica"?. *In*: MATOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **Etnografia na educação**: textos de Frederick Erickson, 2004d. Disponível em: file:///C:/Users/Thiago%20Amorim/Downloads/e-bookEtnografia_na_Educacao.pdf. Acesso em: 31 abr. 2021.

EZPELETA, Justa. Notas sobre pesquisa participante e construção teórica. *In.*: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. (Orgs.). **Pesquisa participante**. Traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, 1986, p. 77-93.

FRITZEN, Maristela Pereira. O olhar da etnografia no fazer pesquisa qualitativa: algumas reflexões teórico-metodológicas. *In*: FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inês Probst. (Orgs.). **O olhar da etnografia em contextos educacionais**: interpretando práticas de linguagem. Blumenau: Edifurb, 2012.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). 2. ed. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013a.

GOFFMAN, Erving. Footing. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). 2. ed. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013b.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1970.

GUIMARÃES, Carlos Magno. **Uma negação da ordem escravista:** quilombos em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Ícone, 1988.

GUIMARÃES, Sílvia Bragatto. **A construção de face e a (im)polidez linguística em entrevistas de Veja**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3720/1/tese_3983_Disserta%c3%a7%c3%a3o%20S%c3%8dLVIA%20BRAGATTO%20GUIMAR%c3%83ES.pdf Acesso em: 10 maio 2022.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualizações. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). 2. ed. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HYMES, Dell. La sociolingüística y la etnografía del habla. *In*: Ardener, Edwin. *et. al*. (Orgs.). **Antropología social y lenguaje**. Tradução para o espanhol: César Tomás Aira. Buenos Aires, Paidós, 1976, p. 115-152.

INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Negros do Ribeira: reconhecimento étnico e conquista do território (Cadernos do ITESP, n. 3). São Paulo, SP: Páginas & Letras, 2000.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Abordagem intercultural da polidez linguística: problemas teóricos e estudo de caso. *In.*: CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SEARA, Isabel

Roboredo; GUARANHA, Manoel Francisco. (Orgs.). **Descortesia e cortesia**: expressão de culturas. São Paulo: Cortez, 2017, p. 17-55.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **Os usos cotidianos de escrita e as implicações educacionais**: uma etnografia. Teresina: EDUFPI, 1996.

MOURA, Clóvis. **Quilombos:** resistência ao escravismo. São Paulo: Editora Ática, série Bom Livro, 1993.

NASCIMENTO, Jaqueline dos Santos Nascimento. **Relações de sexo/gênero e polidez linguística na fala de universitários de Lagarto/SE**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5725/1/JAQUELINE_SANTOS_NASCIMENTO.pdf Acesso em: 10 maio 2022.

NERY, T. C. S. Saneamento: ação de inclusão social. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 313-321, 2004.

OLIVEIRA, M. do C. L.; PEREIRA, M. das G. D. A sociolinguística e os estudos da interação. In. MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JÚNIOR, C. (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

PADILHA, Jamille Antas. **Estratégias de polidez e mal-entendidos no fórum de notícias de um AVA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9750/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20-%20JAMILLE%20ANTAS%20PADILHA.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 10 maio 2022.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt Acesso em: 16 maio 2022.

PHILIPS, Susan U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ROCKWELL, Elsie. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. *In*.: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. (Orgs.). **Pesquisa participante**. Traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, 1986, p. 31-54.

SANTOS, Maria Elena Pires. A pesquisa qualitativa/etnográfica como uma possibilidade interdisciplinar. *In*: FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inês Probst. (Orgs.). **O**

olhar da etnografia em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagem. Blumenau: Edifurb, 2012.

SATHLER, Erika Hoth Botelho. **Estratégias de polidez utilizadas por brasileiros em situações de elogio: um estudo sociointeracional**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8752/1/2011_ErikaHothBotelhoSathler.pdf Acesso em: 10 maio 2022.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **Etnografía de la comunicación**: una introducción. 1. ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

SEARA, Isabel Roboredo. Contributo para o estudo da (des)cortesia verbal: estratégias de atenuação e de intensificação nas interações. *In*.: CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SEARA, Isabel Roboredo; GUARANHA, Manoel Francisco. (Orgs.). **Descortesia e cortesia**: expressão de culturas. São Paulo: Cortez, 2017, p. 233-265.

ANEXOS

ANEXO 1 – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO PROJETO AO CEP

UFPI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO

COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DA COMUNIDADE RURAL MONTEIRO DE TIMON (MA): contributos sociolinguísticos e etnográfico

Pesquisador: THIAGO DE SOUSA AMORIM

Versão: 3

CAAE: 42425121.1.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 005961/2021

Patrocionador Principal: Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio

UFPI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO

Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio
Financiamento Próprio

Informamos que o projeto CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DA COMUNIDADE RURAL MONTEIRO DE TIMON (MA): contributos sociolinguísticos e etnográfico que tem como pesquisador responsável THIAGO DE SOUSA AMORIM, foi recebido para análise ética no CEP UFPI - Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Petrônio Portela em 26/01/2021 às 09:45.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO 2 – PAREC ER DO CEP

UFPI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DA COMUNIDADE RURAL MONTEIRO DE TIMON (MA): contributos sociolinguísticos e etnográfico

Pesquisador: THIAGO DE SOUSA AMORIM

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 42425121.1.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.778.873

Apresentação do Projeto:

A proposta em análise traz o projeto de Doutorado "CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DA COMUNIDADE RURAL MONTEIRO DE TIMON (MA): contributos sociolinguísticos e etnográficos", sob a responsabilidade do pesquisador THIAGO DE SOUSA AMORIM, participante do PPGEL/UFPI.

O tema deste projeto gravita em torno das variações linguísticas existentes na comunidade rural Monteiro, de Timon (MA), de modo que seja estabelecida uma relação entre a língua e os aspectos socioculturais da referida localidade, tal como preconiza a etnografia da comunicação. Serão considerados os fenômenos de variação em diferentes níveis: fonético-fonológico, morfossintático e lexical. O objetivo geral é investigar aspectos sociolinguísticos e culturais peculiares à comunidade rural Monteiro de Timon (MA), sob um viés etnográfico. Para cumprirmos tal objetivo, a fundamentação teórica dar-se-á à luz de autores que contribuem teórica e metodologicamente para a sua realização. Eis alguns deles: Antenor Nascentes (1965), Dell Hymes (1976), Mário Marroquim (1996), Fernando Tarallo (2002), Willian Labov (2008), Stella BortoniRicardo (2008, 2014), Dante Lucchesi (2009), Amadeu Amaral (2020). Em relação à metodologia, trata-se de um estudo de cunho etnográfico, cuja base será a Etnografia da Comunicação de Muriel Saville-Troike (2005).

INTRODUÇÃO:

Este projeto trata sobre a comunidade rural Monteiro, localizada aproximadamente a 1h do

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

Outros	fichadecaracterizacaodossujeitos.pdf	14:03:42	AMORIM	Aceito
Outros	instrumetodecoletadedados.pdf	24/01/2021 14:02:43	THIAGO DE SOUSA AMORIM	Aceito
Outros	cartadeencaminhamento.pdf	24/01/2021 14:01:24	THIAGO DE SOUSA AMORIM	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	24/01/2021 14:00:02	THIAGO DE SOUSA AMORIM	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodopesquisador.pdf	24/01/2021 13:59:48	THIAGO DE SOUSA AMORIM	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	24/01/2021 13:58:13	THIAGO DE SOUSA AMORIM	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

TERESINA, 14 de Junho de 2021

Assinado por:
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
(Coordenador(a))

ANEXO 3– MODELO DO TCLE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada "CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DA COMUNIDADE RURAL MONTEIRO DE TIMON (MA): contributos sociolinguísticos e etnográfico". Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Thiago de Sousa Amorim, da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e tem como objetivos investigar aspectos sociolinguísticos e culturais peculiares à comunidade rural Monteiro de Timon (MA), sob um viés etnográfico, bem como, identificar as variações linguísticas presentes na comunidade rural Monteiro de Timon (MA), com enfoque em uma das variantes: fonético-fonológica, morfossintática ou lexical, ou em todas elas, a depender de sua importância sociocultural para a comunidade; descrever as atitudes linguísticas com base nas avaliações e crenças a respeito da língua e da cultura circulares na comunidade; analisar o comportamento sociolinguístico dos interlocutores, materializado por intermédio da relação entre os aspectos linguísticos e culturais naturais da comunidade.

Esta pesquisa tem por finalidade trazer alguns benefícios aos participantes, tais como: conhecer melhor o seu modo de falar, bem como as diferenças dialetais existentes entre sua comunidade e outras adjacentes. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura deste termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através do seguinte telefone (86) 99831-3151. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da– UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina – PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntaria, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa a necessidade de estudos que possam trazer contribuições a investigações da área, visto que se propõe a fazer uma análise da situação sociolinguística da comunidade, bem como apresentar uma compreensão das atitudes linguísticas dos interlocutores evidenciadas mediante suas avaliações e crenças relativas tanto

à própria língua e cultura quanto as das pessoas de outros lugares. Vê-se, assim, uma forma de colaborar para a descrição de uma variedade específica do português brasileiro e para o conhecimento de aspectos culturais de minorias étnicas com origem africana, considerando que a sua cultura vem sendo descriminalizada e marginalizada desde tempos remotos. Assim, espera-se apresentar novos fatos de linguagem para o proeminente debate acerca da expressiva interferência de línguas africanas na constituição e caracterização histórica e identitária do português do Brasil. Para sua realização, serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados, com o auxílio de fichas de campo, entrevistas (orais) sobre assuntos diversos (como família, história local, trabalho, lazer etc.), as quais serão filmadas e gravadas, tendo-se como foco situações de interação comunicativa entre os nativos da comunidade rural Monteiro, em Timon (MA): a) Conversas com pessoas que conhecem a Comunidade Quilombola em apreço, a fim de buscar informações acerca de aspectos peculiares à vida dos habitantes; b) Conversa acerca de diversos assuntos, que permeiam o dia a dia do interlocutor; c) Em seguida, será preenchida a ficha social de identificação do interlocutor com os seus respectivos dados pessoais; d) Posteriormente, será aplicado o roteiro da entrevista; e) Por último, serão observados os Eventos de Fala, em que será possível uma apreciação sistemática sobre a relação entre aspectos linguísticos e culturais na comunidade.

Considerando as ações referidas para a produção de dados, ressaltamos que elas poderão ser realizadas com diferentes participantes. Por exemplo, nas ações -a e -b, levaremos em consideração a disponibilidade do interlocutor e o seu conhecimento sobre aspectos histórico-culturais da comunidade. Já nas ações das letras -d e -e, poderão participar membros da comunidade os quais estejam envolvidos em eventos de fala cotidianos, como reuniões da associação, cultos religiosos, conversas entre amigos, rodas de jogo etc. Todas as ações serão realizadas em dias diferenciados, entre agosto de 2021 e janeiro de 2022. Como se trata de uma pesquisa etnográfica, a qual requer o convívio do pesquisador na comunidade, não faremos uma delimitação de encontros, pois as ações podem ocorrer de forma espontânea, sem marcação prévia.

A presente proposta de pesquisa na comunidade Monteiro, Timon (MA), apresenta riscos mínimos aos informantes. Os riscos propensos a suceder é o fato de que eles serão convidados a realizar as atividades propostas nos instrumentos de coleta de dados, e, neste momento podem apresentar aspectos pessoais e frequentemente íntimos de sua vida particular, de modo a construir certo constrangimento e desconforto entre pesquisador e informante. Ademais, a pesquisa pode trazer benefícios aos participantes, tais como: conhecer melhor o seu modo de falar, bem como as diferenças dialetais existentes entre sua comunidade e outras adjacentes.

Contudo, apresentamos preocupação de contornar tais ricos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, bem como fazer análise prévia das questões a serem utilizadas nos instrumentos, atentando-se para a presença de tópicos de sensibilidade, de sigilo, de confidencialidade e de anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo e preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

A investigação está pautada no respeito ao participante, assegurando-lhe sua vontade de contribuir e permanecer ou não na pesquisa, por meio da manifestação expressa, livre e esclarecida. Assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando sua inteireza e dignidade durante e depois da pesquisa, conforme os padrões estabelecidos pela Instituição na qual será feita a pesquisa.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu _____declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

( ) Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
( ) Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
( ) Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

_____
Assinatura do Participante

_____
Assinatura do Pesquisador Responsável